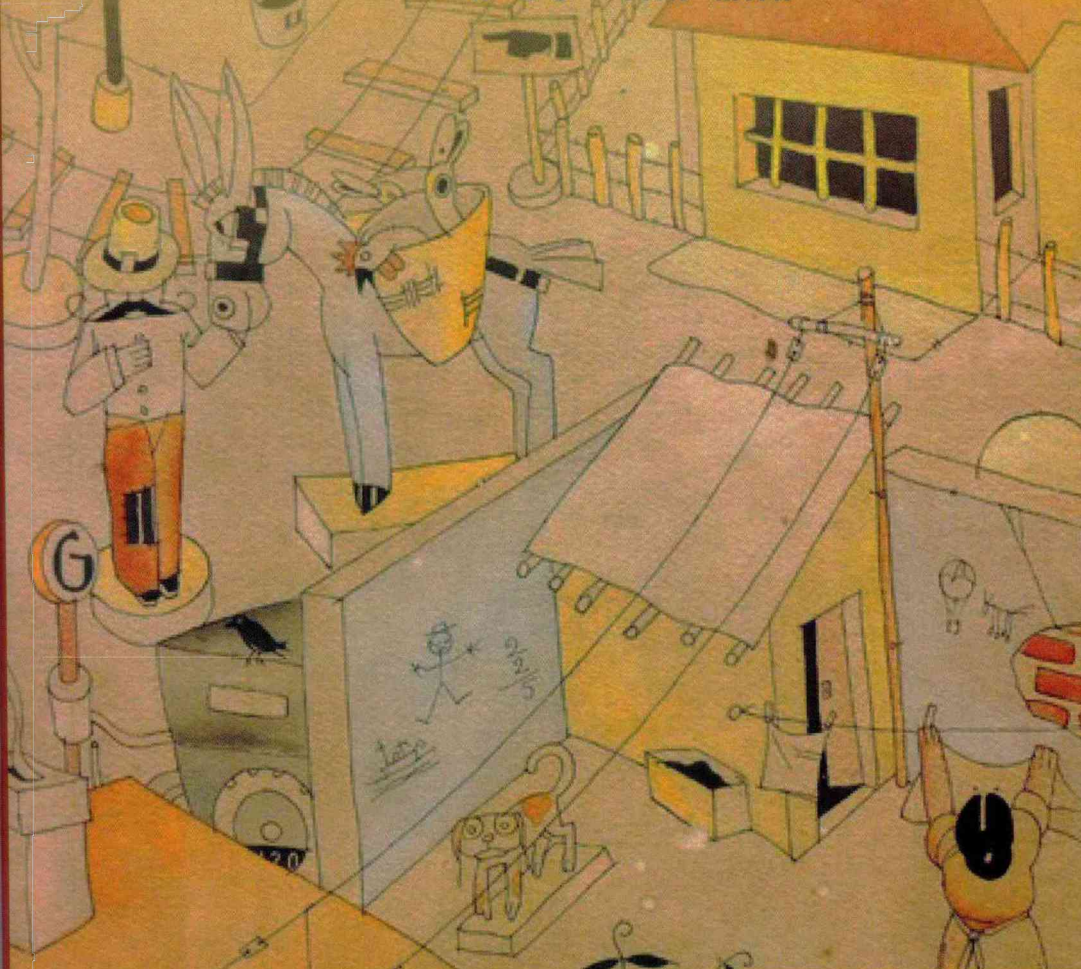


REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

2022

Nº 70 - JAN-MAR



- ◆ REGISTROS DO MODERNISMO NA ANRL
- ◆ ARTIGOS, ENSAIOS, CONTOS E POEMAS

**ACADEMIA NORTE-
RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Fundada em 1936

Rua Mipibu, 443 – Petrópolis

Natal/RN CEP. 59020-250

Fone: (84) 3221-1143

E-mail: academianrl@gmail.com

Instagram

@academianrl

Site

anrl.com.br/site

DIRETORIA DA ANRL

Presidente

Diógenes da Cunha Lima

Vice-Presidente

Jurandyr Navarro

Secretária Geral

Leide Câmara

2º Secretário

Iaperi Soares de Araújo

Diretor Financeiro

Humberto Hermenegildo
de Araújo

Diretor da Biblioteca

Marcelo Alves Dias de Souza

Diretor da Revista

Manoel Onofre Jr.

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2022**
Nº 70 - JAN/MAR

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 70

NATAL, JANEIRO / MARÇO - 2022

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado

Arte da capa: Erasmo Xavier (Por gentileza de Rejane Cardos e Vicente Serejo)

Catlogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.70
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 70, Jan/Mar.2022

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

REVISTA DA ANRL 70 ANOS, 70 EDIÇÕES.

A Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras chega a sua septuagésima edição, referente ao primeiro trimestre de 2022, fato inédito em se tratando de um periódico literário-cultural no Estado. Distribuída para toda a comunidade, de forma gratuita, num momento muito oportuno, a publicação comemorou, em agosto do ano passado 70 anos de história, dentro dos 85 anos da Instituição, fundada por Câmara Cascudo e um grupo de intelectuais em 14 de novembro de 1936.

Junte-se a esse fato que merece registro, outro dado importante, o periódico está numa fase de nove anos de atividades ininterruptas, inclusive enfrentando esses anos de pandemia (Covid 19), sem parar. Vejam a situação da cultura do Brasil no momento, tudo estagnado, seja por conta do vírus, ou de falta de investimento e programas culturais do governo federal.

Vale salientar que essa nova fase da revista começou em julho de 2013, quando a convite do Presidente da ANRL, Diogenes da Cunha Lima e do Diretor da Revista, Manoel Onofre Junior, viemos colaborar como editor, dando início à publicação trimestral do periódico, que passou a circular regularmente de janeiro de 2014 até os dias atuais.

A primeira edição da Revista da ANRL foi publicada em agosto de 1951, e teve como primeiro diretor o escritor Nestor Lima. Com o passar dos anos outros diretores foram assumindo - Luís da Câmara Cascudo, Aderbal de França, João Wilson Mendes Melo - todavia o periódico sempre com tiragens irregulares, devido as dificuldades que todos nós conhecemos em publicar na província. Às vezes, passavam-se anos sem sair uma edição sequer, e como bem falamos, a partir da edição janeiro/março de 2014, a revista renasceu, inclusive do ponto de vista estético, com tiragens regulares, trimestralmente, superando qualquer outro periódico cultural do Estado



ao longo dos anos, frisando-se que , no momento, não existem, pelo menos de forma oficial, outros periódicos culturais em circulação no Rio Grande do Norte; isso só reforça a importância da Revista da ANRL para a nossa cultura literária, sobretudo registrando uma época muito fértil das nossas letras, com vários escritores publicando nos quatro cantos do Estado, com o surgimento de vários polos culturais, além de haver um forte crescimento na área de estudos e pesquisas sobre a literatura potiguar no âmbito das universidades, vide a quantidade de dissertações e teses sobre autores norte-rio-grandenses surgidas nos últimos anos na UFRN e na UERN.

Comemorando sua fase mais prolífica e regular, a revista, em atenção a uma ideia surgida através de conversas com o jornalista e escritor Edson Soares, resolveu publicar em suas capas, quadros dos principais artistas plásticos do Estado. A estreia se deu com a edição de número 55, abril/junho, de 2018, com uma tela de Dorian Gray Caldas.

Outro dado importante, uma das principais características da nova etapa da revista, a abertura para a comunidade literária, abrindo e ao mesmo tempo unindo a Academia com a intelectualidade potiguar, abertura esta praticamente inédita, e também cedendo espaços para publicação de trabalhos de pesquisadores, estudantes e professores, da UFRN, UERN, IFRN, UNP, fazendo inclusive com que a revista conseguisse obter o seu primeiro Qualis (sistema brasileiro de avaliação de periódicos), o primeiro do Estado para um periódico desse segmento.

No início de 2014, na edição que marcou a retomada da revista, que estava sem circular desde 2011, fizemos uma parceria com a CJA Edições e a Offset Gráfica, comandada por Ivan Júnior, para tomarem conta da diagramação e impressão da revista, e tivemos a capa criada pelo editor Cleudivan Janio, através de um esboço feito, anos antes, por Nei Leandro de Castro. Como manchete, na capa, um artigo de Diogenes da Cunha Lima sobre Câmara Cascudo, e uma homenagem ao escritor recém-falecido Pedro Vi-

cente. Essa capa trazia o selo que foi lançado pelos Correios em 1998 em memória de Câmara Cascudo. A edição seguinte, nº 39, trazia artigo da recém-eleita acadêmica Leide Câmara, em comemoração aos 91 anos da “Serenata do Pescador”, do poeta Othoniel Menezes, e dois textos inéditos de Câmara Cascudo, entre outros. Homenagens a Cascudo não faltaram nas edições seguintes, além, claro, de uma especialmente dedicada à sua filha, escritora e acadêmica Anna Maria Cascudo Barreto, que até pouco antes de falecer colaborava com diversos textos no periódico.

A partir da edição nº 43, a revista ganha nova proposta editorial, com a designer Diolene Machado dando-lhe outra roupagem, inclusive nova capa, inspirada na *pop art*. Com a ativa participação de acadêmicos e da comunidade literária, a revista foi ficando mais volumosa e ascendendo em conteúdo; afora textos literários, temas de história e cultura, pesquisas e estudos diversos ganhavam cada vez mais espaço. Vale ainda dizer que, nos bastidores, trabalhávamos com afinco na distribuição da revista, para que ela chegasse ao maior número de leitores possível. Devemos frisar que ela é gratuita, e pode ser retirada na Instituição diariamente por qualquer interessado.

Destacamos também a edição 44, em que foi feita grande homenagem ao recém-falecido acadêmico Ticiano Duarte e que trazia conto praticamente desconhecido de Câmara Cascudo, publicado em 1928 na revista *Feira Literária*. Nas edições seguintes, as mulheres acadêmicas, sempre atuantes na revista, também mostraram voz e vez, por exemplo, a escritora e poeta Diva Cunha, com a homenagem às mulheres de letras, Zila Mamede e Nisia Floresta, dentre outros temas e assuntos, além da abertura de espaço para escritoras representativas da nossa literatura contemporânea, como Clotilde Tavares, Carmen Vasconcelos, Cellina Muniz, Marize Castro, Anchella Monte, Constância Lima Duarte, Rizolette Fernandes... numa demonstração de que a revista está atenta ao que acontece na comunidade literária. E também acolheu, em suas páginas, alguns dos principais nomes da nossa literatura atual

como Osair Vasconcelos, Racine Santos, Aldo Lopes de Araújo, François Silvestre, Francisco Sobreira, Demétrio Diniz, David de Medeiros Leite, Tarcísio Gurgel, e escritores de outros estados, como Sânzio de Azevedo, Marco Luchesi, Enéas Athanázio e Hildeberto Barbosa Filho.

A partir da edição 47, nova capa, sempre com mais literatura, poesia, ensaios, contos e crônicas. Na edição 48 homenageou-se o escritor Hélio Galvão, sendo esta uma das edições que se esgotaram mais rapidamente, quase que no dia do lançamento, realizado na Academia. Essa edição iria marcar uma série de quatro edições equivalentes a um ano de tiragem sob patrocínio da lei municipal Djalma Maranhão, com apoio da Casa de Saúde São Lucas, Fundação Capitania das Artes, presidida pelo poeta Dácio Galvão, eleito para os quadros da instituição em 2020.

Em novembro de 2016, a Academia Norte-rio-grandense de Letras completou 80 anos, e a revista trouxe vários textos de acadêmicos celebrando a data, além de textos outros com documentos da vanguarda natalense sobre os 50 anos do poema-processo. Nota-se também que já era visível no periódico a participação esporádica dos poetas dessa geração como Jarbas Martins, Anchieta Fernandes e Falves Silva, o primeiro, eleito para a cadeira nº 20 da Academia.

Mantendo uma tradição de mudar as capas anualmente, a edição número 50 trouxe dezenas de textos, em homenagem a Dorian Gray Caldas, que era, então, um dos nossos maiores artistas vivos, e trouxe também uma entrevista que ele nos concedeu, meses antes de falecer. Outras homenagens foram prestadas a acadêmicos do passado e do presente, como, por exemplo, Nestor Lima, Paulo Bezerra, Sanderson Negreiros, Dom Nivaldo Monte, afora dezenas de discursos de saudação e posse, numa fase em que foram eleitos para a ANRL importantes intelectuais potiguares, embora alguns equívocos tenham sido cometidos.

Em 2019, foi publicada edição especial em homenagem às mulheres escritoras, com a participação de diversas autoras, tendo



como foco grandes nomes femininos do nosso Estado na área cultural. Em 2021, a revista prestou uma homenagem aos 17 anos do Núcleo de Estudos Câmara Cascudo, publicando estudos de diversos pesquisadores do núcleo, ligados à UFRN: Alexandre Alves, Cássia Matos, Aparecida Rego, e Humberto Hermenegildo de Araújo, um dos fundadores do orgão e também acadêmico da ANRL.

Nessa nova fase, com as mudanças efetuadas já foram capa da revista, artistas como o já citado Dorian Gray Caldas, Abrahan Palatnik, Newton Navarro, Iaperi Araújo, Leopoldo Nelson, Aécio Emerenciano, Jussier Magalhães, e, como uma amostra da nova geração, o poeta e artista plástico Alfredo Neves. O colecionador de artes Manoel Onofre Neto, nos cedeu gentilmente algumas de suas telas para que fossem estampadas nas capas de várias edições, como, por exemplo, dos artistas Fernando Gurgel, Tomé Filgueira, Túlio Fernandes, Flávio Freitas, Maria do Santíssimo., Assis Marinho e Iaponi Araújo.

Reforçamos que, com a chegada da pandemia de covid 19 no início de 2020, a revista não parou em nenhum momento, continuou firme em sua jornada cultural, com a missão de levar um conteúdo diversificado aos seus leitores e também com a preocupação de montar uma espécie de painel, inclusive mostrando os novos valores que têm surgido nesses últimos tempos em nossa literatura.

Thiago Gonzaga
Editor



GERALDO NA ACADEMIA*

Diogenes da Cunha Lima

Geraldo Melo, ex-governador, ex-senador, é o mais novo integrante da Academia-Norte-Riograndense de Letras.

As Academias não são somente de quem escreve, mas de quem faz história. Tem razão o autor que isso reconheceu pela primeira vez. Hoje, sempre repetida pelo acadêmico Lívio Oliveira.

Foi justa e merecida a homenagem que lhe prestaram os nossos acadêmicos. Geraldo fez história no Estado, no Brasil e até no exterior. Ele representou o Brasil e o Parlamento brasileiro na Conferência dos Presidentes do Senado do mundo (2002) em Paris e Roma. Destinado, fez o discurso de abertura do conclave.

Geraldo Melo iniciou o planejamento governamental no Rio Grande do Norte, trouxe para nós rádio e tevê. E foi industrial que enalteceu Ceará Mirim.

O governo federal deu calote às indústrias de álcool e açúcar, levando as empresas a dificuldades insuperadas. Muitos anos depois, o governo tenta reparar o erro. O sempre deputado Henrique Alves anunciou que o ressarcimento do empresário prejudicado está previsto no próximo orçamento da República.

O novo *imortal* não foi eleito acadêmico por fazer história, mas por mérito literário. Fez jornalismo inteligente e é um mestre da arte oratória. Os seus discursos são memoráveis peças literárias.

O romancista de “Luzes e Sombras do Casarão” fez obra-prima da ficção regional. É natural colocá-lo entre os grandes ficcionistas do Nordeste. Os escritores Ivan Maciel e Vicente Serejo receberam e anunciaram a beleza de sua prosa poética. Tive o privilégio de escrever o prefácio.



A quem lhe perguntava se seria candidato à Academia, respondia com bom humor: “você sabe que eu não tenho uma gripe. Como assim poderia recusar o oferecimento da imortalidade?”.

A sua posse foi marcada pelo discurso lido pelo seu irmão, também excelente escritor, Antônio Melo. Do seu pensar, “Somos imortais na medida em que deixamos registradas, por escrito, nossas ideias e sua rica pluralidade de visões e percepções do mundo. Nossa eternidade está bem guardada na fraternidade desse belo destino comum que é a magia de sermos iguais.”

O novo acadêmico retrata a sua infância vivida em Campo Grande, velho sertão. Em verdade, situa-se em tempo anterior à internet, uma fazenda de gado. Registra costumes, realça valores sertanejos. Usa a bela e expressiva linguagem do povo, enfim, expõe o *glamour* do povo interiorano.

Os personagens cumprem valores locais. A coragem, a lealdade, o respeito à hierarquia, a usança de tradição, a repetição de gestos herdados. O comportamento é ditado por um verdadeiro código de honra, que protege e conduz a vida diária. São retratados heróis, o super-herói que ouve até o silêncio, Tonho do Umbuzeiro e alguns anti-heróis. O pior destes, Tubiba, recebe o castigo merecido. Passarinho, o matador profissional, tem a virtude de bem trabalhar nas lides do campo.

* Publicado na *Tribuna do Norte*, Natal, RN, 02/01/2022.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de *Os Pássaros da Memória*, *Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz* e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



REGISTROS DO MODERNISMO NA ANRL

Humberto Hermenegildo de Araújo

A Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL), fundada em 1936, é produto de um empenho direcionado à sistematização da atividade literária local, com o intuito de incluir, na história da literatura, poetas e escritores que dariam um estatuto literário ao estado que se modernizava. Tal processo foi iniciado nos anos 1920, quando foram publicados, por exemplo: a *Revista do Centro Polymathico*; os livros *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), ambos de Luís da Câmara Cascudo; e a coletânea *Poetas Rio-grandenses do Norte* (1922), de autoria de Ezequiel Wanderley (1872-1933). No ano de 1925, surgiram o Instituto de Letras do Atheneu e a Escola de Belas Artes.

Fundada no contexto do ainda recente modernismo brasileiro, a ANRL fez convergir, para o seu quadro de patronos e acadêmicos, vários intelectuais que atuaram no movimento e deram, à literatura local, um aspecto até então inusitado: a participação síncrona em um acontecimento literário de abrangência nacional. Como modernistas, Câmara Cascudo e Jorge Fernandes representam vários intelectuais locais que tomaram parte, de alguma forma, no movimento que consolidou o sistema literário brasileiro.

Os registros das publicações dos acadêmicos, sobre o modernismo, possibilitam a análise de pontos de vista diversos e indicam, para a atualidade, a dimensão dos impactos da literatura moderna na cultura local e nacional, aspecto fundamental para novas pesquisas.

Os títulos seguintes podem servir de ponto de partida a investigações sobre a permanência da memória modernista no âmbito da ANRL, com reverberações atuais, no ano da comemoração dos 100 anos da Semana de Arte Moderna.

Como se trata apenas de um indicativo, selecionei com prioridade títulos relacionados aos dois protagonistas do movimento,



referidos. A indicação se dará por cadeira e as publicações na *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras* terão como referência a sigla RANRL:

Cadeira 2 – Humberto Hermenegildo de Araújo

Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, 1995;

O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes. Natal: Fundação José Augusto, 1997;

Velhos escritos de Jorge Fernandes. Natal: Ofset, 2008. [Coleção Letras Natalenses, Capitania das Artes];

Cartas de escritores: vida literária em epistolografia “modernista”. (Org.). Natal: EDUFRN, 2017;

Vislumbres modernistas no Nordeste dos anos 1920: dos eventos às publicações. In: ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 380-404;

Cadeira 3 – Daladier Pessoa Cunha Lima

Honras a Dorian Gray Caldas. RANRL, n. 51, p. 25-26, abr./jun., 2017;

Cadeira 5 – Manoel Onofre Jr.

Sobre a poesia de Jorge Fernandes. *Salvados: livros e autores norte-rio-grandenses*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2000. p. 114-129;

Sobre a poesia de Jorge Fernandes. *Tribuna do Norte*, Natal, 18 ago. 1974;

Newton Navarro. *Ficcionistas Potiguares*. 2 ed. Natal: Edição do autor, 2010, p.122-144.

O impressionismo e a gênese da pintura moderna. RANRL, n. 40, p. 32-36, jul./set., 2014;

Polycarpo Feitosa e a Academia Norte-rio-grandense de Letras. RANRL, n. 62, p. 84-86, jan./mar., 2020;

Traços para um retrato de Dorian Gray. *Alguma Prata da Casa*. 2 ed. Natal: 8 Editora, 2016, p.141-146.

Cadeira 6 – Gumercindo Saraiva

Jorge Fernandes: um século depois. Natal: Clima, 1987.

Cadeira 8 – Nelson Patriota

Entrevista com Humberto Hermenegildo de Araújo. *Revista do Conselho Estadual de Cultura do RN*, Ano III, n. 3, p. 13-21, 2007;

Cadeira 9 – Dorian Gray Caldas

Jorge Fernandes ou as suas múltiplas possibilidades. *Revista do Conselho Estadual de Cultura do RN*, Ano III, n. 3, p. 61-64, 2007;

Cadeira 9 – Peregrino Júnior

O movimento modernista. Rio de Janeiro: MEC, 1954. (Caderno de Cultura, n. 69);

Cadeira 10 – Dácio Galvão

O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca. Natal: SESC/RN, 2018;

Cadeira 11 – Paulo de Tarso Correia de Melo

Lembranças súbitas de Dorian Gray Caldas pelos museus do mundo... RANRL, n. 31, p. 69-70, jan./jun., 2001;

Cadeira 12 – Veríssimo de Melo

Presença de Jorge Fernandes no movimento modernista. *O Poti*, Natal, 02 nov. 1975, p. 3;

Introdução; Glossário. In: FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 5-21; 141-142;

Dois Poetas do Nordeste: Ascenso Ferreira e Jorge Fernandes. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação-MEC, 1964, (Col. Aspectos);

Jorge Fernandes revisitado. Natal: PRAEU/UFRN, 1982. 31 p. (Série Memória, 1);



Jorge Fernandes poeta da transição. *A República*, Natal, 12 set. 1982;
 Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista. RANRL, n. 24, p. 13-26, maio, 1993;

Cadeira 13 – Luís da Câmara Cascudo

Depoimento... In: FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. Natal: Typografia d'A Imprensa, 1927. p. I-VII;

Jorge Fernandes. In: FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 23-27;

Gente viva. Recife: Editora da UFPE, 1970;

Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2001;

Cadeira 13 – Anna Maria Cascudo Barreto

O colecionador de crepúsculos: etnobiografia de Luís da Câmara Cascudo. Brasília: 2003;

Cadeira 13 – Eulália Duarte Barros

Discurso de posse. RANRL, n. 49, p. 165-184, out./dez., 2016;

Alzira Soriano: mulher de um grande legado. RANRL, n. 58, p. 76-78, jan./mar., 2019;

Cadeira 17 – Ivan Maciel de Andrade

Fios da meada. [textos n. 12, 17, 23 e 79: sobre literatura moderna, Câmara Cascudo, poesia, Octacílio Alecrim]. Natal: Caravela, 2020;

Cadeira 19 – Nilo Pereira

A temporada literária de 1930. RANRL, n. 7, p. 131-140, 1968;

Afonso Bezerra e sua geração. RANRL, n. 7, p. 171-176, 1968;

O ano de 1930 em Natal. RANRL, n. 19, p. 53-60, nov., 1978;

Um poeta que tentou mudar de nome [Manoel Bandeira]. RANRL, n. 19, p. 73-85, 1987;



Cadeira 21 – Valério Mesquita

Os 50 anos de arte de Dorian Gray Caldas. RANRL, n. 31, p. 11-13, jan./jun., 2001;

Cadeira 23 – Jaime dos Guimarães Wanderley

É tempo de recordar. Natal: CERN; Fundação José Augusto, 1984;

Cadeira 23 – Iaperi Araújo

Presença da obra de Abraham Palatnik na Pinacoteca do Estado. RANRL, n. 63, p. 14-18, abr./jun., 2020;

Cadeira 24 – Antídio Azevedo

A Diocésia de Jorge. *A Diocésia*, Natal, 25 dez. 1966;

Cadeira 25 – Inácio Meira Pires

Adherbal de França, o homem e o jornalista. RANRL, n. 12, p. 129-138, 1976;

Cadeira 26 – Diógenes da Cunha Lima

Câmara Cascudo - Um brasileiro feliz. 4ª ed. São Paulo: Escrituras, 2016.

Cadeira 27 – Américo de Oliveira Costa

Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico. RANRL, n. 7, p. 42-80, 1968;

Cadeira 27 – Vicente Serejo

Nos 80 anos de Veríssimo. RANRL, n. 32, p. 35-36, jul./dez., 2001;

Vidas secas, *sécheresse*, *arides*. RANRL, n. 63, p. 19-22, abr./jun., 2020;

Cadeira 28 – Jurandyr Navarro

Dorian Gray, artista primoroso. RANRL, n. 31, p. 32-33, jan./jun., 2001;

Cadeira 29 – Esmeraldo Siqueira

Jorge Fernandes desconhecido. RANRL, v. 27, n. 15, p. 23-32, nov., 1979/80;

A poesia de Manuel Bandeira. RANRL, n. 2, p. 108-114, 1954;

Juvenal Antunes, o inolvidável boêmio. RANRL, n. 2, p. 136-184, 1954;

Cadeira 29 – Itamar de Souza

Panorama do romance potiguar. RANRL, n. 17, p. 77-81, jan./nov., 1982;

Cadeira 30 – Manoel Rodrigues de Melo

O movimento modernista no Rio Grande do Norte I. RANRL, v. 19, n. 8, p. 151-163, maio, 1970;

Cadeira 30 – Diva Cunha

Literatura do Rio Grande do Norte: antologia. Organizadoras: Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo. 2. ed. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte; Fundação José Augusto; Secretaria de Estado de Tributação, 2001;

Um passeio em Natal pelos olhos de Palmyra. RANRL, n. 43, p. 21-33, abr./jun., 2015;

Cadeira 31 – Leide Câmara

Memória acadêmica. Natal: Editora IFRN, 2018;

Cadeira 33 – Carlos de Miranda Gomes

As confrarias e o tempo. Natal: Sebo Vermelho, 2018;

Cadeira 34 – Lenine Pinto

Grande Jorge. *Revista do Conselho Estadual de Cultura do RN*, Ano III, n. 3, p. 43-44, 2007;

Com Jorge Fernandes, precursor do movimento modernista no Brasil. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 nov. 1949;

Cadeira 34 – Ivan Lira de Carvalho

Ligeira investigação sobre o destino da casa de Jorge Fernandes. RANRL, n. 62, p. 75-83, jan./mar., 2020;

Cadeira 37 – Jorge Fernandes

Livro de poemas de Jorge Fernandes. Edição fac-similar de 1927. Natal: Fundação José Augusto, 1997;

Jorge Fernandes: centenário. Natal: RN/Econômico, 1987. p. 69. [documentário elaborado como plano editorial da empresa jornalística “RN/Econômico”, no ano do centenário de nascimento do poeta. Editor: Marcelo Fernandes];

Cadeira 37 – Newton Navarro

Jorge Fernandes. RANRL, v. 20, n. 9, p. 75-90, 1971;

Cadeira 37 – Afonso Bezerra

Livro de poemas. In: *Ensaíos, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967. p. 131-132;

Cadeira 39 – Raimundo Nonato Fernandes

Damasceno Bezerra, poeta e boêmio. RANRL, n. 12, p. 185-192, 1976;

Cadeira 40 – Sanderson Negreiros

Na direção do relâmpago [crônicas sobre Câmara Cascudo, Dorian Gray, etc]. Natal: EDUFRN, 2001.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta, escritor e pesquisador. Professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, *Rastejo* (romance) e *Argueirinha* (poemas).



PEREGRINO JÚNIOR

O REPÓRTER DO MODERNISMO

Vicente Serejo

Natal, cidade onde nasceu e viveu os primeiros anos de sua vida, é certamente o lugar onde menos se conhece e cultiva a vida e a obra intelectuais do modernista Peregrino Júnior - como médico, escritor e jornalista de projeção nacional em todos os campos que atuou.

A afirmação pode parecer ousada e descabida, principalmente pelo papel marcante de nomes modernistas como Câmara Cascudo, Antônio Bento e Jaime Adour da Câmara. No entanto, é bem fácil constatar e demonstrar. Basta seguir sua trajetória, antes de mesmo de chegar à Academia Brasileira de Letras, e até presidi-la, quando atuou como cientista, escritor, crítico, ensaísta e jornalista.

Nem a presença nos dois livros mais recentes do jornalista e escritor Ruy Castro - *Metrópole à Beira-Mar* e *Vozes do Rio*, lançados pela Companhia das Letras, em 2020 e 2021 - este uma antologia dos textos reveladores da vida intelectual nos anos vinte, há um século - iluminou a obra de um escritor consagrado no Brasil e exterior.

A chave para compreender a grande relevância de Peregrino Júnior, hoje diante de outros nomes melhor projetados, deve ser a distância de quase cem anos da obra que publicou diante de uma memória que se deixa roer, pouco a pouco, como se fosse possível apagar o seu nome da história literária.

Não se pode desconhecer a grandeza e o pioneirismo de Câmara Cascudo ao fixar os hábitos, costumes e tradições do homem brasileiro, uma das bases mais relevantes do Movimento Modernista na redescoberta do Brasil. E a contribuição de Antônio Bento de Araujo Lima com os seus grandes e até hoje insuperáveis estudos sobre Ismael Nery, Cândido Portinari e o ensaio sobre as céle-



bres ilustrações de Caribé para a edição histórica de *Macunatma*, da Universidade de S. Paulo; a presença no jornalismo cultural e como representante do Brasil nos juris das bienais de artes plásticas de Paris e Veneza.

Embora com poucos registros, é também imprescindível fixar a participação de Jayme Adour da Câmara. Colaborou com a *Revista de Antropofagia*, privou da amizade dos mais importantes nomes do movimento modernista e foi o conferencista sobre *O Modernismo* no salão nobre da Biblioteca Nacional, tão destacada, à época, quanto a conferência de Mário de Andrade, em 1942, no Rio. Chegou a manter correspondência com Lima Barreto, morto exatamente em 1922, e Mário de Andrade, durante os meses que viveu na Finlândia, quando escreveu o livro *Oropa, França e Bahia*.

O Escritor

A presença de Peregrino Júnior como nome nacional ganha uma relevância maior e permanência fortemente definitiva a partir de 1960, quando a então consagradora Editora José Olympio reúne suas histórias na bela e bem cuidada edição com o título geral de *A Mata Submersa*. É a grande reunião dos seus contos e suas histórias.

Na verdade, Peregrino já produzira uma extensa obra intelectual, marcadamente de inspiração amazônica, onde atuou como médico. E, ao mesmo tempo, até aquele ano de 1960 já reunira mais de uma dezena de ensaios científicos, ele que foi um dos pioneiros no Brasil no estudo da insuficiência da suprarenal, das polinevrites, pressão arterial, tireóide e a dor ciática.

Também não chegara anônimo ao fechado clube da intelectualidade carioca, centro efervescente para todo o Brasil. Em 1929, num reconhecimento precoce, mereceu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras com o livro *Puçanga*, reunião de contos, título editado pela Tipografia Americana.

O Ensaísta

O grande contista não sufocaria o crítico literário e o ensaísta revelados desde cedo, muito antes da consagração do modernista que foi buscar nas lendas e estórias amazônicas o leitmotiv de toda sua obra de ficcionista, seu sopro de vida nos personagens nascidos na floresta.

O cronista de *Vida Fútil*, livro de estreia, editado pela Leite Ribeiro, 1923, e o poeta penumbriista de *Jardim da Melancolia*, seus poemas em prosa, de 1926, logo dariam lugar ao bom contador de estórias extraídas das lendas colhidas nos igarapés amazônicos, daí, tempos depois, a sua *Mata Submersa*.

Antes de *Puçanga*, primeiros contos, publica na revista *Feira Literária*, São Paulo, dois contos: *O Cangaceiro Zé Favela* e *Um Drama no Seringal*, ambos em 1928. A mesma *Feira Literária* que publicou a novela *A Morte do alegre Fulgêncio*, volume III, março de 1928; e o conto *O Malvado de S. Cristovão*, volume dez, outubro de 1929, duas experiências de Câmara Cascudo na ficção literária.

O seu ensaio mais marcante nasceu como uma conferência e logo chegou ao livro com o timbre consagrador de José Olympio Editora, em 1938: *Doença e Constituição de Machado de Assis*. Mesmo assim, apesar do arrojo inusitado e revelador da vida da maior figura da literatura brasileira e um dos seus grandes enigmas, poucos anos depois mergulhou no esquecimento, mas ficou como ícone na estante dos mais importantes intelectuais da época. Em 1976, já membro da Academia Brasileira de Letras, e tendo presidido a instituição, *Doença e Constituição de Machado de Assis* ganha uma segunda edição, agora como o volume 171 da Coleção Documentos Brasileiros, acrescido de um prefácio que conta a história do livro e uma pequena iconografia. Um estudo sobre a epilepsia de Machado de Assis que até hoje, mais de oitenta anos depois, ninguém ousou superar.



O crítico e o ensaísta, aliás, já estavam muito bem revelados, com visão nacional desde 1969, quando reuniu em *Três Ensaios* - Livraria São José, Rio - três importantes estudos de corte ensaístico: *Modernismo*, *Graciliano Ramos* e *Amazônia*. Antes, fez parte, ao lado de Cândido Mota Filho, Eugênio Gomes e Aloysio de Carvalho Filho, do livro *Machado de Assis*, edição Agir, Rio, 1959.

O Repórter

Peregrino Júnior foi um modernista que viveu o modernismo no plano literário, mas também jornalístico, espaço que ocupou com grande repercussão. Em 1926, portanto, há quase cem anos, e ainda sob o calor efervescente da Semana de Arte Moderna, o estudante de medicina e jovem intelectual ainda dava os primeiros passos quando realizou uma série de dez entrevistas com integrantes da Academia Brasileira de Letras, repercutindo em *O Jornal* a reação dos imortais diante do Modernismo.

O fato que parecia ser apenas um fato jornalístico, teve intensa repercussão logo depois daquele movimento iconoclasta que abalou as sólidas convicções da então nobre e conservadora intelectualidade brasileira. As entrevistas originalmente publicadas em 1926 ficaram esquecidas até 1999, como conta o crítico Gilberto Mendonça Teles. Professor do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica, no Rio, naquele ano distribuiu aos alunos um conjunto de textos - as entrevistas literárias e históricas de Peregrino Júnior que, na sua visão, e ao lado das entrevistas de João do Rio em *O Momento Literário*, são fundadoras de um novo campo literário, a entrevista.

Teles foi um dos primeiros, no Brasil, por sua formação em universidades do exterior, a voltar os olhos para *A Poética de Dostoiévski*, de *Mikhail Bakhtin*. Estudioso da literatura, o professor estava interessado nas experiências com a linguagem, principalmente a partir das lições de Ferdinand Sausurre que já preconizava, escreve o próprio Gilberto Mendonça Teles - *ser imprescindível*

ao ser humano o ato de viver, na medida em que viver significa a participação num diálogo, em que o homem pergunta, ouve, escuta, examina, responde e discute, completando o circuito linguístico...

Uma aluna do seu curso de pós-graduação, a professora Nélida Capela, à época integrante do grupo organizador da homenagem aos 40 anos de poesia de Teles, adotou como tema de sua dissertação de mestrado as entrevistas literárias por ele distribuídas, textos para leituras acadêmicas. E selecionou o conjunto das dez entrevistas feitas por Peregrino Júnior, publicadas nas páginas de *O Jornal*, sem descuidar de pedir o prefácio ao próprio orientador. Teles escreve uma pequena introdução sobre a entrevista como gênero, desde as primeiras experiências referenciais - da França de 1884, com *Le Petit Journal*, ao Brasil de João do Rio, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, entre 1904 e 1905, depois reunidas no livro com o título de **O Momento Literário**.

A tese da professora Nélida Capela, sob a orientação de Gilberto Mendonça Teles - *É apenas agitação - A Semana de Arte e a reação dos acadêmicos nas célebres entrevistas de Peregrino Júnior para O Jornal*, foi lançada em 2021, pela editora Telha, com o prefácio do próprio orientador, além da transcrição da longa e preciosa entrevista que ele fez com Peregrino Júnior, em 1975, até então inédita, e também a reprodução integral das entrevistas feitas por Peregrino, hoje microfilmadas e preservadas nos arquivos da Biblioteca Nacional.

Peregrino publicou dez entrevistas, nas edições de 13 de junho a 15 de agosto de 1926, aquele que é considerado o segundo 'Momento Literário', para adotar, a exemplo da professora Nélida Capela, o título de Paulo Barreto, o João do Rio. Ele ouviu, pela ordem: Coelho Neto, João Ribeiro, Laudelino Freire, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Cláudio de Souza, Medeiros Albuquerque, Afonso Celso, Hélio Lobo e Gustavo Barroso.



Um retrato

João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior é o seu nome de batismo. Nasceu em Natal, em 12 de março de 1898, no mesmo ano de Câmara Cascudo. Filho de João Peregrino da Rocha Fagundes, um professor de línguas e matemática, e Cornélia Seabra de Melo. Passa a morar no Rio, casa em 1926 com Wanda Acioly, cunhada do poeta Ronald de Carvalho, e em 1929 conclui seu curso de medicina, sem nunca abandonar a vida jornalística e literária, sempre publicando também estudos científicos. Com sua respeitável obra literária e científica, é eleito para a Academia Brasileiras de Letras, onde é recebido com a saudação do seu amigo o poeta Manuel Bandeira. Em 1945, votado pela maioria, preside a instituição nos anos de 1956 e 1957. Foi membro do Conselho Federal de Cultura, União Brasileira de Escritores, Academia Nacional de Medicina, Sociedade Argentina para o Progresso da Medicina, Academia de Ciências e da Sociedade de Endocrinologia de Portugal. Faleceu no Rio, aos 85 anos, no dia 12 de outubro de 1983. Em 1971 merece ser tema da coleção *Seleta*, como um dos principais da editora José Olympio, organizada por Ivan Cavalcanti Proença. Em 1998, nos cem anos do seu nascimento, o professor Pedro Vicente da Costa, então diretor da Editora da UFRN, reeditou a sua obra ficcional - *Mata Submersa* - que reúne *Puçanga*, *Matupá*, *Histórias da Amazônia* e *Mata Submersa*, com longa introdução do escritor e artista plástico Dorian Gray que também criou a ilustração da capa. Em 2012, para marcar os 90 anos da Semana de Arte Moderna, o editor Abimael Silva reeditou sua conferência *O Modernismo*, ensaio baseado na conferência que fez em Montevideu, a convite do Itamarati, e parte do livro *Três Ensaios*, Livraria São José, Rio, 1969, apresentação deste cronista. Fazem parte do nosso acervo pessoal - que o conheceu em Natal, durante jantar na residência do primo e escritor Oswaldo de Souza - exemplares autografados de *Mata Submersa*, a José

Ulisses de Medeiros; *Três Ensaios, a Gilberto Freyre*; e *Doença e Constituição de Machado de Assis*, este ao primo Oswaldo de Souza.

Na vida literária vivem, noutra dimensão, todos aqueles que estão mortos.

Natal, 2022, nos cem anos da Semana de Arte Moderna.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de *Cena Urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da Noite Lilás*.



O JURISTA BALZAC

Marcelo Alves Dias de Souza

- 1 – Literatos do direito.
- 2 – O caso Balzac.
- 3 – O napoleão do direito.
- 4 – Os juristas balzaquianos.
- 5 – A comédia jurídica e recíproca.

1 – Literatos do direito

A incursão de profissionais do direito na literatura sempre me interessou. Essa mistura talvez seja a minha paixão. Defendo a tese de que, diferentemente do que se dá com outras profissões, como a medicina ou a engenharia, o profissional do direito trabalha essencialmente com a linguagem. As letras são o nosso material de cada dia. E isso explica e justifica nossas aventuras na ficção, na poesia, na crítica literária e por aí vai – aqui, já me reconheço como envolvido nessas coisas de leis e literatura. Estou certo de que temos muito a contribuir, mutuamente, juristas e literatos.

De fato, é abundante o número de renomados escritores que tiveram formação jurídica ou foram, na vida, profissionais da área. Outro dia, a partir da leitura de um dos Cadernos da Revista *EntreLivros*, “4 – Panorama da Literatura Francesa”, quedei-me ainda mais certo disso.

No que toca à literatura na língua francesa, falo de grandes pensadores como Montaigne (1553-1592), Montesquieu (1689-1755) e Rousseau (1712-1778), todos eles literatos, mas também profissionais ou estudiosos do direito. De grandes escritores que se meteram, de forma penosa, em processos judiciais ruidosos, como é



o caso de Flaubert (1821-1880) e Zola (1840-1902). De escritores cujas vidas foram quase vividas no inferno da criminalidade, a exemplo de Jean Genet (1910-1986), sendo isso transposto para as suas obras. Mas também de ficcionistas que, formados ou experimentados no direito, tais como Gaston Leroux (1868-1927) e Georges Simenon (1903-1989), escreveram o que posso denominar de “romances jurídicos”, no sentido lato ou mesmo estrito dessa expressão.

Por exemplo, Leroux, o autor de “*Le Fantôme de l’Opéra*” (1910) e “*Le Mystère de la chambre jaune*” (1908), escreveu um conjunto de “romances jurídicos”, a série “*Chéri-bibi*”, iniciada em 1913, que tem como pano de fundo um erro judiciário, e peças jusfilosóficas, como “*La Maison des juges*” (1907), em que ele milita contra a pena de morte. Não coincidentemente, Leroux foi advogado (frustrado, dizem) e repórter judiciário. Já Simenon, o criador do Comissário Maigret, trabalhou na juventude como repórter forense. E esteve ele mesmo metido com processos, sendo até acusado de simpatizar com o nazismo. Maigret foi um detetive com um senso de justiça peculiar, já que Simenon conhecia bem tanto o submundo como o Judiciário de Paris. Aliás, no Palais de Justices da cidade, no Quai des Orfèvres, está o quartel-general da Polícia Judiciária parisiense, a real e a de Maigret, com a arte homenageando a vida e vice-versa.

Mas isso se dá não somente na francofonia. Se formos para a literatura em língua inglesa, poderíamos citar o caso do enorme Charles Dickens (1812-1870), que, para o nosso deleite, tinha boa formação jurídica, como assistente na advocacia, escrivão e repórter judiciário. E essa prévia formação foi muito útil na construção das suas obras-primas, em especial para o seu “romance jurídico” intitulado “A casa soturna” (“*Bleak House*”), de 1953. Aliás, há algo ainda mais interessante na literatura em língua inglesa. Calejados profissionais do direito, com experiência nas histórias do foro, estão migrando para as estórias da literatura (e, daqui, vão bater no cinema). Os casos mais badalados são os de Scott Turow (1949-) e John Grisham (1955-). A formação

jurídica e as experiências como advogados e homens públicos são usadas – e bem – para a construção do que chamamos de “ficção jurídica”. De ótima qualidade, friso. Sem falar que essa íntima relação direito/literatura/cinema tem feito deles campeões de venda. Eles faturam horrores.

2 – O caso Balzac

Honoré de Balzac (1799-1850) foi um gigante. Como anota François Taillandier na biografia “Balzac” (L&PM, 2009), “em trinta anos de trabalho duro, assombrado pelas preocupações com dinheiro”, Balzac “publicou *A comédia humana*, monumento romanesco sem igual”; foram “quase uma centena de romances, novelas e contos”, que deram “vida a dezenas de personagens que se transformaram em mitos”. Suas obras-primas – “A pele de Onagro” (1831), “Eugène Grandet” (1833), “O Pai Goriot” (1834), “O Lírio do Vale” (1835), “César Birotteau” (1837), “As Ilusões Perdidas” (1837-1843), “A Mulher de Trinta Anos” (1842), “Modesta Mignon” (1844), “O Coronel Chabert” (1844), “A Prima Bette” (1846), “O Primo Pons” (1847), “Esplendores e Misérias das Cortesãs” (1838-1847) e por aí vai –, compondo a “Comédia”, provam o que dizemos, o biógrafo Tallandier e este que ora vos escreve. Foi o **“Napoleão das letras”, nas palavras de Paul Bourget (1852-1935), e isso já diz tudo.**

Há muitíssimo para se falar de Balzac, claro. Mas, como não sou um Paulo Rónai (1907-1992), devemos nos ater a comentários sobre o direito na vida e na obra do autor de “A comédia humana”.

De fato, desde 1816, Balzac viveu às voltas com o direito. Estudou essa ciência dentro e fora da Sorbonne. Embora aluno “desinteressado”, obteve o então *baccalauréat* (1819). Também militou em escritório de advocacia e em tabelionato à época, antes de se dedicar à literatura, conforme anotado por Claire Bouglé-Le Roux em “*La littérature française et le droit: anthologie illustrée*” (LexisNexis, 2013). Os pais gostariam que ele seguisse carreira no



tabelionato. Ilusões perdidas. Ele não queria viver a labuta enfadonha dos juristas, mesmo ganhando algum dinheiro. Causou desgosto aos genitores e, para nossa felicidade, fez-se escritor.

A experiência prévia no direito não foi perdida para a literatura. Esses anos de formação tiveram grande influência sobre Balzac. Foi durante essa primeira jornada direito adentro que ele começou a entender alguns mistérios da natureza humana. Aliás, em “O notário” (1840), obra de madureza, ele sugere que um jovem profissional do direito, dentre outras coisas, logo vê as rodas e as voltas de cada fortuna, a disputa de herdeiros sobre os despojos de corpos ainda não frios e almas sempre às voltas com o Código Penal. Alguém tem dúvida disso?

3 – O napoleão do direito

Balzac foi um homem da era do Código. Falo do “*Code Napoléon*” ou “*Code civil des Français*”, de 1804, um monumento em si mesmo. E o ensinamento do direito, à sua época, focava na exegese da famosa lei civil (vide a Escola da Exegese). Na verdade, embora ele tenha certa vez se referido ao “infame Código Civil de Buonaparte”, Balzac até desenvolveu uma fixação pelos códigos e suas estruturas, daí os seus “*Code gourmand*”, “*Code de la toilette*”, “*Code conjugal*”, “*Code de gens honnêtes*” etc., ressalta Claire Bouglé-Le Roux.

Para nós, curioso é o “Código dos homens honestos ou A arte de não se deixar enganar pelos larápios”, que podemos consultar em edição da Nova Fronteira, de 2005. Não é um código à maneira como conhecemos, mas, sim, “um livro de autoajuda *avant la lettre*. Funciona como uma espécie de introdução temática ou nota de pé de página antecipada (se pudéssemos inverter a cronologia do autor) ao que viria depois, ou seja, aos grandes romances como *Eugénie Grandet* (seu primeiro sucesso, de 1833), *O pai Goriot* (talvez a melhor introdução à *Comédia humana*), *Ilusões Perdidas* e *Esplendores e misérias das cortesãs*, além dos demais títulos que viriam a compor este imenso painel de romances do século XIX que é *A comédia humana*”.

Já em “*Imaginar la ley: El derecho en la literatura*” (Organização de Antoine Garapon e Denis Salas, Editorial Jusbairens, 2015), Gérard Gengembre, no artigo “*Balzac, o cómo poner el derecho en ficción*”, diz: “A comédia se apoia constantemente nos artigos do Código”. E Napoleão é um tema capital na obra de Balzac: “Napoleão se impõe como o instigador principal dessa sociedade imaginária de dois mil e quinhentos personagens, que imita e interpreta a sociedade real forjada pela Revolução e pelo Império”.

Mas não pensem que o “Napoleão das letras” era um exegeta radical, no sentido de achar que todo o direito estaria no Código. Como diz Claire Bouglé-Le Roux, “o princípio da existência de um direito superior está no coração da introdução [L’avant-propos] da Comédia Humana”. De vero, nas palavras do amigo Théophile Gautier (1811-1872), “Balzac descobriu poemas e dramas no Código”. Quer mais?

4 – Os juristas balzaquianos

“A Comédia humana”, herdeira do “*Code Napoléon*”, é pródiga em juristas.

Juristas de verdade, grandes nomes da França, alguns deles professores de Balzac na Faculdade de Direito de Paris, como Hyacinthe Blondeau (1784-1854), Louis-Barnabé Cotellet (1752-1827), Charles Toullier (1752-1835) e Raymond-Theodore Troplong (1795-1869) ou os famosos quatro “redatores” do Código, Jean-Étienne-Marie Portalis (1746-1807), François Denis Tronchet (1726-1806), Jacques de Maleville (1741-1824) e Bigot de Préameneu (1747-1825), que são citados ou aludidos pelo autor em seus romances.

E juristas imaginados pelo autor. Pierre-François Mourier, em “Balzac, L’injustice de la loi” (Michalon Editeur, 1996), teria contado mais de 50 “homens da lei”, todos com lugares especiais dentro da Comédia. Já em “*Imaginar la ley: El derecho en la literatura*” (Editorial Jusbairens, 2015), os organizadores Antoine Gara-



pon e Denis Salas lembram: “Ali encontramos figuras de sujeitos de direito como os herdeiros de Ursule Mirouët, o ausente em *O coronel Chabert*, a falência em César Birotteau. O espelho que essa obra apresenta nos remete aos esplendores dos novos status da sociedade burguesa, como às suas sombras. O romance balzaquiano desvela um mundo de interesses e de crimes. (...). É o mundo de *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, que celebra a mitologia romântica dos fora da lei”. Por outro lado, Balzac muitas vezes abre “um espaço positivo para a lei”, como no procurador-geral Granville, que encarna a nobreza da profissão do direito. Balzac crê nas instituições. Para ele, o juiz é um centro da sociedade, está cheia de contradições, é vero. E se temos o juiz Popinot de “A interdição”, “pleno de modéstia e grandeza, homem justo e humilhado”, também encontramos o “flexível Camusot”, o juiz de instrução “destinado a uma carreira brilhante”.

São personagens tiradas ou postas – depende de olharmos pelo ângulo da inspiração ou da criação – de/em fiéis “cenas da vida jurídica” (inclusive citando decisões reais de cortes francesas). Desses personagens e cenas, tomemos o caso do juiz Popinot, de “A interdição” (1839), talvez o mais “investigado” dos juristas balzaquianos. “A interdição” é um texto seminal. Um romance curto e denso, em que o autor retrata as realidades do cotidiano e do foro. Várias de suas personagens são achadas em outros romances da Comédia, como de estilo no “mundo” de Balzac. A trama gira em torno da busca da Marquesa d’Espard para interditar o seu marido, de quem vive separada há anos. Seria o Marquês um louco pródigo, que impede uma mãe de ver os filhos e desperdiça a fortuna? Ou seria a Marquesa uma mulher inescrupulosa, disposta a qualquer coisa? É para decidir isso que são encarregados o “íntegro” juiz Popinot e o “flexível” juiz Camusot. E, sem crise de consciência, digo mais nada.

Balzac teve o seu modelo de magistrado no juiz Popinot, que José Antônio Aguirre, em “*Escritores y procesos: casos reales y ficcionales del proceso penal*” (Ediciones Didot, 2012), poeticamente

define como “a ficção de um juiz real”. O autor retratou “este magistrado como um homem de altíssimos valores, severo, equânime, fiel à sua função judicial e de uma decência inquebrantável”. Mas, embora possuidor de numerosas virtudes, o juiz Popinot tem também defeitos (quem não tem?). O principal, embora não venal, é a sua ingenuidade. E a intromissão desse defeito nas suas qualidades faz desse juiz “uma personagem real, verossímil e crível”.

5 – A comédia jurídica e recíproca

É verdade que Balzac se apropriou de muitas coisas do direito – instituições (casamento, herança, falência, crime etc.), linguagem, cenas/dramaticidade, personagens e por aí vai – para criar sua “Comédia humana”, que não deixa de ser, também, como visto acima, uma “comédia jurídica”.

Mas Balzac também nos deu muito de volta. Basta lembrar a sua contribuição para a preservação de uma história contada do direito, que procuramos inutilmente nos códigos, como lembrou Henri Lévy-Bruhl em “*Sociologie du Droit*” (PUF, 1981). Ou para a fixação de um vocabulário da nossa ciência. E há, claro, o exemplo do juiz Popinot.

Assim, acredito ser “A comédia humana” um monumento da “ficção jurídica”, sem que dois séculos de mudanças prejudiquem a relevância das suas questões de direito. E, como sugestão para os bacharéis que desejem se aventurar pela literatura, parafraseio uma advertência constante de “*Balzac, romancier du droit*” (direção de Nicolas Dissaux, LexisNexis, 2012): “Todo jurista deveria ler Balzac”.

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA é escritor e Procurador Regional da República. Doutor em Direito (PhD in Law) pelo King’s College London – KCL Autor de *Ensaio ingleses* e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.



DA BELEZA QUE PASSA - I

Tarcisio Gurgel

A Maria Bezerra, in memoriam.

(Sua é a precedência no tema das lavadeiras).

Tema inesgotável no universo mitológico, religioso ou psicanalítico, leitmotiv ou protagonista de incontáveis obras, mulheres ressaltam quando tratamos da literatura. Basta pensar em Helena, a troiana de beleza enlouquecedora, cujo rapto resultou num monumento literário ou na terna e firme Penélope, de Ítaca, modelo do que muitos chamam de resiliência, em sua espera interminável, ou na malfadada Emma Bovary esgotando-se em mal calculados sonhos românticos. Certamente não escapa ao nosso interesse a escorregadia Capitu, torturando Bentinho e leitores de Machado. E também, claro, a figura de Antígona, mil vezes apunhalada pelo destino, sem perder jamais sua ternura. Humana, demasiado humana é Dona Guidinha do Poço com seu poder de coronela, personagem que revelou tardiamente o talento de Manoel de Oliveira Paiva. E do mesmo estado do Ceará emerge uma parenta também rural: a terrível dona Nazinha, criada por Juarez Barroso, proprietária de um cavalo encantado. E como não ressaltar a força fugidia de nossa saracoteante Gizinha? Ou o magnífico jogo de sugestões e negaceios, que mulheres maduras estabelecem com adolescentes masculinos, em “Missa do Galo” e “Uns braços”, de Machado de Assis e também no romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade? Seria necessário aqui ressaltar a extraordinária dignidade de Sinhá Vitória? O que seria da humanidade e da literatura, afinal, se tivéssemos de prescindir da mulher, mãe e amante, amiga ou não a quem se recorre, despreza, venera ou se teme com nossa incurável insegurança masculina?



Neste breve ensaio, consideraremos três momentos nos quais ressaltam papéis por elas desempenhados na literatura. Nas primeira e segunda partes, em poemas potiguaros, considerando sua presença ligada à água em duas situações: na condição de lavadeiras e como moças de forte sensualidade, banhadas de lirismo. Na terceira e última parte, a ser publicada no próximo número desta revista, deslocaremos o foco para acompanhar poetas de língua francesa que as descrevem como metáforas de beleza herdadas do romantismo, no despertar da modernidade, síntese do tema que explorei em antigo trabalho acadêmico. Fique desde logo consignado que não é minha a pretensão de ser conclusivo, pois entender o simbolismo feminino, quem há-de?

Água que lava

O extenso litoral do Rio Grande do Norte, a cujo final não se chega sem dobrar a esquina do continente, bem poderia ser tomado como motivador do grande interesse despertado em seus escritores pelo binômio água/mulher. Tal associação, contudo, ultrapassa limites geográficos, revelando-se em qualquer latitude, devido às ricas virtualidades que as aproximam. Por oportuno, convém repetir o sábio Eliade, a lembrar que no plano da simbologia as águas também revelam-se “*fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades da existência”. Inegavelmente, tamanha potencialidade assusta e fascina em todas as latitudes. E tais virtualidades associadas à figura da mulher, enriquecem a poética potiguar como é possível constatar na produção de poetas como Henrique Castriciano, Ferreira Itajubá, Othoniel Menezes, sendo igualmente possível encontrá-las em outros poetas como Homero Homem, Luiz Rabelo, Sanderson Negreiros, Luiz Carlos Guimarães, Diógenes da Cunha Lima, além de muitos outros autores potiguaros que não se encontram citados aqui.

Em sua essência cósmica, rigorosamente primordial, vamos encontrar o elemento aquático em Myriam Coeli, na maravilhosa Ode à água, do livro *Vivência Sobre Vivência*. Mas as possibilidades

do aproveitamento temático da água, associada à figura da mulher, multiplicam-se em outros aproveitamentos. Forte é, por exemplo, a presença das lavadeiras, que com sua função de regenerar a purca perdida de roupas, lençóis, toalhas, etc., enxovalhadas pelo uso repetido, aparecem em vários momentos da poesia potiguar. Os poetas naturalmente valem-se – vá lá o paradoxo – da riqueza dessa atividade a elas destinada, na injusta tradição das sociedades ditas civilizadas. E ei-las que surgem em variadas situações na faina com que sustentam a vida. Ei-las em imagens que propendem à leveza do mais puro lirismo, no soneto “Lavadeiras de minha terra”, da natalense Palmira Wanderley:

Partem, cantando à luz das alvoradas,
 Molhando os pés na relva dos caminhos,
 E ao som de suas vozes, acordadas,
 Beijam-se as asas no frouxel dos ninhos.

As lavadeiras seguem descuidadas,
 Ora prendendo as roupas nos espinhos
 Ora apanhando as frutas encarnadas,
 Ou cantando, também, com os passarinhos.

Depois, a tarde. O sol desaparece
 Por trás do rio. A noite desce, desce...
 Toda a mata rescende a alecrim bento.

Elas ao lar retornam, conversando,
 Enquanto a lua, pelos céus pairando
 Esgarça a seda azul do firmamento.

A musicalidade e a clareza vocabular que caracterizam praticamente toda a produção poética de Palmira Wanderley, não poderiam estar ausentes deste soneto que traduzindo terna admira-



ção ante a situação descrita – passando ao largo da questão social – como que “naturaliza” a pesada labuta, o trabalho de limpar, e transforma tal situação numa espécie de cromo em movimento, tão presente nos românticos retardatários ou, como no caso dessa poetisa, de precursores do modernismo. Nada se encontra no poema, ainda que por alusão, sugerindo tarefa penosa. Descrição simples e bela, que se acentua com o uso de rimas claras, ingenuamente alegrando o espírito e o ouvido de quem lava e de quem lê.

Já o tratamento dado ao mesmo tema pelo poeta macauense Gilberto Avelino, em seu poema “Pequena Canção às Lavadeiras”, é bem diverso. E é possível, desde já, invocar na poesia do bardo macauense uma incontável sedução pela eloquência, fruto, por certo, de sua formação jurídica. Vejamos como, do ponto de vista do eu lírico, o poema se distancia do anteriormente lido:

Tenho por vós
caloroso respeito.

E não é apenas
pela sabedoria
com que utilizais
o sol
e os ventos.

Mas pela alegria
que nos dais

mantendo
vivas
as cores
que cantando
lavais.



Uma vez saídos da terna leitura do soneto de Palmira Wanderley, soará estranho o tom marcadamente solene empregado nesse pelo poeta macauense. Ocorre que sua opção é transfundir liricamente um reconhecimento devido a essa trabalhadora, que traduz como ficou dito, o estranho paradoxo da sua atividade laboral: sendo mulher e lavadeira, tendo, portanto, uma indiscutível proeminência simbólica, vive um evidente rebaixamento social que a condena a uma visível inferioridade de casta, como entre os hindus. O poeta, nesse caso, faz questão de publicamente declarar - e é bela a ressonância desse tom quase oratório - seu “caloroso respeito”, valendo-se de imagens de rica alusão. Seja ao homem do mar, seja à natureza regenerativa do ato de lavar (na segunda e quarta estrofes, respectivamente), seja até no emprego do tempo verbal, imperativo, notavelmente respeitoso se considerarmos a possível relação do poeta, jurista bem sucedido, com as próprias lavadeiras.

O terceiro poema escolhido para falar dessa relação bela e complexa é de Deífilo Gurgel. Trata-se do soneto “A Lavadeira”, de *7 Sonetos do rio e outros poemas*. Incluído um dia na antologia que resultou do Projeto CumpliCidades coordenado pela Fundação Joaquim Nabuco de Recife (um livro que não chegou a ser lançada aqui), acabaria merecendo a atenção de parte da imprensa lisboeta. No caso do soneto, não certamente pelo consabido interesse lusitano por assuntos envolvendo incursões pelo Mar-Oceano, mas pela qualidade imprimida à sua construção lírica, como haverá de concordar o leitor:

É hora de lavar. A lavadeira
Lava as lavas de amor da derradeira
noite, nos interstícios do pijama,
menos, o que restou, no chão da cama.

As nódoas de café, no macacão
e a náusea no lençol do lactente,
viram alegres bolhas de sabão
nas mãos da lavadeira indiferente.



Eis o branco total. Eis a brancura
das roupas tremulando nas alturas,
bandeiras matinais, nas frágeis varas.

A lavadeira é prática e simplória.
Terminado o trabalho (humilde glória)
lava no rio as suas carnes claras.

Não é difícil perceber que este soneto incorpora elementos ausentes nos poemas que o antecederam. O primeiro, e por certo mais forte é o uso da ironia, amarga ironia, que se acentua com o aparente alheamento do eu lírico que, neste caso, dá a impressão de apenas querer informar ao leitor como transcorre a tarefa diária de uma lavadeira. Porém, a partir da aliteração utilizada nos dois primeiros versos surgem imagens de tão denso significado, que é preciso considerar – tenham elas ênfase lírica ou sejam meramente prosaicas – sua força literária. O desinteresse da lavadeira pelas “alegres bolhas de sabão”, ou a alusão do eu lírico a saponáceos conhecidos por *slogan* famoso (“Eis o branco total”) dão uma especial riqueza ao soneto, levando-nos a contemplar comovidos esse humilde espetáculo. Sutilmente considerada, a questão social torna-se visível consagrando o paradoxo da riqueza na pobreza da atividade da mulher. Porém, o seu ponto mais alto parece ser atingido com a rica exploração da polissemia revelada pelo vocábulo lava, na aliteração mencionada. Sendo também anagrama de outra palavra, alva – a sugerir a remoção de uns restos de amor para limpeza, brancura, quiçá o branco total do lençol com restos de amor – a palavra serve até para dar o fecho dessa rotina nada lírica, apenas “humilde glória”, que a leva a se livrar da canseira lavando no rio do soneto “as suas carnes claras”.



Moças no banho

Partindo do último verso do soneto do poeta areia-branquense, chegaremos a outros poemas que reunindo tematicamente mulher e água, enriquecem a literatura do Rio Grande do Norte como ficou dito. Agora, descrevendo moças no momento em que se banham. Começemos com um poeta pouco ou nada conhecido das novas gerações: Gothardo Neto. O soneto que nos interessa, segundo dos que escreveu com o mesmo título de “Página Azul”, está publicado com o outro no seu único livro, *Folhas Mortas*:

Vejo-a agora passar... Volta do banho,
Volta, que ainda as pérolas mimosas
Descem das ondas puras e formosas
Do cabelo aromático e castanho.

Na carne em flor, de um colorido estranho,
Tem vivas seduções pecaminosas...
- As antigas belezas fabulosas
Jamais brilharam em fulgor tamanho.

Todos dirão: - que mágicos olhares
Tem essa virgem lânguida e franzina,
Essa flor das morenas potiguares!

E passa... e passa com gentil vaidade,
No doce encanto da mulher divina,
No divino esplendor da mocidade.

A pessoa à qual se refere o poeta é certa morena, pálida e sedutora, já entrevista no primeiro dos dois sonetos, com um olhar de gazela espavorida, tudo conforme insinuante receituário romântico. E embora de outra natureza, porque nesse caso, solar e cheia de sensualidade, a mulher será vista de passagem, com uma bele-

za que noutro plano fascinaria o *flâneur*, de “A uma passante” de Baudelaire. No soneto de Gothardo Neto não está em jogo certamente um sentido regenerativo da água como vimos na função das lavadeiras, nem o banho tem, é claro, caráter de ablução. O que é possível ver é a clara intenção de lhe dar conotação erótica, visível, aliás, em cada verso. Seja na extrema delicadeza do discurso lírico (sem perda do caráter sedutor que revela) seja no certo desalento contido no comentário final, ante a imagem da beleza passante.

Também iremos encontrar um clima de forte sensualidade naquele que é, provavelmente, o mais admirado poema potiguar produzido sob essa temática, o “Banho da Cabocla” do também natalense Jorge Fernandes:

Teima dos sapos...

Chiado nos ramos dos balcidos...

Chóóóó... da levada...

- Noitinha -

Acocorada num cepo põe sobre os cabelos compridos

As primeiras cuias d'água: choá! choá! choá!

A lua treme n'água remexida...

Ruque ! Ruque! das mãos esfregando as carnes rijas...

Um pedaço de canção alegre o banho...

E a teima dos sapos: - foi! não foi!

E a camisa é posta sobre a carne molhada e nova

E a sombra passa entre as árvores - ligeira - úmida e morna -

Num pedaço de canção que alegrou o banho...

Aqui, na descrição que se enriquece com o uso da onomatopeia, (numa natural polifonia, próxima de certas composições com as quais Villa Lobos cantou a natureza brasileira), envolve em ruídos e apenas entrevista, banha-se a agreste cabocla que surpreendemos “esfregando as carnes rijas”. Há, na descrição des-



se *voyeur* potiguar um excitante claro-escuro, na noitinha, que mostra e esconde, produzindo uma excitante e surpreendente visão. Trata-se de uma sensualidade que, tenha lá seus aspectos de rudeza, jamais passa por grosseira. E com extrema economia de imagens e metáforas o poeta mostra a mulher em sua natureza primordial, numa cadeia verdadeiramente impressionante de significados, da qual não dará conta um breve comentário como este. De toda maneira é necessário estar atento a elementos como, por exemplo: cuia d'água (análoga à concha, elemento fortemente simbólico do universo feminino); a camisa (que veste e desvela o corpo molhado, acentuando suas formas sensuais pela aderência do tecido molhado) e, é claro, a sombra que se move entre caniços de bambus, (úmida e morna, está dito) excitando a curiosidade masculina, de um ponto de vista que aproxima a descrição do *voyeur* da linguagem cinematográfica.

E tentando completar esta breve incursão sobre a presença de elementos femininos e aquáticos na poesia norte-rio-grandense, incursão ainda cautelosa, como há de ter percebido o leitor (tanto mais que as águas por vezes são profundas, havendo necessidade de nos assegurarmos da possibilidade de um mergulho), consideraremos o poema “Banho (Rural)”, de *O Arado*, da curraisnovense Zila Mamede:

De cabaça na mão, céu nos cabelos
à tarde era que a moça desertava
dos arenzés de alcova. Caminhando

um passo brando pelas roças ia
nas vingas nem tocando: reesmagava
na areia os próprios passos, tinha o rio

com margens engolidas por tabocas,
feito mais de abandono que de estrada
e muito mais de estrada que de rio



onde em cacimba e lodo se assentava
água salobre rasa. Salitroso
era o também caminho da cacimba

e mais: o salitroso era deserto.
A moça ali perdia-se, afundava-se
enchendo o vasilhame aventurava

por longo capinzal, cantarolando;
desfibrava os cabelos, a rodilha
e seus vestidos, presos nos tapumes

velando vales, curvas e ravinas
(a rosa de seu ventre, sóis no busto)
libertas nesse banho vesperal.

Moldava-se em sabão, estremeçada,
cada vez que dos ombros escorrendo
o frio d'água era carícia antiga.

Secava-se ao vento, recolhia
só noite e essências, mansa carregando-as
na morna geografia de seu corpo.

Depois, voltava lentamente os rastros
em deriva à cacimba, se encontrava
nas águas: infinita, liquefeita.

Então era que a moça regressava
tendo nos olhos cânticos e aromas
aprendidos no entardecer rural.



Embora idêntica a situação – um banho feminino do qual se retiram as protagonistas após se lavarem como descrevem Gothardo Neto e Jorge Fernandes – o poema de Zila Mamede nos impõe novos enfoques. É certo que há o movimento de ir e vir nos tercetos que o compõem. Porém, por um extraordinário recurso da construção poética zileana, um reiterado *enjambement* encadeando os tercetos nos conduz para dentro do poema, tornando mais forte a ação lírica. É como se estivéssemos juntos, nesse caminhar desde que a moça decide arredar-se dos arenzés de alcova para ir ao banho. E nessa recôndita tarde sertaneja, em que tudo parece ser primordial, tal situação enfatiza um rito no qual a tônica é a comunhão dramática com a terra adusta, o semiárido do Seridó potiguar. A moça caminha até o banho, por num trajeto descrito com acentuada tristeza: fala-se de abandono, água salobre, deserto e apenas sutilmente de uma gestualidade que tange o erótico. Mas no penúltimo verso, mulher e água encontram-se, definitivas, liquefeitas num só elemento. E se um certo paganismo da cena parece querer sobrepujar uma possível descrição erótica, ainda assim é possível percebê-la na sutil delicadeza de versos como “moldava-se em sabão, estremeçada”, ou na linda sinestesia revelada pelo verso “na morna geografia do seu corpo” utilizada por essa magnífica artesã da palavra poética norte-rio-grandense que foi Zila Mamede. O poema, claro, é muito mais rico do que pode sugerir este breve comentário. E como os demais lidos aqui, continuarão, pela riqueza dos significados que contêm, a desafiar nossa capacidade de interpretá-los. Tarefa que, de resto, não terá fim, considerando-se que se trata de buscar entender a conjugação destes dois belos fatores: água e mulher.

TARCISIO GURGEL é escritor, pesquisador e jornalista. Professor aposentado da UFRN. É autor de vários livros, dentre eles, *Os de Macatuba e Inventário do Postvel*.



O PÍCARO NO TEATRO NORDESTINO

Racine Santos

Para que possamos falar das personagens pícaras que povoam a cultura popular nordestina e que muito contribuíram para a formação de um teatro regional, é necessário que se defina antes que Nordeste é esse aonde vamos encontrá-las. Distante da sociologia e de uma literatura preocupadas em enfatizar a beleza da sociedade açucareira, dos senhores de engenho, ou então o lado feio e miserável do sertão como substância para um discurso político de denúncias, vamos nos voltar para um Nordeste habitado por uma gente pobre, amarelinhos, gafos, andrajosos, maltrapilhos, muitas vezes perseguidos pela miséria e a injustiça, mas que não perdem a capacidade de rir de si mesmo e debochar dos poderosos. Personagens capazes de sonhar e conviver com o maravilhoso. Apesar da bruta realidade.

Mas que Nordeste é esse de que vamos falar? Para o doutor em História Social Durval Muniz de Albuquerque Jr., até o início do século XX o Nordeste não existia. Pois os nordestinos não eram percebidos, não serviam de matéria de estudos nem as elites locais solicitavam verbas para os problemas da seca.

Em 1906 Euclides da Cunha lança “Os Sertões”, causando espanto aos brasileiros ao denunciar a tragédia de Canudos. Para mim foi aí que o Brasil descobriu o Nordeste.

Em 1920 o jornal “O Estado de São Paulo” publicava um artigo onde podia se ler: “... Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é, a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte (*sic*) com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo.”

O mais grave é que essa visão equivocada e preconceituosa permanece até hoje. Em entrevista para um programa da



TV-Globo sobre o humor brasileiro (2019), quando foi perguntado a Jô Soares por que o Nordeste deu tantos humoristas (Chico Anísio, Tom Cavalcante e outros), o obeso comediante respondeu simplesmente:

- É a fome.

Na década de 1930 surge o romance regional, que tem como tema central a decadência da sociedade patriarcal e a miséria. *Menino de Engenho*, *Vidas Secas*, *O Quinze*.

Os olhares do país se voltam para esse recorte espacial de maneira equivocada e/ou preconceituosa, mas é com eles que se forma o desenho da região. O Nordeste começa a existir. Gilberto Freire fala em uma “consciência regional” que, segundo ele, se forma antes da consciência nacional, e mais forte que esta.

E não são os fatores naturais que definem e dão identidade a uma região, mas, sobretudo, os fatores de ordem cultural. São esses que marcam e lhe dão originalidade e consciência.

Ocorre que o Nordeste oficial, o literário, o da sociologia, o do polígono das secas, o que serviu de tema a Portinari, é o Nordeste que levou Paulo Prado, em “Retrato do Brasil”, a afirmar que o nordestino é um povo melancólico. Será que ele afirmaria isso depois de assistir o “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna?

É nesse Nordeste, retratado na obra de vários dramaturgos da região, avesso ao Nordeste oficial, literário, que vamos encontrar a outra face da região. A face gozada, picaresca, cômica. Se a sociologia, o romance, as artes plásticas, o cinema e até mesmo a música contribuíram para cristalizar uma imagem do Nordeste onde a fome, a miséria e a tristeza eram as tintas empregadas, é na cultura popular onde vamos encontrar esse outro Nordeste. Ou, o seu duplo, o paródico, com toda sua potencialidade subversiva.

Para Florestan Fernandes “o folclore seria a expressão da mentalidade popular.” Foi aí, então, que alguns dramaturgos da região foram buscar os elementos para a construção de uma *dra-*

maturgia que hoje forma um segmento da *dramaturgia* brasileira. Muitos beberam na fonte das festas populares, onde o povo se liberta das amarras sociais. Enquanto as festas oficiais, da Igreja e do Estado, apenas contribuem para consagrar o estabelecido, a natureza cômica da cultura popular liberta o homem dos dogmas religiosos, dos princípios burgueses de comportamento e lhe oferece outra visão do mundo, onde através do riso e do deboche enfrenta as leis e normas da classe dominante.

Quando o teatro nordestino foi beber nessa fonte passou a oferecer uma visão de seu universo de maneira diferente. Carnavalizada, como aconteceu na Europa medieval. E o cenário desse Nordeste pícaro é sempre o sertão, a caatinga, as pequenas cidades do interior, onde o homem e a natureza vivem em comunhão. Pois é o sertão que dá identidade ao Nordeste.

Estudando a questão da presença de alguns elementos da cultura da Baixa Idade Média no nordeste brasileiro, a professora Lígia Vassalo (Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ) afirma que a região é depositária de um acervo cultural e social da Europa Medieval, e diz que a existência de traços medievais na região fora provocada pelo fato de ser o Nordeste a mais antiga zona de colonização que prosperou, pelo isolamento em que a região permaneceu, pelo encontro e cruzamento contínuo de raças e culturas, pela estabilidade e longa duração de uma organização social semifeudal de latifúndios e patriarcalismo perpetuadores de tradições herdadas.

O teatro nordestino tem por base a cultura popular cômica. Ele *nasce* na década de 1950 quando um grupo de artistas e intelectuais, formado por Joel Pontes, Hermilo Borba Filho, Gastão de Holanda, Aloísio Magalhães e Ariano Suassuna, no Recife, se volta para o estudo e aproveitamento da cultura popular da região. Um teatro que carrega consigo as marcas de um Nordeste feudal, medievalizado, cantado nas crônicas dos cegos de feira, habitado por falsos fidalgos e frades impostores, de castelos encantados e gestas de cavaleiros, de tragédias populares,



das dores sem recompensas e injustiça sem punição. No dizer de Durval Muniz, “um Nordeste nascido de diluídas lendas europeias misturadas a heranças negras e indígenas”.

A Carnavalização

Antes de o grupo recifense deflagrar o processo que possibilitou o surgimento do que *hoje* chamamos “teatro nordestino”, reunindo *hoje* expressivos nomes da dramaturgia nacional, o riso popular e a linguagem da praça pública não estavam presentes nos palcos eruditos. A dicotomia cultura oficial, letrada ou de elite, versus cultura popular, folclórica, oral, não permitia ao teatro burguês tratar de temas extraídos do universo popular ou que lançasse mão de uma linguagem que não fosse dos salões letrados.

No momento em que o teatro nordestino foi beber em fontes populares para criar uma cena com as cores da região, foi também ao encontro do riso e do cômico tido pelas elites como uma coisa menor, banido do palco erudito e sem o direito de ser teorizado. Como se vê, por exemplo, em “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco. Como a cultura popular é paródica e reduplica a oficial por meio do riso *carnavalizado*, e mesmo do grotesco, a carnavalização (herança medieval) sai das ruas, das brincadeiras de boi-de-reis, dos Pastoris, das toldas dos João-Redondo, e vai para debaixo dos refletores dos palcos bem comportados.

Sob o ponto de vista do historiador da literatura e filólogo soviético Mikhail Bakhtin (1895-1975), todo o teatro medieval está perpassado pela carnavalização. Pois rompe com o conceito do teatro aristotélico, contrapõe-se a ele e liga-se ao carnaval. Lígia Vassallo acrescenta: “Parece-nos que essa ruptura é um traço bem marcante em sociedades orais, pois se encontra em outros textos medievais, pertencente ou não a literatura oficial. Por isso o narrador se dirige ao público em obras como A Canção de Rolando, A Medusa de Jean d’Arras, em inúmeros *fabliaux*, no Dercameron e, contemporaneamente, na literatura de cordel nordestina, que além



de se ater a oralidade guarda muito dos traços mediavalizantes.”

Estudando o fenômeno que denomina carnavaização, Bakhtin aponta como traços marcantes: a ruptura do cotidiano, a eliminação de barreiras sociais e convencionais de qualquer ordem, a inversão total de valores geradores de permissividade, o primado do riso liberador. Esse riso liberador, catártico, que incomoda os poderosos e bem postos, está presente em toda brincadeira de Boi-de-Reis e teatro de João-Redondo. E foi aí que Ariano Suassuna encontrou material para sua peça “A Farsa da Boa Preguiça” onde, em uma determinada cena, o rico fazendeiro “Seu Aderaldo” fica incomodado por ver o poeta “Joaquim Simão” feliz da vida, apesar de toda a pobreza em que vive. Sem poder se conter diante da situação, irritado comenta com a mulher: “Ele olha pra mim com a cara de quem está mangando. Isso me dá uma raiva!”

Nos espetáculo de João-Redondo o protagonista nunca é superior aos demais personagens ou ao meio onde vive. É um anti-herói por excelência, que parodia e carnavaiza a figura do herói inteligente, bonito e invencível. São tipos que estão sempre passando a perna nos “doutores”, coronéis ou na polícia. Acontece, no entanto, muitas vezes tornarem-se vítimas de seus próprios ardis.

Foi esse arquétipo que gerou o João Grilo do “Auto da Compadecida” (Ariano Suassuna), Baltazar do “Auto da Cobiça” (Altimar Pimentel), João Campina de “Fogo Fátuo” (Lurdes Ramalho), Corre-Terra de o “Cavaleiro do Destino” (Tácio Borralho), Ferreirinha da “Farsa do Poder” (Racine Santos), Ezequiel de “O Morro do Ouro” (Eduardo Campos) e muitos outros que habitam a cena nordestina. São esses personagens herdeiros diretos dos criados espertos das farsas medievais, da comédia latina, comédia dell’arte. Molière utilizou muito bem esse modelo, vide criada Dorina, em “Tartufo”, que dá o tom cômico da peça através de comentários sarcásticos e exagerados.

Em Pernambuco a brincadeira de Boi-de-Reis é conhecida como Bumba-meu-Boi. E lá o folguedo trás uma série de perso-



nagens que não existem em outros Estados como, por exemplo, no Maranhão e no Rio Grande do Norte. Um desses personagens é a figura do “Dotô”, um médico charlatão chamado às pressas para ressuscitar o boi, que morre após Mateus cortar *sua* língua para dar à mulher. Que estava grávida e desejando comer uma língua de boi. Em sua peça “Cancão de Fogo” o autor Jairo Lima lança mão desse personagem e leva para o palco o mesmo discurso debochado e paródico da brincadeira popular. Na peça do dramaturgo pernambucano o personagem “Dotô Raiz”, na verdade um vendedor de ervas medicinais, resolve fazer uma cirurgia em outro personagem e diz:

D. Raiz – Eu agora vou dizer

Como é a operação:

Começo pelo pescoço

Que vou abrindo a facão...

Depois de descrever a absurda cirurgia, cortando o paciente de toda maneira, o charlatão conclui seu discurso disparatado dizendo:

... Dá-se um ponto, faz-se um traço

Depois regula-se a válvula

Controladora da fala

Pra baixar um pouco o tom

Dá-se um nó e sem malícia

Posso afirmar com perícia

Que o sujeito fica bom.

O Pedro Malazarte

No Nordeste brasileiro Pedro Malazarte é o herói invicto de centenas de contos e “romances”, como são chamados os folhetos de poesia popular que narram aventuras, tragédia, histórias de amor, etc. É o pobre esperto, que usa a astúcia para sobreviver, capaz de resolver adivinhações difíceis e de sair ileso das situações mais complicadas, graças a sua astúcia. Com uma história



secular atrás de si, Malazarte é aquele que realiza “malas artes”. E, na identificação ibérica, figura universal que corre a península desde o século XIII quando, na Espanha, um documento de venda de terras é citado um tal de Fra Martin Urdemalese, “era de 1280 nona octobris”. A cantiga 1132 do Cancioneiro da Vaticana nos oferece uma ao mesmo personagem que, segundo Rodrigues Lapa (Cantigas d’escarnio e Mal Dizer), já era desde então protagonista de muitas narrativas tradicionais:

“Chegou Paio de maas artes
 Com seu cerame de Chartes
 E non leeu el nas partes
 Que chegasse a uu mês
 E do lues ao martes
 Foi comendador d’Ocres”

Malasarte, Malaarte, Urdemales, Ulima, Urdemale são os nomes com os quais se conhece esse protagonista de tantas proezas e diabruras, mas sempre cercado pela simpatia popular que o desculpa e perdoa a falta de escrúpulo e a ausência de qualquer remorso. Com seus traços diabólicos e picarescos ao mesmo tempo o personagem passa das histórias e literatura populares à erudita. Na Espanha o reencontramos na comédia *Pedro de Urdemalas*, de Cervantes. Como também em obras de Quevedo, Juan del Encina, Calderon e Montalban. Em Portugal o filólogo e etnógrafo Leite de Vasconcellos (1858-1941) o identificou em narrativas populares como Pedro das Malas-artes, *que aparece também com os nomes Manoel Tolo, Pedro (sem outras especificações), João Pateta, associando-se em muitos casos com o personagem mesmo do diabo.*

No Nordeste brasileiro os diversos contos onde ele é personagem, coletados por estudiosos como Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Lindolfo Gomes, Câmara Cascudo compõem um ciclo que terminou por influenciar e oferecer elementos à cultura erudita. Graça Aranha, em 1911, escreveu um texto teatral tendo esse



anti-herói como figura central da trama. Em 1928 Mário de Andrade publicou o romance *Macunaíma*, o “herói sem caráter” que, como o Pedro Malasartes, é preguiçoso, astuto, e capaz de qualquer ardil para se dar bem na vida. Érico Veríssimo, por sua vez, pensou em transforma-lo em protagonista de um romance onde encarnaria “as qualidades e os defeitos do brasileiro de origem lusitana e possivelmente com um pouco de sangue indígena. Malasartes seria então inteligente, generoso, sentimental, preguiçoso, sensual e imaginativo até o ponto de se tornar mitômano”. Em 1961 Silvio Rabelo dedicou ao personagem um trabalho teatral em três atos.

Na literatura popular em versos, muitos folhetos foram publicados contando as aventuras e estripulias desse preguiçoso e astuto incorrigível. Entre eles “A Vida de Pedro Malazartes”, do poeta baiano Antônio Teodoro dos Santos, “As Diabruras de Pedro Malazartes”, do cearense Expedito Sebastião da Silva, onde se lê:

Disse Pedro: essa não!
 Pois se Deus me fez nascer
 Há de me dar o sustento
 Pra eu no mundo viver
 Portanto é uma loucura
 Eu trabalhar pra comer

Por isso vivo tranquilo
 Deitado na minha rede
 Comendo frutos silvestres
 No rio matando a sede
 Dormindo à sombra das árvores
 Ou de alguma parede.

Se o cangaceiro é o símbolo da valentia, da violência e da brutalidade, o amarelinho Malazartes (como João Grilo e Can-

ção de Fogo)) é o símbolo da astúcia, da enganação. E esse comportamento astucioso aparece também no “Velho” do Pastoril, no “Binidito” das brincadeiras de João Redondo e no “Mateus” do Boi-de-Reis. São essas figuras das brincadeiras nordestinas e dos folhetos de feira, carregando consigo toda uma tradição medieval e elementos consagradores da carnavalização, que oferecem subsídios para um teatro que ganhou cores e formas nos palcos brasileiros a partir dos anos 1950. O Nordeste já não era tão cinzento e árido. Já se podia sonhar e rir dos poderosos e de suas mazelas. Afinal, “La Vida es Sueño”, como queria De la Barca.

RACINE SANTOS é dramaturgo, jornalista e escritor, autor de *Macaíba em alvoroço* e vários outros livros.



CULTURA ANTIGA

(UMA SÍNTESE)

V

- E G I T O -

Jurandyr Navarro

Kernet, seu primitivo nome, significando “terra negra”, devido ao nimbo escuro conhecido por “água benfazeja”, proveniente de cheias anuais.

“O Egito não está só no Egito”. Trata-se de uma nação extramuros, através os quatro pontos cardeais. Inumeráveis objetos, estátuas, monumentos, atravessaram mares. Coleções públicas e particulares. O Louvre de Paris tem cinquenta e cinco mil peças egípcias, como Berlim, Londres e Turim, não foram menos favorecidas com tais riquezas artísticas. Outras, também, foram aqui-nhoadas, tais cidades australianas, japonesas, americanas e demais, realidade por estudiosos do assunto evidenciada.

A terra dos faraós é assinalada, na esfera política, por diversas dinastias. Teve, no soberano Menés, o seu inaugurador. Após milênios, foi atribuído a Mahommed Alí, a criação do Egito moderno.

Desde a sua origem, política, até a conquista romana, o Egito completou cerca de trinta dinastias, segundo autores credenciados, sendo delas, a mais destacada, a do faraó Ramsés II, tendo sido ele genitor de cento e onze filhos e cinquenta e nove filhas, possuindo três esposas oficiais e numerosas concubinas..., espécie de poligamia real, na época usada e abusada...

Reinado de sessenta e sete anos, elogiado pela operosidade. Levantou obeliscos em Tebas, um dos quais se encontra, hoje, na Praça da Concórdia, em Paris. Restaurou o templo de Tânis e cidades tais Mênfis e Bubasti, entre outras, deixando, assim, a prova



sua entusiástica devoção às artes. Estátuas, foram erguidas no colossal templo de Ramesseum, em cujos pilonos, ficou imortalizada a memória de suas gestas guerreiras. Outra, em Abusibel, das mais importantes da arquitetura egípcia, expressão exata da grandeza daquela dinastia faraônica, coberta de glórias.

Sua vida é descrita por Plínio, Tácito, Deodoro, Josefo e LeFebure, consoante pesquisadores lítero-históricos.

Um templo contemplou seu nome, no “Vale dos Reis”. Sua múmia se acha no Museu do Cairo, das raras dos soberanos egípcios, reencontrada após milênios. Faleceu aos oitenta e oito anos, idade rara, para um povo, que, na época, costumava viver meio século, no máximo, conforme escritos a respeito.

Poema, de Pentaocur, evoca elogios ao seu nome.

Outro destacado faraó foi Akenaton, o instituidor do monoteísmo, naquele afastado cenário, região de incontáveis deuses e deusas. Perdurou o seu reinado dezessete anos. Nefertite, a sua bela esposa e, em seguida, soberana egípcia, cujos feitos foram apagados.

Nesse período sendo a cidade de Amarna, sua capital, construídos foram suntuosos templos, em homenagem ao deus sol, Aton, a exclusiva divindade. “Os raios luminosos desciam em direção aos relevos representativos de Akenaton, Nefertite e suas filhas, comunicando-se com o ente divino”.

Com a morte do casal monoteísta, a sua sucessão retornou ao politeísmo de outrora.

“Uma revolução teológica, o reinado de Akenaton, foi também uma revolução artística”, sentenciou certo autor.

Erguido foi colossal busto com o seu “rosto alongado”, desde muito exposto no Louvre da França.

Afirmou Will Durant, ser da lavra de Akenaton, o mais belo poema da literatura egípcia, dedicado a Aton. Por esses dias, o idioma acadiano era o usado pela então diplomacia internacional.



No livro, “Titãs da História”, lê-se: - “Amnóbis, o Magnífico; Tutmósis II, o fundador do império; Sesóstris, um rei ideal, um herói lendário; Amenhotep III, o faraó; soberano Zoser, fundador da terceira dinastia; Quéops; Quéfren e Miquerinos, os construtores das Pirâmides tradicionais...”

O faraó Narmer, o unificador do Alto e Baixo Egito.

O chamado Império Novo é considerado a “idade de ouro” do Egito, em especial o período da décima oitava e seguinte dinastia com monumentais obras de arte: - faraós Abnés, Ramsés II e a rainha Hatchepsut, sobressaindo esculturas, estátuas, amuletos, figuras tumulares, a pedra, a madeira, o bronze, a prata, o ouro...

Menés, o inaugurador egípcio da política dinástica. Deu à realeza a organização unitária. Preocupava-se com a renovação da escrita e da arte, assim como técnicas agrícolas e artesanais. Dito soberano unificou os primitivos reinos existentes.

Em número de três as antigas capitais: Mênfis, Tebas e Saís. Por um exíguo espaço de tempo, Amarna, teve esse privilégio, no reinado de Akenaton.

Tutancamon, outro faraó lembrado. Seu trono feito de madeira e folheado a ouro. Na sua tumba achava-se uma lâmpada de calcita, cuja mecha tornava visível a sua imagem e a de sua esposa. Quando retirada, por arqueólogos, foi notado resíduos de óleo na sua parte inferior, após séculos...

Uma Estela, oriunda das ruínas de Karnak, dá notícia do seu reinado: - “encontrou templos destruídos, reconstruiu santuários, monumentos foram edificadas, povoações amparadas”.

No chamado “Livro dos Mortos”, lê-se a frase: “Eu sou ontem, eu conheço o amanhã”.

Durante a permanência de Ptolomeu I, foi erigido o famoso Farol de Alexandria, uma das “Sete Maravilhas do Mundo”, das quais ainda “viva”, a “Grande Pirâmide”, obra do faraó Quéops; tendo, ao

lado, de proporção apreciável, uma Esfinge. A restauração dessa última, foi de iniciativa de Tutmés, faraó descendente de Amenófis II.

Tal ocorreu impulsionado por um sonho. Nessa revelação a Esfinge identificou-se como Horomaquet (deus que associava a aparência de Hórus), o qual lhe declarou que ele, Tutmés, seria rei, se liberasse a estátua da areia, à qual estava quase toda soterrada.

Quando ocupante do trono, em sinal de gratidão, determinou fosse registrado, com os devidos pormenores, numa Estela, de apreciável altura, o fato com ele ocorrido, ficando então conhecida como a “Estátua do sonho”!

Episódio parecido ocorreu com os chamados “Colossos de Memnon”, duas gigantescas estátuas, em certo período, uma delas entoava, ao alvorecer, mavioso canto, “qual lampejo de uma lira”.

O padre Roque Schneid, em trecho de seu livro, “Passeio pelo Egito”, elucidando, no seu entendimento, esse fenômeno, do impacto da luz solar na rocha, do qual emitia ruído musical. Tal inédito acontecimento, impressionável aos antigos, durável por certo tempo, proporcionou, posteriormente, sua exploração, sob o aspecto literário, na lenda da “Pedra que cantava”, fato inédito de musicalidade, tendo como personagem, Memnon, o mítico filho de Aurora e Titão, soberanos do Egito:

“Enviado pelo pai para socorrer Tróia, assediada pelo exército grego, Memnon cobre-se de glórias, matando em combate, Antílico, filho de Nestor. Ao regressar, Memnon é morto pela mão vingativa de Aquiles. Aurora, em lágrimas, teria suplicado ao poderoso deus Júpiter, que fizesse ressuscitar o filho, ao menos uma vez por dia. Assim, cada manhã, enquanto Aurora acariciava com seus raios, o filho saudoso, este



respondia à mãe inconsolável, emitindo um longo e plangente som...”

Quem por lá passasse, àquela hora, certamente surpreso ficaria e pensaria, tal o expressado: “É um canto tristonho, porém, harmonioso”.

A primeira Pirâmide “dos degraus”, foi primazia do reinado do faraó Zoser. Tal obra data de 2.600 a.C. Imhotep, foi o seu arquiteto, o inovador das construções com pedras talhadas.

Descoberto por Giovanini Belzoni, o grandioso templo de Ibisambul, visitado por Champollion, o decifrador dos hieróglifos, por ocasião da descoberta da “Pedra de Roseta”, durante a expedição do exército de Napoleão.

Nesse distanciado Egito, as chamadas artes plásticas superaram as liberais, daí o avanço da pintura, escultura, desenho e arquitetura. Prestigiando as artes liberais, Ramsés II criou a primeira Biblioteca. A mais famosa foi a de Alexandria, implantada no reinado de Ptolomeu I.

As Estelas eram pedras enormes, tais lápides, destinadas a gravar mensagens oficiais.

“Uma única coluna de Karnac, é mais importante do que as quatro fachadas do pátio do Louvre”, afirmou Jean François Champollion.

O Egito teve um arquiteto imortalizado, em bronze, pela sua engenhosidade: Imhotep, que serviu ao soberano Zoser, segundo estudos do arqueólogo Walter Emery, de inglesa nacionalidade.

A primeira greve operária universal, deu-se no reinado de Ramsés Terceiro, em 1.165 a.C., trabalhadores de Deir el Medina ante o desespero pela falta de suprimentos, paralisaram os trabalhos. Segundo o escriba Amennakht, quando os dirigentes do povoado tentaram persuadi-los, foram recebidos “com insultos”. Nesse momento, um dos grevistas bradou: “É por causa da fome e da sede, que estamos aqui. Falta comida e roupa. Fale disso ao visir, para que sejamos abastecidos”.



Foram atendidos!

Retornando às Estelas, havia uma delas gigantesca, século II a.C., na qual fora gravado um documento oficial religioso. Enviada à França, para o Museu de Paris. Ela hoje se encontra na “Praça das Escritas”, em solo gaulês.

As estátuas da princesa Nofret e do seu consorte, Ra-Hotep, impressionaram os arqueólogos, ao abrirem suas tumbas, pela perfeição espelhada, decorridos séculos!

Saqqara, conhecida como a “planície das múmias”. Através escavações de Perring, de Lepsius e de Auguste Mariet, o sítio começaria a expor sua fabulosa riqueza. Anos após, 1920, surge Francis Firth, onde lá fez descobertas, juntamente com o arquiteto Jean Philippe Laver, o qual passaria cerca de setenta anos, de sua vida nesse sítio extraordinário, conhecido como principal cemitério dessa região histórica.

Ao lado das tumbas se achavam pertences dos falecidos: objetos, roupas, e até alimentos. O politeísmo abraçava todo absurdo!

Atinente às múmias, Eugéne Lefebure, localizou, na de Amenófilo I, uma vespa, ainda “viva”, atraída pelo odor das flores secas “permanecidas intactas por milhares de anos, não havendo meio de entender a suspensão do tempo e a interrupção da decomposição, do que vendo aquelas flores imortais sobre corpos eternos”, finaliza. Para ele “era a imagem de um sono perpétuo”.

Nessa necrópole de Saqqara, Estrabão afirmara ter evidenciado uma grande avenida ladeada por cento e quarenta e uma Esfinges!

Como era rico, o cenário artístico egípcio!

Riqueza cultural inigualável foi o famoso Farol de Alexandria, dotado de uma inigualável Biblioteca e de um Museu inigualável.

Citado Farol, considerado uma das “Sete Maravilhas do Mundo”, foi construído pelo genial arquiteto Sóstrates.



Robert Solé, na obra “Egito, um olhar amoroso”, comenta uma suposição, atribuída a terceiro, em relação a uma inscrição gravada ao pé do histórico monumento. Diz ele: “Curiosamente nela figuraria o nome do arquiteto Sóstrates, mas não o do soberano. Conclui-se ter dito arquiteto usado um artifício para apagar o nome de Ptolomeu, que estava gravado numa camada de cal, que não tardaria a desaparecer, dando lugar a seu próprio nome, Sóstrates, solidamente gravado em pedra”.

O arquiteto em questão, teria, mesmo realizado tal intento?

A verdade é que, nesse afastado período, a vaidade de reis inescrupulosos, praticavam absurdo de toda espécie. Sabe-se, através leituras esparsas, que certos soberanos, mandavam vasar os olhos de artistas renomados, de artes plásticas, a fim de impedir repetissem suas obras geniais, em proveito de outros governantes...

Com o tempo decorrido, o Cristianismo foi recebido em Alexandria, “capital da Memória e do Saber”. São Marcos por lá aportou, em 43, d.C., para fundar a Igreja do Egito.

A primeira comunidade monástica foi criada por São Pacônio, no Alto Egito, perto de Nag Hamdi.

Santo Atanásio, bispo de Alexandria, apresentou o monasticismo ao resto do mundo.

Anteriormente, Moisés, foi adotado pela filha do faraó e criado como príncipe egípcio. Estudou em Heliópolis, a cidade do Sol.

Durante a “fuga do Egito”, a Sagrada Família teria parado sob um Sicômoro, em Matareya. Compondo sete metros de circunferência, a chamada “Árvore da Virgem”, por séculos, atraiu inumeráveis peregrinos, de todos países.

E o idioma egípcio?

Sabe-se, desde Champollion, ser uma escrita a um só tempo figurativa e fonética, isto é, que seus signos tanto podem expressar ideias como representar sons. Compõe-se, na realidade de três ti-

pos de signos. Inicialmente, são os ideogramas ou signo-imagens; após, os fonogramas, ou signos-sons; finalmente, determinantes, que não se lê, mas permitem definir a categoria das palavras anteriores.

Consoante autor credenciado, é o egípcio o idioma mais antigo, depois do sumério, pouco anterior à língua que ficou registrada nos Hieróglifos. O primeiro documento conhecido – a Tábua de Narmer, conservada no Museu do Cairo. E a última inscrição hieroglífica, descoberta até o momento, achava-se no templo de Filae.

Os Escribas tinham alguns privilégios. Dispunham de um baú de madeira, contendo dois recipientes: um deles para o ocre vermelho, outro para o carvão vegetal, além de outro para a água, varetas de junco para escrever, raspadeiras, panos e rolos de papiro. Exigia-se para tal ofício, o saber ler e contar. Especialidades: escribas funerários, do celeiro e dos campos.

Rainhas e esposas: Sebekneferurê, Nefertari, Nefertite, Nutnadimet, Tiy, Katuchilli, Anaquesenarmon, Hatshepsut, Cleópatra e outras.

Delas, a mais engenhosa foi Hatshepsut, descrita com pormenores, no livro de Francis Fèvre, intitulado “Faraônica de Tebas – Hatshepsut, Filha do Sol”. Reinou durante vinte e um anos (1505 - 1484). Sucedeu a Tutmósis II, seu consorte.

Todavia, a que mais “atizou a imaginação”, foi Cleópatra, a sétima soberana dos Ptolomeus. Amou César, casou-se com Marco Antônio, antes de ser vencida por Otávio.

Foi tema de escritos de Shakespeare, Virgílio, Horácio e Sêneca, tendo a sua figura sido descoberta no Renascimento, de uma tradução de Plutarco. Parte de sua vida é detalhada por Robert Solé, em obra mencionada acima. Deu ela ensejo a peças de teatro, cinema, incontáveis balés, dedicados à “cigana ardente”, à poldra do diabo”.



No último ato de “Antônio e Cleópatra”, de William Shakespeare, a heroína declara ao enviado de César:

“Senhor, não comerei nem beberei e, se for necessário pronunciar ainda outras palavras supérfluas, não dormirei também. Arruinarei esta prisão mortal, faça César o que quiser. Ficai sabendo, senhor, que não irei manietada para a Corte de vosso Senhor, nem me exporei, uma só vez que seja, a ser humilhada pelos olhos desdenhosos da estúpida Otávia. Pensam eles que me deixarei arrastar e exhibir à turba vociferante da insultuosa Roma? Seria preferível que uma fossa no Egito me servisse de aprazível túmulo. Antes ser exposta nua na lama do Nilo e comida pelos mosquitos até tornar-me alguma coisa hedionda! Prefiro que as altas Pirâmides de meu país me sirvam de patíbulo e que lá seja suspensa por correntes!”

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de *Páginas de Verão* e outros livros; organizou a *Antologia do Padre Monte*. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ALGUNS ASPECTOS DA LITERATURA INFANTIL

Eulália Duarte Barros

O “...era uma vez...”, o “*abre-te, Sésamo*” do mundo da fantasia da criança, são frases mágicas que descerram uma cortina de um palco imaginário, onde desfilavam fadas, bruxas, feiticeiras, duendes, bichos e lobisomens. As *amas-de-leite* e *babás* de antigamente eram as contadoras de estórias, que supriam a insuficiência ou inexistência de livros para crianças, com as suas narrativas nem sempre lúdicas, muitas vezes até assustadoras, como as do velho do surrão, das almas penadas, do zumbi (que era a alma dos animais), mas encantadoras e maravilhosas no seu mistério aceito.

Aqui no Brasil Colônia, havia ex-escravos que eram exímios contadores de estórias. Eram chamados de *engenho a engenho* quais Homeros dos trópicos – para, nas festas de batizados, casamentos, fim de moagem, serem escutados pelos grandes e pequenos, nos alpendres da *casa grande*. E esses *aedos* percorriam distâncias, levando as suas narrações, difundindo-as e fazendo-as serem passadas de geração a geração. Quem viveu em engenhos ou fazendas conheceu esses personagens. Escritores como José Lins do Rêgo, Gilberto Freyre, Maria Madalena Antunes Pereira, em seus livros de memória, falam desses exímios contadores de estórias que marcaram as suas infâncias. Não só no Nordeste, mas ainda nas fazendas de café, nas estâncias do Sul, havia esses atores para o teatro da fantasia.

Difícil é dizer exatamente qual a origem, a raiz dessas estórias. A síntese cultural do folclore brasileiro, resultante da fusão dos folclores das três raças, com as acomodações e modificações naturais, é um fenômeno que se constata facilmente. É difícil procurar distinguir as procedências de nossa cultura popular na filiação das fontes; muitos dos contos africanos tinham origem ou conotações de contos gregos e de antiquíssimas civilizações orientais. Os primeiros marinheiros portugueses



trouxeram a literatura oral europeia que aqui foi acrescida de mitologia indígena e de sua tradição, mais tarde ambas as correntes enriquecidas pela contribuição africana. Essa contribuição africana foi muito importante por que era ele – que transmitia oralmente as estórias, dando-lhe uma conotação, um clima de teatro, quando ele, o narrador, falava as diversas vozes do enredo, dando um timbre especial a cada fala. A fada, a madrasta (geralmente pintada como uma megera), as bruxas, os animais, recebiam em sua boca, as marcas de suavidade ou maldade conforme fosse sua imagem e sua atuação na narração. As contadoras de estórias, as modificavam e aclimatavam com o passar do tempo; o príncipe descrito por elas tomava a forma do bonito senhor de engenho ou fazendeiro, a princesa geralmente herdava os traços bonitos da sinhozinha. Faziam dos hábitos do castelo os hábitos da casa-grande.

Ninguém na literatura oral, teve tanta repercussão e influência como o português Gonçalo Fernandes Trancoso, que ficou famoso no século XVI, com estórias recolhidas na Ásia e na África.

Luís da Câmara Cascudo diz que o século XVI é o século de Gil Vicente e de Gonçalo Fernandes Trancoso, cujos contos são lembrados no “*Diálogo das grandezas do Brasil*”, de Ambrósio Fernandes, no ano de 1618.

O livro de Trancoso, “*Histórias de Proveito e Exemplo*” deve ter vindo para o Brasil nos primeiros anos da colonização, ou seja, na data de sua primeira edição, em 1575. Até hoje, é conhecido, e foi o nome mais popular em todas as regiões brasileiras, especialmente entre as pessoas que não sabiam ler e que passavam as suas estórias de geração a geração, contando-as como as “*estórias de Trancoso*”, sem o conhecerem nem a sua origem.

Na região nordestina, estórias da Carochinha, estórias do Arco-da-Velha e estórias de Trancoso eram as que continham fadas, bruxas, príncipes e princesas, que, num final catártico, “*viviam felizes para sempre*”. E o arremate clássico de “... entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto, Senhor El-Rei mandou dizer que me contasse cinco...”, finalizava esses momentos de encantamento e fantasia.



A literatura infantil, portanto, tem origem na evolução natural e espontânea da tradição oral, e esta é origem também de todo pensamento humano. Homero, o “pai da literatura ocidental”, não foi senão um contador de estórias, Esopo apenas transmitiu as suas fábulas, nunca as escreveu. É, portanto, de contar e ouvir, que nos vem quase toda a literatura da sua fonte: o folclore.

Como gênero, a Literatura Infantil nasceu com Charles Perrault, poeta e advogado de prestígio na França do século XVII, no reinado de Luis XIV, o Rei Sol. Trata-se dos “Contos da Mãe Gansa” (1697) onde Perrault reuniu estórias como: A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, A Gata Borralheira ou Cinderela.

Na mesma época, outro intelectual francês, La Fontaine, resgata as estórias moralistas: “As Fábulas”.

Depois de quase um século (1700-1800) os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm selaram definitivamente o triunfo do mundo da fantasia, e abriram caminho para a criação do gênero Literatura Infantil.

Já no século XIX, início do Romantismo, o dinamarquês Hans Christian Andersen, completou o acervo da Literatura Infantil clássica. Charles Perrault, Irmãos Grimm e Andersen, formam a tríade mais importante do conto infantil que se espalhou pelo mundo.

No século XIX, aparece na Itália Carlos Lorenzini conhecido pelo pseudônimo Collodi, com o seu fascinante Pinóquio, um boneco tão humano que também mentia. Foi traduzido no Brasil por Monteiro Lobato em 1933, com o nome “Aventuras de Pinóquio”.

Uma contribuição inglesa foi Lewis Carrol, que publicou em 1865 “Alice no País das Maravilhas”. É um livro com passagens surrealistas, absurdas, mas ao mesmo tempo poéticas.

Todos esses escritores conferem a influência de Rousseau com a publicação de Emílio, no início do século XIX: proclamou o crescimento espontâneo da criança dentro de um ambiente natural adequado.



Nos Estados Unidos, Mark Twain, com as “Aventuras de Tom Sawyer.

Daniel Defoe, com o seu “Robson Crusoe”, mais dirigido aos meninos maiores.

Já no início do século XX, aparece o lido e famoso “Peter Pan”, publicado em 1906, “menino que não queria crescer”.

No Brasil ninguém alcançou ou igualou a Monteiro Lobato. Ele soube juntar o maravilhoso ao cotidiano, a fantasia à realidade, o didático sem didatismo, o ético sem conclusões moralistas. Foi o gigante da literatura infantil. Não olhou a criança como um adulto em miniatura, mas como um ser, com todo o seu mundo real. Faz da prosa poesia: “ *a aranha tece rendas para os seus vestidos...*”

Em cerca de 20 livros, criou todo um pequeno mundo infantil numa fazenda com as figuras mais queridas do mundo emocional da criança: a avó e a babá daqueles tempos. Suas personagens são crianças e animais e são facilmente “*assumidas*” pelos pequenos leitores: fazem diabruras, os bichos falam, os duendes convivem com as pessoas e os adultos dão apenas o apoio emocional. O mais importante de Monteiro Lobato é que o seu primeiro livro escrito em 1921, “*A menina do narizinho arrebitado*” continua atual como se fosse escrito hoje, 101 anos depois. As aventuras espaciais com Tia Nastácia na lua, é uma prévia com o seu jeito notável de ser e especial. O respeito da Tia Anastácia por São Jorge, na sua primeira aventura espacial: “... que moço tão bonito...” .

Monteiro Lobato não se pode resumir, exige toda uma tese.

Em 1934, Gustavo Capanema, então Ministro de Educação, organizou uma Comissão Nacional de Literatura Infantil, cujos integrantes eram Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes e Lourenço Filho. Pelo trabalho dessa comissão, catalogaram-se 253 obras diversas editadas no Brasil e 77 obras em Portugal, de uso corrente entre nós. Em 1942, O Instituto Nacional de Estudos pedagógicos, do MEC, acusava 605 obras editadas no Brasil,



das quais, 434 eram traduções, adaptações ou imitações toscas de autores estrangeiros, sobretudo franceses e alemães. Em 1979, a produção literária era avaliada em 1.500 trabalhos, dos quais dois terços eram traduções e adaptações.

Em todas essas obras, predominavam o conto de fada e as histórias fantásticas, e pode-se notar que ainda era considerada uma subliteratura, a literatura infantil.

Entretanto foi mudando. De 1980 para cá muito se avançou na Literatura Infantil brasileira, autores nacionais passaram a receber reconhecimento e o maior prêmio internacional de literatura Infantil, o Hans Christian Andersen foi dado a autora Lygia Bojunga em 1982, a Maria Clara Machado em 2000 e a Roger Mello em 2014.

Não podemos esquecer que no nosso Estado do RN, autores como Câmara Cascudo, Diógenes da Cunha Lima, Veríssimo de Melo, Maria Eugênia Montenegro, Maria das Graças Brandão Soares, Bartolomeu Correia de Melo e José de Castro também incluíram em suas obras, escritos, contos e poesia direcionados ao público infantil.

A poesia para crianças apareceu tarde no Brasil apesar de ser a primeira manifestação literária dos povos. Ela é apresentada a criança pelos acalantos e pequenos mimos infantis e a sua intenção é despertar a emoção poética. Stella Leonardos e Cecília Meireles são dois bons exemplos de como escrever poesia para crianças.

Falaremos disso em outra oportunidade.

Em nossa sociedade materialista não se valoriza nem se incentiva a imaginação e a fantasia da criança, que se vão atrofiando ou se perdendo na passagem do tempo. Mas como diz Cecília Meireles: “Os livros que tem resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem!”.

EULÁLIA DUARTE BARROS é escritora e professora aposentada da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de *Verdes Vales*, *Verdes Campos* e outros livros.



UMA HERDADE À BEIRA-MAR

Horácio Paiva

A realidade é a opção do provável. A consciência tem muitos caminhos, mas apenas um, de fato, nos é dado viver em nosso mundo. Os demais pertencem à definição dos universos paralelos, traçada pela magia lógica da física quântica.

A realidade
é a opção do provável
o real é Deus.

Porém não é a filosofia agora o que nos importa, mas a poesia, com o seu aglomerado infinito de sonhos, à disposição do imaginário de cada um. Afinal,

Todo homem
traz
uma mensagem.

Todo homem
é mensageiro
dos deuses.

Quanto a mim, cumpro meu papel contemplativo, ou missão: sou um sonhador nato, isto é, sonho muito - o que não significa, necessariamente, originalidade. Desses sonhos, inúmeras vezes, nasceram ações e realidades que foram úteis não apenas a mim, mas também ao meu próximo. Apraz-me, por exemplo, haver participado intensamente, e em momentos decisivos, de lutas sociais.



A par disto, sou igualmente um sonhador individual, e, neste caso, nem sempre a contemplação leva à ação, contentando-me no campo prazeroso e desafiador das divagações espirituais, devocionais ou mesmo sensoriais. Quanto a estas últimas, e não obstante por vezes fazer residência numa fazenda, no interior do mato, o meu amor à natureza tem duas almas, levando-me também a um sítio à beira-mar, igualmente acolhedor ao encontro com a poesia que, como Vênus, parece haver nascido do mar, espelho de uma beleza absoluta onde, desprendidos, nos deixamos ficar - como no encanto desses versos de Fernando Pessoa:

“Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar”.

Ou no embalo dramático desses outros, também do grande poeta, que lembram a saga dos antigos navegadores portugueses, desbravadores do Mar Oceano:

“Ó mar salgado,
Quanto desse sal
São lágrimas de Portugal.”

Ah, Vênus!... Ah, o diálogo amoroso com a amada no alvorecer da clara manhã!... Não é o mesmo que sugere o anjo Amadeus, no andante pausado e quase sacro de seu Concerto 21 para piano?

Disse-me certa vez o meu saudoso amigo Luiz Evangelista de Oliveira, cearense nascido no vale do Jaguaribe e médico dos marítimos de Macau, num tempo que jamais se perderá, preferir sítios que reunissem o sertão e o mar. Havia nele - e certamente ainda há, onde estiver - essas duas almas.

Corria o ano de 1916, no fragor da Primeira Grande Guerra, quando o poeta norte-americano Alan Seeger, com 28 anos de idade, lutava nas fileiras das tropas aliadas. Às vésperas de morrer em combate, escreveu um poema intitulado “Tenho um Encontro



com a Morte” (“I Have a Rendez-vous with Death”), cujos versos profeticamente anunciavam o seu fim trágico:

“Eu tenho um encontro com a morte,
E jamais a esse encontro eu faltarei.”

O amor, a vida e a morte sempre foram o universo da grande poesia... Miguel Hernández:

“Llegó con três heridas:
La del amor,
La de la muerte,
La de la vida.”

O meu encontro com a poesia numa herdade à beira-mar, mesclado de serenidade, sonho e prazer, terá o tempo completo de um dia - mas não de precisas vinte e quatro horas -, observadas, porém, essas quatro estações: manhã, meio-dia, tarde e noite. Divirto-me a imaginar o que estaria recordando, lendo ou ouvindo...

E não se surpreendam se encontrarem a manhã repleta de música, já que não poderei esquecer o primeiro movimento da nona sinfonia de Beethoven - música absoluta, como diria Carpeaux - e o encanto da “Ode à Alegria”, com os belos, sonoros e românticos versos de Schiller, ao final.

O lugar e a hora me farão mais uma vez recordar essa estranha e diáfana Annabel Lee, em seu reino à beira-mar, e cujo amor fora invejado pelos próprios serafins, tema de memorável poema de Edgar Allan Poe.

“Eu era criança, ela era uma criança
no reino à beira-mar,
mas nosso amor chegava, ó Annabel Lee,

o amor a ultrapassar,
amor que os próprios serafins celestes
vieram a invejar.”

O meio-dia tropical, porém, requer um poema forte, de crença na força redentora da vida, e lembro o nosso Gonçalves Dias:

“Se a vida é combate
Que aos fracos abate,
Aos fortes, aos bravos
Só pode exaltar.”

Ainda ao meio-dia, nordestino, pleno de sol e luz, vejo e escuto a natureza do semiárido, onde os raios de sol, além dos passarinhos, cantam.

Os raios de sol gorjeiam
na límpida claridade
do meio-dia.

À tarde, na hora frágil que antecede o pôr do sol, estarei nostálgico e pensativo. Recordarei a infância e a casa de meu pai, e buscarei viver esse mundo aparentemente perdido, refugiando-me à sombra do limoeiro que encontro em Antonio Machado:

“Estou sozinho no pátio silencioso
buscando uma ilusão cândida e velha.”

“Esse aroma evocativo dos fantasmas
das fragrâncias virginais e já desfeitas.”

Mas a noite é a hora do recolhimento em Deus e na esperança - “la fuente que mana y corre” - e entrego-me à leitura de



San Juan de la Cruz e de sua obra-prima, quiçá de toda a poesia escrita em língua espanhola, “Noche Obscura”. Ouvindo Bach, naturalmente, e acompanhando Jesus no Horto das Oliveiras, como também o faz o inspirado compositor em sua sublime Ária na Corda Sol ...

“Sin outra luz y guía
sino la que en el corazón ardia.”

HORÁCIO PAIVA é poeta, escritor e advogado. Presidente da Academia Macauense de Letras e Artes – AMLA, é também membro da União Brasileira de Escritores – UBE/RN e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN.





EDGAR BARBOSA
DESENHO DE ERASMO XAVIER
"CIGARRA", ANO 2, Nº 3 - NATAL, 1929

UM HOMEM DA RENASCENÇA EM PLENO SÉCULO XX

Manoel Onofre Jr.

Comemorou-se no dia 15 de fevereiro de 2009 o centenário de nascimento de Edgar Barbosa, um dos mais ilustres vultos da *Intelligentzia* potiguar, em todos os tempos. Filho de Vicente Justiniano Barbosa e D. Joana Ferreira Barbosa, Edgar Ferreira Barbosa nasceu em Ceará-Mirim, cidade de muitas tradições culturais, viveu a maior parte da sua vida em Natal e faleceu, nesta cidade, a 6 de agosto de 1976. Era casado com D. Dolores de Albuquerque Barbosa, que lhe deu vários filhos. Escritor, jornalista, professor e magistrado, ele foi sobretudo um artista da palavra. Nilo Pereira, seu conterrâneo e amigo, considerava-o “o maior escritor que o Ceará-Mirim produziu em qualquer tempo e o maior estilista do Rio Grande do Norte”. Dono de uma prosa elegante, ática, sem concessões à linguagem coloquial, mas na melhor tradição dos clássicos do nosso idioma, uma frase sua – como bem disse o escritor Virgínius da Gama e Melo – “pode envolver, dissimuladamente, mundos de leitura, de meditação, de manuseios dos mestres da língua” (Artigo no jornal “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro, 13-03-1965).

Para mestre Edgar, homem de grande cultura, amante das letras, a palavra escrita afigurava-se algo precioso, que nem ouro; daí o seu proceder de joalheiro. Mas, nunca resvalou em preciosismos. Já tive oportunidade de dizer isto, no livro “Simplesmente Humanos”, em que tentei traçar-lhe o perfil.

Sua curiosidade intelectual e a conseqüente amplitude de conhecimentos davam-lhe a dimensão de humanista, de intelectual da Renascença, porém antenado com a modernidade, é claro. No ensaio, gênero literário em que pontificou, versando temática variada, ia de Camões a Machado de Assis; de “alguns aspectos da livre convicção” à “justiça no reino de D. Quixote”.



“Três Ensaios” (Recife: Imprensa Oficial-PE, 1960) nos dá uma amostra significativa da sua produção nos domínios do gênero. Pequeno/grande livro (55 páginas) poderia, no entanto, ser estudado, em cursos de letras, como exemplo da arte de bem escrever.

Além dos ensaios aí reunidos, vários outros, igualmente relevantes, como, por exemplo, “Ideais e Propósitos de uma Faculdade” e “Considerações sobre Grupos de Pressão”, permanecem dispersos. Urge reuni-los em um volume, com estudo introdutório e notas.

Escritor fecundo, mas não prolixo, Edgar Barbosa publicou três livros, afora o acima mencionado: “História de uma Campanha” (Natal: Imprensa Oficial – RN, 1936), “Imagens do Tempo” (Natal: Imprensa Universitária – URN, 1966) e “Românticos Norte-americanos e Outras Conferências” (Natal: Imprensa Universitária – URN, 1966). O primeiro destes livros contém o relato de memorável campanha política, que culminou com a eleição de Rafael Fernandes para o Governo do Estado. Essa obra ficou esquecida, bastante tempo; o próprio autor não permitia a sua reedição, talvez por tratar de fatos extremamente polêmicos. Uma segunda edição, póstuma, saiu em 2008 (Natal: Editora da UFRN).

A coletânea “Imagens do Tempo” enfeixa artigos e discursos escolhidos pelo autor. São imagens que ele gravou ao longo de sua carreira de jornalista e homem de letras. Em primeiro lugar, na ordem de apresentação das matérias, figuram artigos e notas. Trinta e três, precisamente. Grande variedade temática. Alguns vultos históricos norte-rio-grandenses surgem em perfis quase sempre escritos ao impacto da morte: Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, Ferreira Itajubá, Padre Luiz Monte, Renato Dantas, José Gonçalves de Medeiros e Auta de Souza (“a vida breve que foi canção”). Aspectos, também, da terra potiguar: Vila Flor, Mossoró e um velho engenho, provavelmente de Ceará-Mirim, sua cidade natal, terra de engenhos, casas-grandes e canaviais.



Revelam esses pequenos e belos textos, desde logo, o seu caráter jornalístico. Neles encontra-se uma série de páginas impecáveis, o que é muito de admirar, visto que produzidas no dia-a-dia das redações. Entretanto, não concordo com a designação que se lhes emprestou de “crônicas”. Aqui vale a pergunta: O que é crônica? Relato de acontecimentos ou não-acontecimentos, geralmente do cotidiano, em tom de conversa – isto me parece ser crônica dentro de sua concepção atual. O que não se acha nos breves escritos que compõem a primeira parte de “Imagem do Tempo”. Prefiro considerá-los artigos e notas, ao invés de crônicas.

Mas, deixando de lado tal questão, olhemos a segunda parte de “Imagens do Tempo”. Conferências e discursos sobre diversos assuntos. Dois destes trabalhos merecem atenção especial: “Um Homem do Renascimento” e “Condição de Jornalismo: Liberdade e Responsabilidade”. No primeiro, o autor discorre sobre Leonardo da Vinci no contexto da Renascença, e o faz com desenvoltura e segurança, demonstrando profundo conhecimento do assunto. Isto, aliás, é de admirar, até porque Edgar Barbosa, talvez, nunca se tenha deparado, pessoalmente, com qualquer obra de Da Vinci. O outro trabalho, a que me referi, vale por uma aula sobre liberdade e responsabilidade, como condições essenciais para o exercício do jornalismo.

Da relação de obras do autor (v. “Imagens do Tempo”, pág. 2, e “Patronos e Acadêmicos”, vol. II, de Veríssimo de Melo, pág. 51) consta o livro “Românticos Norte-americanos e Outras Conferências”, do qual não tive mais notícia. Já andei, muitas vezes, por sebos e bibliotecas à procura deste livro. Em vão. Parece que desapareceu da face da terra...Aliás, já começo a duvidar de sua existência.

Enriquecendo a bibliografia do escritor ceará-mirinese, publicou-se o livro “Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa”, vol. I (1927-1938), obra póstuma, com organização, seleção, apresentação e notas do escritor Nelson Patriota (Natal: Editora da UFRN, 2009), oportuno resgate da produção jornalística de Edgar, notadamente, do tempo em que ele atuou, como reda-

tor, no jornal “A República”, de Natal. Trata-se de um trabalho criterioso, que deve ser continuado.

Modesto e altamente rigoroso consigo mesmo, mormente em sua vida intelectual, Edgar Barbosa deixou, além dos livros mencionados, apenas alguns opúsculos, plaquetes e estudos didáticos, do começo de sua carreira no magistério. Muitos dos seus escritos ficaram dispersos em jornais e revistas. A propósito diz-nos Veríssimo de Melo, em artigo de jornal, textualmente, o seguinte:

“...aspecto característico, de certa forma, ligado ao seu temperamento discreto, foi um tanto desinteresse que manifestava pela sua própria obra literária. Edgar publicou relativamente poucos livros e ensaios. Não lutava nesse sentido. Não gostava de pedir. Não se empenhava nisso (...) Daí ter poucos títulos publicados – ele que tanto escreveu” (“A República”, Natal, 07-08-1977).

Da abundante prosa esparsa vai a seguir uma amostra extraída de artigo sob o título “A Inutilidade Irônica da Glória” (Revista “Cigarra”, ano 2, nº 3, Natal, 1929).

“Yves De La Brière, em uma de suas conferências, observava judiciosamente que a idade contemporânea vem se caracterizando pela progressão da força e natural declínio do direito.

Parece, desta maneira, que a humanidade regressa aos trogloditas embrutecidos de Darwin; a beleza serena e maravilhosa do *Penseur* de Rodin é uma simples expressão da arte olvidada nos museus. A justiça e a razão ficaram esquecidas na poeira dos códigos, e o que ressalta, o que se engradence é a força representada, no musculo, a energia da potência dinâmica. Ora, fixando bem, a multidão resume em suas opiniões o pensamento do século que vive, em cujo ambiente se move, sobre cujos costumes



se esquilbra. Esse amontoado de sentimentos tem quase sempre uma crença unânime, uma fé coletiva. Em seus aplausos, em suas manifestações o público não pode ser, absolutamente, influenciado, a menos que os seus ideais políticos sejam controlados pelos *meneurs* e caudilhos da palavra guiadora.

A mais exuberante demonstração dos conceitos de Yves De La Brière é o fervor, a veemência com que são recepcionados e aplaudidos todos os grandes heróis da força: lembremo-nos da consagração universal de Lindberg, que em um único voo atravessou o Atlântico; recordemos as palmas calorosas a De Pinedo, a Nobile, a Gene Tunney, a Dempsey; e comparemos tudo isto com a frieza do acolhimento a Einstein, o genial criador da teoria da relatividade; a Voronoff, o inventor do método para prolongar a vida; a Vandervelde, o notável sociólogo e economista belga, e a tantos outros leaders do pensamento humano.

Concluiremos então que a fraqueza é um grave defeito e a lei uma terrível injúria; Cristo e Santo Agostinho foram postos de parte nas homenagens a Hércules e Aquiles. Estou certo de que esses absurdos são decorrentes da desvalorização cerebral perante a mentalidade plebéia do povo. Pensar, atualmente, é um pecado que se deve praticar muito poucas vezes; ter uma ideia é um crime, e expressá-la publicamente equivale a condenar-se ao ridículo ou à morte moral.”

Quanta ironia!

Há, nestas palavras, algo de premonitório, se atentarmos para o fato de que datam de 1929, e que já então renunciava-se, nos bastidores da cena mundial, uma era turbulenta, sob o signo do arbítrio e da violência. Facismo e Nazismo em perspectiva: chocava-se o ovo da serpente.

As palavras do mestre Edgar são palavras reveladoras do leitor de Swift e de outros sarcastas ingleses, as quais refletem, de modo bem definido, o senso crítico do jornalista atento ao que se passava no mundo ao seu redor.

-0-

Edgar Barbosa foi, especialmente em sua juventude, um jornalista dos mais brilhantes que o Rio Grande do Norte já teve. Jornalista - entenda-se - não apenas como reporter, mas sobretudo como articulista. Iniciou-se nas redações como revisor de “A República”, em 1927, tornando-se depois redator e diretor da Imprensa Oficial do Estado (1935-1937), que editava o referido jornal.

De 1929 a 1930 foi redator do jornal “O Debate”, redator de “O Diário” (1939), de “A Razão”, órgão do Partido Popular, que Edgar defendia (v. “História de uma Campanha”) e secretário de “ Cigarra”, revista de caráter cultural e mundano, que circulou em Natal (1928-1929).

“Cigarra” marcou época.

O que primeiro causou admiração nesse periódico é a sua qualidade gráfica. Bom papel, com páginas em cuchê, clichês nítidos, boas ilustrações. Depois, o nível literário que se pode considerar de alta qualidade. Na “ Cigarra” colaboravam Jorge Fernandes, Antonio Bento, Câmara Cascudo, Palmyra Wanderley, Octacílio Alecrim, Othoniel Menezes, Esmeraldo Siqueira, Jaime Wanderley, Lauro Pinto. Todos em início de carreira, tornaram-se mais tarde nomes respeitáveis nas letras da província. Um deles, Antonio Bento, exilou-se, voluntariamente, no Rio de Janeiro, onde alcançou renome nacional como crítico de artes plásticas. Outros colaboradores, aliás, assíduos - Damasceno Bezerra, Stella Câmara, Xavier Araújo, Lourdes Cid- caíram no esquecimento.

Aderbal de França, o jovem diretor, escrevia crônicas, amenidades, sob o pseudônimo Danilo. Já Edgar Barbosa inclinava-se para assuntos e temas reflexivos, como, por exemplo, “ A Atualidade de Judas”, “ Vícios e Virtudes”, etc. - nos quais se afirma autêntico estilista.



No número 3 da “Cigarra” consta perfil humorístico, em versos, de autoria de Z. Barllos (pseudônimo de Virgílio Trintadade) com ilustração de Erasmo Xavier. Ambas as colaborações interessantíssimas. Convém transcrever o soneto em referência a título de curiosidade:

INSTANTÂNEOS

Tão pequenino veio, um dia, da famosa
E açucareira terra onde nasceu Poti,
Que n’ A República ouviu de uma voz cavernosa:
-Grupo Escolar, menino ? É mais adiante, ali...

Mas mostrou, com talento e pena vigorosa,
Não ser mais um Pacheco a aterrissar aqui;
E vai, semanalmente, à Veneza do Rosa
À conquista, também, de canudo e rubi.

No “diário” da vida escreveu este ano
Um capítulo feliz de puro romantismo,
Como cena final de um filme americano...

Mas, lá na redação, é jornalista, só,
E entra logo a enfrentar desde o Pan-Sexualismo
De Freud ao... algodão do nosso Seridó.

-0-

Ainda jovem, foi Edgar Barbosa um dos fundadores da Academia-Norte-rio-grandense de Letras, em 1936, juntamente com Luís da Camara Cascudo, Henrique Castriciano, Aderbal de França e outros escritores, havendo escolhido como patrono de sua cadeira - a de nº 5- o jornalista e advogado Moreira Brandão (1828-1895), político e orador renomado, poeta nas horas vagas, cuja vida e obra exaltou em discurso antológico, publicado na Revista da ANRL sob o título “Moreira Brandão em Confronto com a Nossa Época”. Saudou-o na ocasião, o amigo Câmara Cascudo.

Fato que evidencia o seu prestígio, já então, entre os seus pares, Edgar fez parte da primeira diretoria da instituição, na qualidade de 1º secretário; mais tarde foi eleito Presidente, cargo que exerceu a contento, de 9 de março de 1950 a 22 de janeiro de 1951. Participando ativamente da vida acadêmica durante 39 anos, pronunciou, da tribuna da casa, vários discursos, inclusive as saudações de praxe a seis novos acadêmicos - Aderbal de França, Ivo Filho, Esmeraldo Siqueira, Américo de Oliveira Costa, Nilo Pereira e Antídio Azevedo - bem como os necrológios referentes aos acadêmicos Antônio Soares e Aderbal de França, entre outras atividades.

Como está visto, Edgar sempre foi, apesar de instropectivo e retraído, um elemento em constante interação com os confrades acadêmicos, perfeitamente integrado à vivência associativa.

-0-

Além de escritor e jornalista, astro daquela constelação de jovens talentos que tanto fez brilhar “A República”, Edgar distinguiu-se como magistrado, embora não tenha chegado ao ápice da carreira jurídica, pois aposentou-se, voluntariamente, no cargo de Juiz de Direito.

Segundo Veríssimo de Melo, foi “Juiz austero, de sentenças e despachos concisos e bem elaborados, com fundamento na boa doutrina e jurisprudência reta” (Ob. cit., p. 50).

O seu ingresso na magistratura estadual deu-se em 1946, após exercer as funções de substituto do Juiz Federal (1937) e de suplente do Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal (1942). Foi Juiz de Direito das Comarcas de São Miguel (1946), Canguaretama (1952), São José de Mipibu (1952), Ceará-Mirim (1952-1956) e Natal, 2a.Vara (1956-1957).

Não se considerava propriamente jurista; no entanto escreveu diversos trabalhos jurídicos, dentre os quais “Despacho de Pronúncia” e “Venda de Ascendente a Descendente”, ambos publicados na Revista Forense, do Rio de Janeiro, 1948 a 1949, então, uma das mais prestigiosas publicações de doutrina e ju-



risprudência; “ Da Igualdade Perante a Lei’ (Mossoró, 1954), “ A Defesa dos Fracos no Direito Moderno”, (Natal, 1959) e “As Constituições Francesas de 1946 a 1958”.

Vale mencionar textos outros, mistos de Direito e Literatura, como, por exemplo, “A Justiça no Reino de D. Quixote”.

Teria sido o exercício da judicatura, para Edgar, apenas um ganha-pão?

É claro que ele foi, antes de tudo um homem de letras e professor, mas, na verdade, jamais subestimou a toga, que sempre soube envergar com honradez, competência e esmero funcional.

Certa vez, confessou ao amigo Veríssimo de Melo haver duas coisas, em sua vida, que o envaideciam: “ Ter sido juiz de sua terra, o Ceará-Mirim, e de lá ter saído sem que soltassem foguetões em regozijo... E a outra: ter fundado e dirigido a antiga Faculdade de Filosofia de Natal “ (op. cit., p. 50).

A propósito de sua missão, como magistrado, ele mesmo assim se expressou:

“É difícil ser-se juiz hoje em dia. Não sei de outro tempo em que tão maliciosa e temerariamente se procurasse invadir e devastar a fronteira constitucional, o patrimônio hereditário da justiça, ora atacando-a nos seus homens, ora ferindo-se em suas melhores garantias” (Discurso de paraninfo da primeira turma concluinte da Faculdade de Direito de Natal, 1959).

Resta dizer, nestas breves palavras sobre o magistrado, que este não pôde ascender ao Tribunal de Justiça, dado o impedimento legal decorrente da presença de parente seu na composição daquela corte. A informação é do escritor Carlos de Miranda Gomes, em seu excelente estudo biobibliográfico, lido por ocasião do II Encontro Potiguar de Escritores, promoção da UBE-RN.

-0-

Como educador, Edgar Barbosa não é menos importante na cena cultural norte-rio-grandense. Lecionou em vários estabelecimentos de ensino médio e escolas superiores, tendo sido diretor da Faculdade de Filosofia de Natal.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além da docência, exerceu as funções de Diretor do Departamento de Educação e Cultura, foi coordenador dos cursos pré-vestibulares e Diretor do Boletim Universitário, entre outras atividades.

Onofre Lopes, Reitor da UFRN, que convidou Edgar para exercer o cargo de Diretor do DEC, prestou depoimento consagrado, em carta ao escritor Nilo Pereira:

“Edgar dedicou-se com alma e determinação à tarefa, não somente cuidando do seu Departamento mas da constante promoção da Universidade, toda, elevada aos verdadeiros fins e dentro dos seus ideais de trabalho e cultura” (In “Lembrança de Edgar Barbosa”, de Nilo Pereira. Natal: Editora Universitária, 1978, p. 157).

Se eu tivesse de alinhar depoimentos dos seus ex-alunos, encheria páginas e páginas, e terminaria por compor um alentado florilégio. Basta-me citar Diogenes da Cunha Lima, poeta e escritor, atual Presidente da Academia-Norte-riograndense de Letras, e Ivan Maciel de Andrade, jurista e escritor.

“Edgar foi meu professor” - afirma Diogenes. “As suas aulas de Direito Constitucional eram antes de tudo aulas de humanismo.. Diria que ele tinha uma cosmovisão, que procurava transplantar aos seus alunos de maneira agradável, pois ele era o mestre do bem-dizer” (Trecho de carta a Nilo Pereira in “ Lembrança de Edgar Barbosa”, p. 84).

Ivan Maciel de Andrade afirma:

“Edgar Barbosa foi meu professor de Direito Internacional Privado e depois Direito Constitucional. Lá no prédio da Ribeira, na Praça Augusto Severo, perto do teatro Alberto Maranhão, onde



funcionava a Faculdade de Direito da UFRN, antes de ser construído o campus universitário e anteriormente à reforma do ensino superior que transformou as faculdades em cursos.

Era não apenas um bom professor, dentro dos padrões convencionais. Tinha grande domínio sobre outros campos do conhecimento que se estendem além do Direito - literatura, história, sociologia, política.

Mas o professor Edgar Barbosa era sobretudo um literato, no sentido mais qualificado e exigente em que se pode usar essa designação.” (“O Professor Edgar Barbosa”, in Revista da ANRL, nº 56, julho/setembro de 2018, p. 20).

Fui aluno de mestre Edgar, na Faculdade de Direito de Natal, em 1964. Admirava-o pela integridade moral, viva inteligência e bondade, virtudes de que era possuidor, que ele, por uma espécie de pudor, procurava esconder. Era tímido e tão discreto que até parecia esquivo.

Professor de Direito Constitucional, o seu papel em plena ditadura militar, sob a qual vivíamos, teve grande importância. E o desempenhou de maneira exemplar. Não poupava críticas aos militares detentores do poder discricionário. Contudo se expressava com equilíbrio e civilidade. Nenhum deles tentou colocar-lhe uma mordida, tanta era sua autoridade moral, tanto o respeito que impunha.

A turma toda queria bem ao mestre Edgar, apesar de sua austeridade, do seu jeitão de D. Casmurro. No final do curso escolheu-o como paraninfo.

Lembro-me de um fato que diz muito da sua generosidade, do seu espírito solidário. Quando eu ainda era seu aluno, pedi-lhe que prefaciasse o meu primeiro livro, “Serra Nova”. Pois ele não só fez um belo prefácio, como ofereceu-se para ir comigo à presença

do Reitor Onofre Lopes para solicitar-lhe a publicação da pequena obra através da Editora Universitária, pleito este, aliás, atendido em parte. E assim, graças ao bom padrinho, pude estreiar em livro. A edição terminou se fazendo pela UFRN, com a cooperação do Departamento Estadual de Imprensa-RN.

Quando publiquei o meu quarto livro, “A Primeira Feira de José” (1973), enviou-me carta, cuja leitura me sensibilizou profundamente, de modo especial, um trecho, que não resisto à tentação de transcrever. Disse ele:

“Orgulho-me de ter adivinhado, nos bons tempos da nossa Faculdade de Direito, sua vocação para um ofício tão nobre, qual seja o de escrever e pintar a fisionomia da nossa gente no que ela possui de mais pitoresco e característico. Seu destino manifesto é continuar...”

Com este incentivo, continuei.

Hoje tenho a honra de ocupar a cadeira nº 5, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual ele foi o primeiro ocupante. E tal, como ele e o patrono por ele escolhido, eu, que também me dividi vocacionalmente entre o Direito e a Literatura, tenho procurado seguir-lhe o exemplo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Ivan Maciel de. O Professor Edgar Barbosa in Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras nº 56. jul-set. 2018, p. 20.

CÂMARA, Leide. Memória Acadêmica. Natal: IFRN, 2017, p. 108.

DUARTE, Ticiano. Orlando Dantas e Edgar Barbosa in Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nº 42, Jan-mar 2015, p. 31.



FLORES, Conceição. Dicionário de Escritores Norte-rio-grandense. De Nísia Floresta à Contemporaneidade. Natal: EDUNP, 2014, p. 109.

GURGEL, Tarcísio. Informação da Literatura Potiguar. Natal: Editora Argos, 2001, p. 74.

JORGE, Franklin. O Humanista Edgar Barbosa (1909- 1976) in Construtores da Ágora Soberana Potiguar, coletânea organizada por Diogenes da Cunha Lima e Eva Cristini Arruda Câmara Barros. Natal: Editora Infinita Imagem, 2014, p. 87.

MARINHO, Francisco Fernandes. Bibliografia do Rio Grande do Norte. Natal: Editora da UFRN, 2010.

MARTINS, Francisco. Autores e Assuntos nas 50 edições da Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras - 1951-2017. Natal; Editora Cartonera, 2018.

MELO, Manoel Rodrigues de. Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte. 1909 - 1987. Natal: Fundação José Augusto/ São Paulo: Cortez Editora, 1987.

MELO, Veríssimo de. Patronos e Acadêmicos, vol. II. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974, p. 49.

NONATO, Raimundo. Bacharéis de Olinda e Recife. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti- Editores, 1960,p. 343.

ONOFRE JR., Manoel. Discurso de posse na ANRL in Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nº 25. Natal, janeiro de 1996, p. 49.

_____ Edgar Ferreira Barbosa in 400 Nomes de Natal. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 2000, p, 207. Obra coordenada por Rejane Cardoso.

_____ Simplesmente Humanos. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2007, p. 130.

_____ - Alguma Prata da Casa. Natal; 8 Editora, 2016, p. 133.

PATRIOTA, Nelson (org.) Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa, vol. 1 (1927 -1938). Natal: Editora da UFRN, 2009.

PEREIRA, Nilo. Lembrança de Edgar Barbosa. Natal: Editora Universitária - UFRN, 1978.

TRINDADE, Virgílio. Instantâneos, soneto in Cigarra, ano 2, nº 3. Natal, abril de 1929.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor e desembargador aposentado. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potigüares” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.



CARTAS ESCRITAS À MÃO: AS PALAVRAS ÍNTIMAS

Antonio Nahud

“Amo-te, queria ter-te agora sobre o meu peito para saber que existo. Queria que, nua e cingindo-me entre as tuas pernas, me beijasses o peito. Depois, que me masturbasses. E assim, somente assim, existo.”

PAUL ELUARD em carta para GALA

A epístola foi a principal forma de comunicação à distância desde a invenção da escrita, mas sofreu algum recuo em meados do século XX, com a popularização da telefonia. Conheceu o papiro, o pergaminho, as folhas de árvore, até se consolidar o uso do papel a partir do séc. XV e mais recentemente o eletrônico. Mas ainda há quem pelo simples prazer de trocar correspondências físicas utilizam a carta em papel. Eu sou um deles. Simplesmente gosto de escrever à moda antiga. É uma forma de transferir para o papel o que anda pesando a cabeça e o coração – uma espécie de catarse emocional. Além disso, permite organizar os pensamentos, clareando o que se sente.

Não compactuo com a teoria da finitude das cartas, muito pelo contrário, a comunicação epistolar considerada antiquada continua viva com a internet, o correio eletrônico, as redes sociais. Contudo, acredito que as palavras são mais dinâmicas em cartas tradicionais. Sob a luz do abajur turquesa, costume escrever cartas poéticas e honestas. Também recebo cartas de perto e do outro lado do mundo, sentimentos expressos em papel. Nos tempos atuais, em que a vida digital impera e um simples comando no teclado envia mensagens instantâneas, uma carta escrita carrega uma ideia de passado, nostalgia, relíquia. Recebê-la hoje pelo correio, escrita à mão, no mínimo causa impacto e surpresa.

Carta, missiva (latim) ou ainda epístola (grego), é o termo que descreve um manuscrito destinado a estabelecer comunicação interpessoal escrita de cunho particular. Cartas de amor, de despedida, de vida, de morte, de desculpas, de lições, de datas especiais, de ameaças. As palavras no papel percorrem caminhos inimagináveis e surpreendentes porque a origem está no coração, na emoção. Se perdeu força como tradição e hábito, o resgate da carta manuscrita é um jeito de acalentar a alma. Ela traz alívio, crescimento, força. É um objeto inanimado que acaba palpitando, como um tigre devorando o peito. Na paz das casas sem televisão, é fácil ouvir vozes de envelopes nos convidando a ouvi-las. Muitos resistem, tal qual Ulisses amarrado ao mastro do barco, para não ser encantado pela melodia das irresistíveis sereias-palavras.

As cartas são consideradas o meio de comunicação mais antigo do mundo. Não se sabe ao certo quando elas surgiram, mas os reis do antigo Oriente Médio já as escreviam. Alguns estudiosos apontam, inclusive, que a carta é a mãe de todos os gêneros textuais, ao lado dos mitos e contos populares. No Egito, mais de 4 mil anos antes da Era Cristã, já existiam os sigmanacis, mensageiros que levavam recados escritos a pé ou montados em cavalos e camelos. Entre os livros que formam a “Bíblia” estão publicadas 21 cartas, escritas por Paulo e outros seguidores de Cristo, direcionadas a povos como os romanos e os habitantes de Corinto, na Grécia Antiga. No Brasil, chegaram com os primeiros portugueses. Assim que a esquadra de Cabral aportou, Pero Vaz de Caminha enviou uma correspondência ao rei comunicando o descobrimento das novas terras.

Uma carta deixada em liberdade é animal selvagem com as garras cravadas no coração de quem a enviou e de quem a recebeu. Sugiro a leitura da desbocada correspondência entre James Joyce e sua Nora Barnacle – na definição do escritor “ora virgem, ora puta”. “Como eu gostaria de te surpreender dormindo agora! Tem um lugar em você que eu gostaria de beijar agora, um lugar estranho, Nora. Não nos lábios, Nora. Você sabe onde?”, escreve Joyce.



Impactantes também são as desesperadas missivas do irlandês Oscar Wilde para Lord Alfred Douglas: “Não posso viver sem ti. És tão desejável, tão maravilhoso! Os teus lábios, rubros como pétalas de rosa, foram feitos para a música e o canto, como para os beijos”. Pieguice amorosa que empurrou o autor de “O Retrato de Dorian Gray” (1890) para a prisão, a miséria e a morte.

Recebi dia desses uma carta de um veterano poeta, comentando um ensaio que escrevi sobre o escritor norte-americano Paul Bowles. Ele vive em Londres há décadas e vez ou outra trocamos ideias sobre literatura. Segundo ele, meus textos literários são quase cartas. Pode ser, sei que gosto de corresponder-me com desconhecidos. Em sua maioria, querem cumplicidade. Como invisto no realismo, muitos agonizam, passando meses sem responder, possivelmente crendo que o silêncio causa sofrimento. Não sabem que escritores escrevem para não morrer em vida, não contando com respostas como tábuas de salvação. Depois da indignação muda, chega a sentença travestida, dando lições morais, filosóficas, literárias ou até mesmo espirituais.

Válido deveria ser o luxo da escrita. Não escrevo para encantar ninguém, escrevo para fixar impressões, já que a memória é curta. Escrevo o que fui, o que sou e o que sei. Se não tenho milhares de leitores, pouco importa, afinal escrevo em primeiro lugar para o prazer pessoal. E gosto imensamente de cartas. Alguns insensatos usam-nas como alimento para rancores, outros para o gozo e a paixão. Como esquecer das cartas fosforescentes e trágicas de F. Scott e Zelda Fitzgerald? E as de Anais Nin para os seus amantes, as de Dora Carrington para Lytton Strachey, as de Nelson Agren para Simone de Beauvoir (a autora de “A Cerimônia do Adeus” não saiu favorecida quando sua correspondência com Jean-Paul Sartre foi publicada, revelando uma personalidade tirana e perversa)?

Para os servos do passado, cartas deixam de ser o clarão de fogos da emoção e se tornam cinzas de uma ausência lamentosa. Antes de tudo, é preciso compreender que cartas precisam de vi-

vência. Só comovem quando tem origem em intensidade fecunda. Durante anos, guardei em uma caixa de madeira de charutos cubanos, cartas originais de Hilda Hilst, Drummond, Vinicius de Moraes, Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu, e sentia a caligrafia deles como arte minimalista, vocação irresistível para o abismo dos sentimentos. São cartas que nascem do espanto.

As publicações de correspondências são cada vez mais populares. Li recentemente cartas trocadas entre João Cabral, Manuel Bandeira e Drummond. Numa carta de Milena, a amada de Franz Kafka, a uma confidente, ela diz: “Todo este mundo do sexo, para ele, é e continua a ser misterioso. Um segredo místico, algo com que não sabe lidar e que tende a subestimar com uma ingenuidade comovedoramente pura”. Já as cartas de Kafka são intensas no que dizem e no que calam. “Carta ao Pai” (1952) é obra-prima, assim como “Alexis ou o Tratado do Vão Combate” (1929), da escritora belga Marguerite Yourcenar, onde um jovem confessa sua homossexualidade à esposa através de uma carta perturbadora.

Há cartas que são relíquias do desamor ou troféus da discórdia. Algumas retratam a revolta contra os ausentes de escrúpulos. Para o bem e para o mal, as cartas tem todo meu respeito. Desde garoto me correspondo com muitos, alguns que nunca vi ao vivo, e ainda assim confessei impressões e delírios. Correspondo-me com escritores, artistas, ex-amantes, solitários, parentes, amigos antigos. Escrever é remédio para quem está fragilizado, às voltas com suas dores emocionais. E também vitamina, dose de saúde para quem está de bem com a vida, apenas buscando registrar seus sentimentos e se conhecer melhor. Para isso é preciso apenas adentrar o coração e levar os sentimentos para o papel, possibilitando-os simplesmente se desvelar, genuínos e autênticos.

Uma carta é um olhar para dentro e se encontrar. O que vale é a sede de se expressar. À medida que a caneta vai deslizando pelo papel, sentimentos e emoções deslizam também. É como se o coração ditasse o que precisa ser dito, expressando



por meio de letras a intensidade da emoção que ele carrega. Daí a significância e a eternidade das cartas.

Lisboa, Portugal, 2001

Do livro inédito “Crônicas dos Dias Errantes”

CARTAS: 10 LIVROS

Alguns gêneros usam a forma epistolar com fins literários ou jornalísticos e não privados, como a carta do leitor, a carta aberta, o poema em forma de carta, o romance epistolar, etc. Confira alguns livros que recomendo:

01

CARTA de um DIABO a seu APRENDIZ (1942), de C. S. Lewis.

Demônio veterano e experimentado escreve cartas ao seu jovem sobrinho, um demônio em início de carreira, explicando-lhe como conquistar a alma do paciente que lhe foi atribuído, um jovem recém-convertido ao Cristianismo.

02

CARTAS a um JOVEM POETA (1929), de Rainer Maria Rilke.

Em 1903, Rilke recebe uma carta de um jovem chamado Franz Kappus, que aspira se tornar poeta e que pede conselhos ao já famoso escritor. Tal missiva dá início a uma troca de correspondência na qual Rilke responde aos questionamentos e, muito mais do que isso, expõe suas opiniões sobre o que considerava os aspectos verdadeiros da vida. A criação artística, a necessidade de escrever, Deus, o sexo e o relacionamento entre os homens, o valor nulo da crítica e a solidão inelutável do ser humano: estas e outras questões são abordadas pelo maior poeta de língua alemã do século XX.

03

CARTAS EXTRAORDINÁRIAS: a Correspondência Inesquecível de Pessoas Notáveis (2014).

Mais de 125 cartas oferecem um olhar inédito sobre os eventos e personalidades da nossa história. É uma celebração do poder da correspondência escrita, que vai do comovente bilhete suicida de Virginia Woolf à receita que a rainha Elizabeth II enviou ao presidente norte-americano Eisenhower; à carta em que Gandhi suplica a Hitler que tenha calma e muito mais.

04

CRÔNICA da CASA ASSASSINADA (1959), de Lúcio Cardoso.

Contada por meio de cartas, é uma trama densa, cheia de ciúmes, rancores e perversões, numa velha fazenda no interior de Minas Gerais. Na decadência familiar, descobrem-se casos extraconjugais, atos violentos, amores proibidos, relações incestuosas.

05

FERNANDO PESSOA e OFÉLIA QUEIROZ. Correspondência Amorosa Completa (2013).

A correspondência amorosa trocada entre o poeta português e sua única namorada, de 1919 a 1935, com 156 cartas tocantes.

06

As LIGAÇÕES PERIGOSAS (1782), de Choderlos de Laclos.

Nobres franceses debatem os costumes da época de forma ácida, crítica e inescrupulosa, traçando um perfil da nobreza pré-Revolução de 1789. Contendo 175 cartas trocadas entre os personagens Visconde de Valmont e Marquesa de Merteuil, o livro é uma obra-prima da literatura erótica.



07

MEMÓRIAS de DUAS JOVENS ESPOSAS (1841), de Honoré de Balzac.

Duas jovens mulheres francesas se tornam amigas íntimas em convento carmelita. Quando saem do convento, porém, suas vidas seguem rumos bem diferentes. A amizade é preservada através de sua correspondência, que continua de 1823 a 1835.

08

Os SOFRIMENTOS do JOVEM WERTHER (1774), de Goethe.

O personagem central envia, por um longo período, cartas ao narrador, que, em notas de rodapé, afirma que nomes e lugares foram trocados. São confissões marcadas por uma paixão profunda, tempestuosa e desditosa.

09

TODAS as CARTAS (2020), de Clarice Lispector.

Correspondências escritas pela emblemática escritora ao longo de sua vida.

10

Uma VIDA em CARTAS (2013), de George Orwell.

A correspondência reunida do autor de “1984” possibilita ao leitor seguir de perto seu cotidiano pessoal e profissional.

ANTONIO NAHUD é poeta, jornalista e escritor. Autor de *Suave é o Coração Enamorado* e *Pequenas Histórias do Delírio Peculiar Humano* dentre outros livros.



CLARICE E AS MÁQUINAS DE ESCREVER

Daladier Pessoa Cunha Lima

Em muitos dos textos da notável Clarice Lispector, existe algo de abstrato ou figurado. Vejamos a relação da escritora com as máquinas de escrever. Em uma crônica, Clarice assim se expressou: “Escrevendo praticamente a vida toda, a máquina de escrever ganha uma importância enorme. Irrito-me com esta auxiliar ou então agradeço-lhe fazer o papel de reproduzir bem o que sinto: humanizo-a”. No dia 14 de setembro de 1966, Clarice Lispector sofreu o maior desafio da sua vida, quando foi vítima de um incêndio no seu próprio apartamento, situado na rua Gustavo Sampaio, Leme, Rio de Janeiro. Clarice tomava medicação para insônia e é provável que o fogo resultou de um cigarro aceso, após o uso do remédio. Ela sofreu queimaduras graves, principalmente na mão direita. Os médicos chegaram a cogitar a amputação, mas conseguiram evitar essa terrível hipótese, porém, restaram sequelas inevitáveis.

Após essa tragédia das queimaduras, mormente com a disfunção que atingiu a mão direita da escritora, foi necessário que C. Lispector reaprendesse a escrever nas suas máquinas de escrever, de tanto apreço e emoção. Em sua crônica “Ao linotipista”, de 04 de fevereiro de 1968, a própria Clarice assim escreveu: “Desculpe em estar errando tanto na máquina. Primeiro é porque minha mão direita foi queimada. Segundo, não sei por quê”. De fato, os livros de C. L. publicados a partir de 1970, a exemplo de *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Sopro de Vida* (1978, póstumo) foram estruturados por Olga Borelli, amiga e secretária de Lispector por mais de 10 anos, a partir de notas soltas escritas à mão ou datilografadas.



No livro “Escrever de ouvido - Clarice Lispector e os romances da escuta”, a autora Marília Librandi reporta-se à crônica de C. L., de 15 de dezembro de 1973, publicada no *Jornal do Brasil*, e faz o seguinte comentário: “Impressiona a descrição que ela faz das máquinas de escrever que teve ao longo da vida, como se tivesse estado com elas em uma sucessão de diversos casamentos, e fossem, ela e as máquinas, juntas, as autoras dos livros que tinham publicado”.

A fim de ressaltar o crescente interesse pela obra da autora de “A Paixão Segundo G.H.”, sua grande amiga Nélida Piñon, da Academia Brasileira de Letras, declarou que, após a morte, é comum que famosos escritores fiquem no esquecimento por muito tempo, ou seja, “caiam no limbo”. Porém, com Clarice Lispector ocorreu o oposto, pois essa escritora, que faleceu em 1977, a cada dia que passa, desperta mais a atenção de incontáveis leitores ao redor do mundo, pois suas obras já foram traduzidas em vários idiomas. Escreveu romances, contos, crônicas, cartas, poesia, entrevistas, além de ter feito dezenas de traduções do francês, do inglês e do espanhol. E ainda ensaiou a pintura de alguns bons quadros.

Texto publicado na *Tribuna do Norte*, em 06/01/2022

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras. Autor de *Retratos da Vida* e outros livros.

CORDAS

Dácio Galvão

À correria do dia a dia tenho escapatórias. Necessito me livrar do excesso de informações dos algoritmos. Sem alternativas teria avariado neurônios e hormônios. Recorro ao streaming. Alivia pesadelos da vida real. A audição disponível em plataforma digital da Sonata, Op. 8 para Violoncelo Sozinho, composta por Zoltán Kodály, soa bálsamo. Consta no disco do violoncelista potiguar, Aldo Parisot. Outro aroma: “Bach, Bachianas”. Este álbum é repertoriado por compositor preferido em trilhas cinematográficas de Glauber Rocha: o modernista de 1922, Heitor Villa-Lobos. Os filmes Deus e o Diabo na terra do sol (1964), Amazonas, Amazonas (1966) e Terra em Transe (1967) estão sobrecarregados de. Aldo foi assistente de Villa-Lobos, autor do 2º Concerto para Violoncelo. Escreveu e dedicou a Parisot. A estreia do 2º Concerto teve sua participação com a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque. Em entrevista a Tim Janof, Editor da Internet Cello Society, afirmou: “Lembro-me de minha última performance do seu Concerto, sob regência do próprio Villa-Lobos. Foi ao ar livre no Lewisohn Stadium, em Nova Iorque. A soprano foi a lendária cantora Bidu Sayão...”

Nascido em 28 de setembro de 1918 em Natal, no Rio Grande do Norte, e curtidor do Rio Potengi, como revelou no programa Memória Viva / TV U, Aldo Parisot estudou violoncelo desde tenra infância. O padrasto Tomazzo Babini foi seu mestre. Produziu arte visual e faleceu há 3 anos, em 29 de dezembro de 2018.

Me justificando para ouvir o cello de Parisot sob o signo do equilíbrio a motivação tem mais nuances. Ele pautou trajetória no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos da América. Foi professor durante 60 anos, na Yale School of Music. Para natalenses foi jor-

nalisticamente publicizado quando morreu. Isto perturba. Conterrâneos não conhecem sua criatividade. Música erudita não é tradição de escuta de comedores de camarão.

Breves parênteses: em condição análoga outro ilustríssimo filho das terras de Poti o maestro arranjador do disco-símbolo de Egberto Gismonti, o Academia de Danças, Mário Tavares, ninguém ouve. Foi violoncelista. Dirigiu concertos com Parisot e o pianista recém falecido Nelson Freire. Esteve à frente da Orquestra Sinfônica do Teatro do Rio de Janeiro em torno de 40 anos!

Fábio Presgrave músico violoncelista é entusiasta da genialidade de Parisot. Articula e impulsiona situações institucionais em prol da memória de Aldo. Recentemente obtivemos: Praça AP na Zona Sul da cidade. Edital de Música AP. Mural de 15X5 mts figurando AP, na Av. Salgado Filho. Travessa AP no bairro da Ribeira. Créditos da Prefeitura de Natal. O último item é dividido com o Poder Legislativo.

O som do violoncelo, os solos de Parisot, a obra é o que importa. A escuta. A absorção. O diálogo com compositores locais ressignifica. Pode colorir novas texturas sonoras. Não restrito ao espectro sinfônico ou camerístico. Pode ser fragmentário. Glauber fundiu Villas-Lobos e Sérgio Ricardo no audiovisual. O Rio Grande do Norte não consagra, nem desconsagra ninguém, mas... O mundo vai consagrando Parisot!

DÁCIO GALVÃO é poeta, escritor e Secretário de Cultura de Natal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras é autor de vários livros, dentre eles, *O Poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca e Poética Geral*

O ROMANCE DA CIDADE

José Antônio Pereira Rodrigues

Eu poderia cuidar do inverso: a cidade do romance, e então seria o caso de falar sobre toda aquela que se identifica ou confunde com a criação literária que lhe deu destaque, ou mesmo vida, aos olhos e juízo da humanidade. Verona, então, seria em si a mesma coisa que o romance Romeu e Julieta, porque o lugar tornou-se a encarnação da própria tragédia, a história de amor entre dois adolescentes, cuja morte uniu famílias outrora inimigas. Uma identidade comum a ambos. Verdade! Verona não ficou sendo outra coisa, senão o clássico que se eternizou pelo gênio de Shakespeare. E assim se dá com tantas outras cidades que ganharam notoriedade por romances vividos no seu meio. Falar em “O Processo” é falar em Praga. As páginas de Kafka são o retrato do ambiente sombrio das ruas da cidade velha com as assombrações noturnas de seus fantasmas. E o que seria de São Petersburgo sem “Crime e Castigo”? Apenas uma cidade portuária, ex-capital do Império por dois séculos e centro cultural da Rússia. Ao se falar desta cidade, ninguém vai se lembrar, de imediato, da sua importância histórica. O que restará sempre viva na memória dos amantes da literatura é a descrição da cena inicial do romance de Dostoiévski: o estudante Raskólnikov perambulando, absorto, pelas ruas de São Petersburgo, distante de si e de todos, alheio ao seu entorno. Um detalhe que marcou mais do que séculos de história imperial. Adiantando no tempo, chegaria a uma Lisboa mais recente como representação dos romances de Saramago. Dizem que uma relação de amor e ódio. Bem, esta seria a minha temática se não fosse o meu intuito perscrutar na literatura a cidade romanceada por si própria, numa condição ambiente de autora e personagem de sua própria história.



Porque uma cidade é algo mais que suas ruas, é algo mais que suas praças, é algo mais que suas pedras, disse Hildeberto Barbosa Filho, poeta e crítico literário paraibano, em seu poema “A comarca das pedras”. Porque, além das ruas, a cidade tem aquilo que não é físico, e é invisível sem ser o ar que a envolve e o vento que lhe sopra. A cidade teria seus ares, sua aura, uma alma própria. A alma coletiva como expressão do seu acontecimento interior, ou do seu estado de espírito. O spleen de Paris como exemplo. A imagem tosca do tédio sendo a roupagem de uma face triste da cidade, o manto da miséria vestindo os pobres de Paris, no frio dos bulevares, no recôndito de bares e lupanares, as prostitutas da beira do Sena, o olhar desconfiado do desgosto e do abandono. Charles Baudelaire e seu enredo sobre uma Paris romanceada em prosa e verso. A cidade e a expressividade da sua maneira de existir e evocar sentimentos, algo mágico e indescritível. Quando Jorge Luis Borges disse que as ruas de Buenos Ayres já eram as suas entranhas, ele estava se referindo às entranhas da sua alma. O físico e o ficto. O poeta tinha sua cidade dentro de si, com quem falava numa troca de conversa imaginária. Borges e Buenos Ayres, uma relação viva e romanceada, um enredo de amor entre seres representados por um único personagem que falava pelos dois e por todos.

Porque as ruas são como veias. As ruas são artérias. São passagens, e também são miragens do tempo. São o encanto e o canto, o hino da glória e a canção da festa, a procissão andando no passo lento dos santos, no peso dos andores carregados nos ombros, cobertos de flores, feridos em chagas, doridos de espinhos. Caminhos do calvário, paralelos e entre si cruzados de multidões de espíritos, de vultos que deixaram marcas no vento gélido do tempo ou na indiferença da pedra imóvel. A metrópole se agiganta e em si é o próprio sufoco no alvoroço que cria. Daí nasce o seu perfil e o retrato da sua agonia. Porque às vezes a cidade é o retrato dos homens no desalinhamento da sua posição na história do tempo. Sem horizonte e sem destino. Um futuro incerto e o desespero das horas. A dúvida.

Porque às vezes a multidão é um deserto de seres, de homens desertos de consciência. O romance da cidade é o romance dos homens, e por isso é romance. Segundo Italo Calvino, o que apaixonava Balzac era o poema topográfico de Paris. Daí sua ideia e desejo de transformar em romance a cidade-luz, com seus bairros e ruas representados como personagens, segundo a sua intuição da cidade como linguagem, como ideologia, e daí o condicionamento de cada pensamento, palavra e gesto fixados num retrato móvel de desejos itinerantes. O próprio Ítalo, seguindo a linha do realismo mágico, concebeu também seu romance narrativo de cidades invisíveis, ao criar um diálogo imaginário e fantástico entre o Imperador dos Tártaros, Kublai Khan e Marco Polo, o maior viajante de todos os tempos. Enquanto os personagens do que teria sido o romance topográfico de Balzac seriam ruas e bairros com sua toponímia, no de Calvino seus atores seriam também lugares, as cidades invisíveis aos olhos do Imperador, que passariam a ter nomes de mulheres, para que assim se fizessem história e enredo. Como filhos que nascem, porque a mulher é a luz do mundo e é dela que surge a presença e a história do homem. Voltando a Baudelaire - eis que nunca é demais visitar o poeta -, no seu esboço de uma nova estética, a nos entregar em seu "Spleen" visões urbanas envoltas em melancolia. Seria outro ângulo, outra forma de enquadrar e sentir a cidade-luz em seu instrumental de energia latente e pulsante na vida de seus habitantes - o romance sofrido da pobreza extrema. A extensa obra proustiana se assentaria bem como uma alternativa ao arcabouço balzaquiano, a de ser o romance de uma cidade, muito embora sem a personificação de lugares, sem dar-lhes voz, senão a da própria ambientação dos disse-me-disse, as falções à boca pequena sobre traições, amores desfeitos, interesses em jogo nas relações humanas.

A topografia de Balzac seria um modelo opaco, sem o assanhamento da intriga, da inveja e do fuxico, sem o calor das paixões engendradas no espírito irrequieto de Marcel, o notívago. As ruas e bairros até poderiam ser transformados em personagens, mas sob

a forma de representações humanas, onde os lugares emprestariam corpo e alma com seus nomes aos atores de carne e osso. O romance de almas apaixonadas, entregues ao delírio de buscas e perdidas em desencontros no turbilhão de noites infinitas. Como pano de fundo, não um cenário paralisado numa silhueta ou oculto numa sombra, nem o retrato estático da nudez/nudez de corpos estranhos entre si. Paris como ante-sala do encontro em meio ao tumulto, ao conflito, a rejeições, ciúmes e invejas, um romance da alma coletiva, tendo como final da trama o descarte de desejos e desenganos, porque a vida e também assim o amor nunca se completam a si mesmos. Fim-gimento de fim, terminam sem terminar, como na sinfonia inacabada de Schubert, ou na canção de Chaplin, as perdidas ilusões que reacendem em luzes que se apagam, e nada mais...

JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA RODRIGUES é escritor, autor de *O Reduccionismo Normativo Kelseniano e outros ensaios jurídicos*, *O Intervencionismo Estatal na Economia - aspectos político-jurídicos*, entre outros. Professor universitário aposentado, Procurador do Estado aposentado. Mestre em Direito pela UFSC.

INTERPRETANDO HABERMAS

(TÉCNICA E CIÊNCIA COMO IDEOLOGIA)

Sônia M. F. Faustino

A partir do final do século XIX, quando as revoluções burguesas se consolidaram e o sistema capitalista assumiu o controle da totalidade das relações sociais, duas tendências marcantes se fizeram notar nas sociedades organizadas sob a égide do capital:

- 1) Incremento da atividade intervencionista do Estado para assegurar a estabilidade do sistema;
- 2) Crescimento da investigação industrial fundamentada na ciência e na técnica.

Para Habermas, a regulação a longo prazo do processo econômico pela intervenção do Estado foi ditada pela necessidade de ajustamento às disfuncionalidades do *laissez faire*. Desta forma a revalorização do capital em termos de economia privada só conseguiu manter-se graças aos corretivos estatais de uma política social e econômica estabilizadora do ciclo econômico. Por esta via, o marco institucional da sociedade repolitizou-se, não coincidindo de forma imediata com as relações na base da produção, nem como uma ordem de direito privado capaz de assegurar o tráfico econômico capitalista e suas correspondentes garantias gerais, que sustentavam a ordem do estado burguês liberal.

Assim, as relações do sistema econômico com o sistema de dominação transformaram-se. O Estado Liberal deu lugar a um Estado Social, e a política já não se situa apenas como um fenômeno de superestrutura. O poder exercido indiretamente através do processo de troca é controlado mediante um sistema estatalmente institucionalizado. A legitimação já não decorre exclusivamente de uma ordem apolítica, isto é, das relações de produção.

Para o autor, em lugar da ideologia da troca livre, entra um programa substitutivo que se orienta pelas consequências sociais, não da instituição do mercado, mas de uma atividade estatal, que compensa as disfunções do intercâmbio livre. Esse programa vincula a ideologia burguesa do rendimento com a garantia de um mínimo de bem estar proporcionado pela estabilidade do trabalho e rendimento. O programa substitutivo obriga ainda ao sistema de dominação a manter as condições mínimas de estabilidade de um sistema global que garanta a segurança e as oportunidades da promoção social, prevenindo os riscos do crescimento desenfreado. Tudo isso exige um espaço de manipulação para as intervenções do Estado que a custa das limitações das instituições do Direito Privado asseguram, no entanto, a forma privada da revalorização do capital vinculado dessa forma ao assentamento das massas.

A atual política de intervencionismo estatal com o seu programa substitutivo dirige-se fundamentalmente à regulação do sistema capitalista excluindo as questões práticas que motivam as discussões públicas formadoras da vontade democrática

Nesse sentido como acentua Habermas, o intervencionismo estatal exige uma despolitização da massa da população. E na medida em que se exclui a discussão das questões práticas, fica sem função a opinião pública política.

Enquanto isso a expansão industrial determina e por sua vez depende do processo técnico-científico, contribuindo dessa forma, cada vez mais, para a ampliação e revalorização do capital.

A investigação industrial desenvolvida por empresas privadas e estatais fomentou inicialmente o processo técnico científico no campo militar e em seguida expandiu-se para as esferas de produção civil de bens de consumo.

“...Com a investigação industrial de grande estilo a ciência, a técnica e a revalorização do capital confluem num único sistema”.

Esse sistema único a que Habermas se refere, por sua vez é administrado pela tecno burocracia estatal encarregada das com-

penções sociais (via programa substitutivo) no sentido de assegurar a lealdade das massas.

A consciência tecnocrática auto nomeia-se neutra no desempenho das funções de um suposto sistema de ação racional dirigida a fins com seus sistemas de ações estratégicas (planificação) com vistas à distribuição das compensações sociais, assim, o acervo do saber técnico científico é acionado para a solução de questões administrativas afetas exclusivamente ao sistema, ficando marginalizados os conteúdos práticos do mundo da vida. Daí a crítica do autor a Max Weber por tentar apreender as repercussões do progresso através de uma reconstrução teórica conceitual em termos bipolares.

A própria técnica e sua aplicação é cientificamente calculada sobre a natureza e sobre o homem. Segundo Habermas, tanto Marcuse quanto Weber não identificaram em suas análises o conteúdo da dominação política. As informações de natureza estritamente científica só podem ser assimiladas no mundo social da vida por meio do saber tecnológico.

Concluindo, colocamos três questões básicas formuladas pelo sociólogo Jürgen Habermas:

- 1- Como é possível a tradução do saber tecnicamente utilizável para a consciência prática do mundo social da vida?
- 2- Como pode restituir-se a capacidade da disposição técnica no consenso dos cidadãos que interagem e entre si discutem?
- 3- Como empreender a tentativa de estabelecer um controle nas relações entre o progresso técnico e o mundo social da vida?

Observação: Este texto foi produzido em 1990, Mestrado em Educação, disciplina Fundamentos da Tecnologia - UFRN.

In *Técnica e Ciência como Ideologia*,

Habermas, Jürgen- Lisboa: edições 70, 1987.

SÔNIA M. F. FAUSTINO é escritora e professora aposentada da UFRN. Membro da Academia-norte-riograndense de Letras e de outras instituições culturais. É autora de *Sonância* e outros livros.

TRÊS FIGURAS PERSONALÍSSIMAS

(TEMPERAMENTAIS)

LIGEIRO DEPOIMENTO

Valério Mesquita

Conheci **Romildo Gurgel**, ao lado de Georgino Avelino, desde menino, em Macaíba, nas lutas antigas do velho PSD de guerra dos anos 50. Tinha a fleuma da intemporalidade. Ninguém, melhor do que ele, na sua turbulenta vida pública, conheceu o mistério das claridades e das sombras interiores da política e as inimizades, também. Estou convencido que Romildo foi um lutador solitário. Esgrimista da palavra, autêntico, nunca cortejou a popularidade sendo amigo como foi dos políticos. A sua verdade intrínseca era a obstinação e a desfaçatez.

Certa vez, no limiar dos anos 60, levou cinco horas de chá de cadeira no Palácio Potengi para ser recebido pelo governador Aluizio Alves, seu desafeto, e, ainda, o convenceu a apoiar o recém-criado e combatido Tribunal de Contas. O brilho da inteligência e a firmeza da personalidade de Romildo eram indefensáveis.

No período da Revolução atravessou as noites escuras do tempo como se soubesse mais do que o seu peso, o peso das sombras, a cor do vento e o segredo das estações da política. A figura física de Romildo catalisava e irradiava energias criadoras e cataclísmicas também. Lembrava-me Orson Welles, o gorducho Charles Laughton do cinema americano. Fez um discurso retrospectivo de sua vida, certa vez, com verdadeira procissão de lembranças. Uma oração de absolvição e absorção das próprias dilacerações interiores. Um canto de cisne, sem mágoas como se adivinhasse o imponderável iminente. Agora, constato que morreu na paz, tranquilizado, pacificado, reduzido nas suas angústias. Como em vida viveu as descobertas sucessivas dos homens e das coisas do Rio Grande do

Norte. Tenho certeza, que na sua viagem de circunavegação polar e astral, achou a palavra que envolve a unidade do gênero humano. Uma personalidade inesquecível, não tenho dúvidas.

Há certos homens públicos que podem ser sintetizados numa palavra: probidade. Na infante democracia brasileira dos anos 50, conheci na casa do meu pai (Macaíba), o então governador **José Augusto Varela**. O PSD vivia o seu tempo áureo. Lá, os meus olhos de menino se maravilhavam com o porte carismático de Georgino Avelino, com a oratória bacharelesca de Dioclécio Duarte, com a sagacidade matuta de Theodorico Bezerra, com a fleugma britânica de Sylvio Pedroza e outros tantos dromedários do velho e guerreiro partido majoritário.

Mas, José Varela era a figura espartana, retilínea, personalíssima, cuja forte presença encantava os circunstantes. Alfredo Mesquita Filho era seu amigo incondicional. Inclusive, o apoiou na memorável campanha para governador de 1947 e repetiu na sua sucessão. Interessante registrar o temperamento exacerbado dos dois. Quando enfezados ou desafiados, se tornavam agressivos e bravos. Nitroglicerina pura. A amizade de ambos era tão fraterna, que Mesquita nos seus arroubos partidários, esbravejava a plenos pulmões: “Eu sou cabra de Zé Varela!”.

Ouvi de meu pai, certa vez, um episódio ocorrido entre os dois. Ciente de que o deputado Alfredo Mesquita estava no Palácio Potengi, José Varela pediu para chamá-lo ao gabinete. Ao entrar, o governador foi logo fuzilando: “Mesquita, você quer acabar com o Estado?”. “Que história é essa, governador!”, protestou o deputado. “Você além de me pedir para calçar a estrada Macaíba à Natal usando todo o paralelepípedo da pedreira de Jundiá (pertencia ao governo do estado e era administrada pela secretaria da agricultura cujo titular era Enock Garcia), você ainda pede mais pedra para obras urbanas da prefeitura de Macaíba? Isso não é possível!!”, complementa José Varela, afobadamente. Mesquita “pegou ar”, como se diz na gíria de hoje. De parte a parte, murros na mesa

e ameaças de rompimento. O deputado Israel Nunes, pessedista, viajor de muitas galáxias e profundo conhecedor da personalidade dos dois, chama o garçom e pede água e café.

Ao cabo de dez minutos os ânimos serenaram. A paz é celebrada novamente. Da parte de Zé Varela excesso de zelo pelo estado. Da de Mesquita exagero patriótico por Macaíba. As pedras continuaram a sair de Jundiá para fazer a atual balaustrada e a praça Antônio de Melo Siqueira, além do grande parque à margem do rio, todo urbanizado e que, ainda leva hoje nome de “Governador José Varela”. A amizade triunfara sobre o temperamento.

A celebração do seu centenário de nascimento, ocorreu há mais de 25 anos passados. Relembro o seu vulto de homem público modelar e me envaideço não só de tê-lo conhecido mas, também, diante de tantas descrenças nos políticos de hoje, contemplo com orgulho que um homem da sua estirpe existiu no cenário da vida política do Rio Grande do Norte.

A nossa província reconhece o talento, a múltipla e versátil capacidade criativa, o valor humano de **Newton Navarro**. Há uma íntima e apaixonada identificação entre a cidade predominantemente popular e o seu poeta, “generoso e pletórico como a própria natureza”, para citar Walt Whitman. São ternos e eternos parceiros de uma relação amorosa que por sua grandeza e profundidade transcende os limites do tempo e se perpetua na memória e na sensibilidade de todos nós.

Newton soube atravessar as noites escuras do tempo, como se soubesse o peso da sombra, a cor do vento e o segredo das estações. Quando pintava era dotado de poderes mágicos que catalizavam e irradiavam energias criadoras. Foi poeta, cronista e escritor. Nele repousou a cultura que no dizer de Edouard Herriot, é o que fica quando tudo se esquecer”.

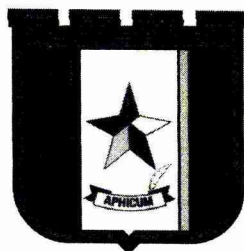
Newton Navarro em cada exposição que realizou, sempre reafirmava qualidades de traços e cor que são inconfundivelmen-

te suas, a tal ponto que dispensariam assinaturas. Talvez o refinamento e parcimônia da execução correspondam a uma concepção mais, sedimentada, o que significaria dizer que Newton foi cada vez mais ele mesmo, desenvolvendo em virtuosismo e criatividade o que constitui o seu extraordinário potencial estético.

Relembro-o e testemunho a grande admiração e o respeito de todos por sua arte, pelo artista e pelo ser humano que foi nosso querido mestre Navarro, cujo ofício foi o de criar a imperecível e universal beleza da obra artística, em que se transfunde a condição humana exilada do paraíso perdido.

Newton, em Natal, em Brasília, como em São Paulo, Rio ou no exterior, toda Galeria de Arte foi sua. Ele nunca precisou pedir licença.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado, autor de *Notas de Ofício* e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



O LADO CULTURAL DA VIDA MILITAR

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Ao contrário do que a maioria pensa, a vida militar não é somente de instruir a arte da defesa ou da guerra, enfim, voltada para a técnica de combate à beligerância deletéria.

Quando prestei o meu tempo de caserna obrigatório, atuei na escola regimental e participei do teatro militar para complementar a cultura dos conscritos daquele longínquo ano de 1959.

Na vida de leitor, tive uma atenção para os feitos militares, possivelmente inspirado na vida reta e patriótica do meu tio – General Francisco Gomes da Costa e nos longos papos com papai na varanda da nossa casa.

Ingressando no mundo Acadêmico e com o aprofundamento de estudos de história, dei mais consistência aos estudos da história militar, como também da arte e da cultura geral dessa categoria de cidadão, o que, de certa forma, chegou ao conhecimento de parte dos meus amigos, em especial do Cel. Ângelo Dantas, pertencente, como eu, ao IH-GRN e com quem travei alguns indicativos das pesquisas pertinentes.

Esse garboso militar convidou-me para esboçar alguma coisa em torno de uma Academia que alcançasse os objetivos antes ventilados, dele surgindo a ideia de criação de uma Academia, para o que dei a experiência da minha trajetória profissional, disso surgin-

do a **ACADEMIA POTIGUAR DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR – APHICUM**, uma associação civil, sem fins econômicos, com foro e sede na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, fundada em 07 de JULHO de 2021, com personalidade jurídica de direito privado e seu estatuto aprovado na Assembleia Geral Extraordinária de 04 de agosto de 2021.

Sua finalidade foi bem definida no capítulo próprio:

Art. 3º. A APHICUM tem por finalidade promover e estimular estudos, pesquisas históricas, científicas, literárias e artísticas dos autores e artistas do Rio Grande do Norte, em matéria de natureza militar e sua interação com a história do próprio Estado, do Brasil e de outros países, bem assim a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico, literário e artístico pertinentes.

Convocada uma reunião preliminar, foram surgindo os nomes dos possíveis patronos e acadêmicos, estruturados no modelo da Academia Francesa de Letras, criteriosamente eleitos entre pessoas ilustres que se destacaram nos estudos e ações da História, Letras, Artes e Cultura de natureza militar do Rio Grande do Norte, cujos nomes, parcialmente, constam da relação que se segue:

Cadeiras: 01. Ten. Alberto Gomes; 02. Gen. Aluísio Moura; 03. Dr. Antônio China; 04. Cel. Bento Medeiros; 05. Comendador Câmara Cascudo; 06. Des. Carlos Augusto; 07. Dom Eugênio Sales; 08. Cap. Ferreira Nobre; 09. APC Geisa Costa; 10. Cel. Glicerio Cicero; 11. Cap. João Almeida (Joca do Pará); 12. Cel. José Vitoriano; 13. TC. Leide Moraes; 14. Ten. Luiz Rabelo; 15. Cel. Milton Freire; 16. Prof^a. Orlanda Medeiros; 17. Cel. Pedro Germano; 18. Dr. Rômulo Wanderley; 19. Ten. João Rosendo; 20. Gov. Silvio Pedrosa; 21. Cel. Solon Andrade; 22. Maestro Tonheca Dantas; 23. Líder indígena Felipe Camaráo; 24. Escritor Antônio Nonato; 25. Professor Ivaldo Lopes; 26. Soldado Luís Gonzaga; 27. Cap. José Leitão; 28. Coronel Paulo Frassatti; 29. Dra. Odete Roseli; 30. Maestro Felinto Lúcio.

As cadeiras não relacionadas ficam como reserva para oportuna complementação do número regimental.

Como toda Academia, foram definidas categorias de associados, dentre pessoas militares ou civis, classificados em cinco categorias, a saber: **fundadores**, os que assinaram a ata de criação e/ou de aprovação do estatuto da **APHICUM**; **efetivos**, os que participarem da elaboração de obras culturais e forem admitidos na Entidade como Acadêmicos; **correspondentes** os que, residindo em outros Estados ou países, contribuirão com trabalhos ou pesquisas na área de interesse da Academia ou disciplinas afins, todas em consonância com o art. 3º, transcrito acima; **beneméritos** os que, comprovadamente, tiverem prestado relevantes serviços à **APHICUM**, e **honorários** em razão de sua destacada atuação no campo da cultura de natureza militar.

Os primeiros ocupantes de cada cadeira, denominados fundadores, foram escolhidos por convite feito pelas várias reuniões de Assembleia Geral Extraordinária, com os que preenchiam os requisitos estatutários até se completarem todas as cadeiras vagas: Coronel ANGELO MARIO DE AZEVEDO DANTAS, Militar Estadual da reserva; CARLOS ADEL TEIXEIRA DE SOUZA, ex-Militar e Magistrado aposentado; CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES, Advogado e Professor aposentado; CÉLIA MARIA LINS DE MELO, Militar Estadual da reserva; CLAUDIO AUGUSTO PINTO GALVÃO, Professor aposentado; EDGARD RAMALHO DANTAS, Geólogo e Professor aposentado; FLADEMIR GONÇALVES DANTAS, Bombeiro Militar; GEILTON PROTÁSIO BENTES, Militar Estadual da reserva; JOÃO BATISTA CHAVES DA ROCHA, Militar Estadual; JOÃO BATISTA DO NASCIMENTO, Militar Estadual da reserva; JOÃO MAURÍCIO FERNANDES DE MIRANDA, Arquiteto; JOSÉ RIBAMAR ROCHA, Militar Estadual reformado; JOSÉ TEOTÔNIO DA COSTA, Militar Estadual reformado; JULIO RIBEIRO ROCHA, Militar Estadual reformado; MARCOS ARA-GÃO FONTOURA, Militar Estadual; MARGARETH DE

BRITO GONDIM, Delegada da Polícia Civil aposentada; MARIA DAS DORES COSTA, Professora universitária aposentada; SEBASTIÃO DE SOUSA SARAIVA, Militar Estadual reformado; TARCÍSIO DE BRITO GUERRA, Militar Estadual reformado; VALDENOR FÉLIX DA SILVA, Militar Estadual reformado.

São órgãos deliberativos da **APHICUM**:

a) A Assembleia Geral; b) A Diretoria; c) O Conselho Fiscal, além dos integrantes de Comissões, sendo duas Permanentes escolhidas pelo Presidente: Comissão de Redação e a Comissão de Inscrição e Sindicância.

A primeira Diretoria eleita na Assembleia em que foi criada a Academia e, posteriormente ratificada na Assembleia de aprovação do Estatuto, foi composta pelos seguintes integrantes: Presidente Angelo Mario de Azevedo Dantas; Vice-Presidente Marcos Aragão Fontoura; Secretário-Geral Flademir Gonçalves Dantas; Secretário Adjunto Célia Maria Lins de Melo; e Diretor Financeiro Tarcísio de Brito Guerra. Para o Conselho Fiscal foram eleitos: Valdenor Félix da Silva, Carlos Roberto de Miranda Gomes e Maria das Dores Costa (Titulares) e Carlos Adel Teixeira de Souza (Suplente).

A **Academia Potiguar de História e Cultura Militar – APHICUM** adotou, provisoriamente, um brasão (inicialmente aprovado o desenho que inaugura este artigo), apresentado por este articulista e o lema sugerido pelo Coronel Paulo Frassatti, entusiasta da criação da Entidade e convidado para integrá-la, mas que faleceu no começo das reuniões preparatórias, razão pela qual foi escolhido Patrono da Cadeira 28, pelos méritos legados em sua trajetória militar, que foram acatadas em Assembleia Geral, sendo o lema revisto para a língua latina pelo Padre João Medeiros Filho, da ANRL - “No moritur historia, ser illuminabit” (A história não morre, ilumina).

A **APHICUM** funcionará provisoriamente, enquanto não dispuser de sede própria, na Academia da Polícia Militar Coronel

Milton Freire de Andrade, Av. Almirante Alexandrino de Alencar, nº 969 – bairro do Barro Vermelho, Natal-RN, CEP 59.030-350, por acolhimento e autorização do Comando Geral da Polícia Militar podendo, caso haja superveniência de algum motivo justificado, ocorrer o deslocamento das reuniões e assembleias para outra localidade. Lapim/UFRN

O Estatuto entrou em vigor na data de sua aprovação pela Assembleia Geral, ou seja, em 04 de agosto de 2021, devendo ser publicado, em resumo, no “Diário Oficial” do Estado e transcrito no registro competente da Comarca de Natal, constituindo-se Lei Orgânica da Entidade.

Vida longa para a nova Academia e que Deus ajude a sua ascensão no mundo da cultura potiguar.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é Professor, Advogado e Escritor, titular da cadeira 33 da ANRL e pertence a outras entidades congêneres: AML, ALEJURN, ABROL, APHICUM, membro do IHGRN, da UBE/RN, Professor Emérito da UFRN; Emérito e Doutor Honoris Causa da UnP e Membro Honorário Vitalício da OAB/RN.

FEITURA DE CERCAS NA FAZENDA ARACATI

Benedito Vasconcelos Mendes

Na Fazenda Aracati tinha um morador especialista em fazer cercas, currais e chiqueiros. O ano inteiro, o seu trabalho era tirar, na mata, estacas, mourões, varas e paus de porteira para depois construir as cercas, currais e chiqueiros da fazenda. As estacas e mourões eram guardados em pé, escorados nos troncos dos pés de juazeiros, existentes no terreiro da casa grande. Meu avô exigia que os mourões fossem de aroeira, baraúna, pau d'arco ou imburana. Os mourões de imburana, geralmente, enraizavam e originavam uma fila de árvores de imburana, ao longo da cerca.

A exigência era que as estacas fossem de litro (da espessura de uma garrafa de vidro de 1 litro) e a madeira fosse de sabiá, jurema preta ou mororó. O fazedor de cercas da Fazenda Aracati era filho do vaqueiro Sales e era conhecido como Tonho da Dona Lourdes. Rapaz forte, entroncado, trabalhador e conhecedor das plantas da caatinga. Sabia trabalhar muito bem com a alavanca, a foice, o machado e com o pé de bode. Para o remonte de cercas velhas e feitura de novas cercas e currais, meu avô só confiava no trabalho dele. Na Fazenda Aracati usava-se dois tipos de cerca: cerca de arame farpado e cerca de faxina. Lá não se usava cerca de pedras e o modelo de pau a pique só era utilizado na confecção de currais.

Para fazer cerca de arame farpado, primeiramente, ele marcava o chão, utilizando um carretel de linha zero e piquetes de pau-branco. Depois de colocar a linha, ele riscava o chão com a ponta de um piquete. A cerca era feita por pedaços, ou seja, cada lance de cerca tinha 50 metros de extensão. Ele e seu auxiliar Chico Peba (apelido dado devido ele ser um exímio cavador de buraco à semelhança do animal da caatinga tatu-peba) faziam a visada, colocavam a linha, riscavam o chão e depois marcavam os locais

dos mourões, que eram distanciados 10 metros um do outro. Cada buraco de Mourão tinha 50 centímetros de profundidade. O estaqueamento era feito depois de fincados os mourões. Os buracos para os mourões e estacas eram cavados com uma grande e pesada alavanca de aço e a terra era retirada com o auxílio de uma quenga de coco da praia. A alavanca, o machado e a foice eram, periodicamente, batidos pelo Tião Ferreiro, para permanecerem sempre afiados. Tião Ferreiro tinha tenda em Santo Antônio do Aracatiaçu (Distrito de Sobral) e era o único ferreiro daquela vasta região sertaneja. Os mourões e as estacas, depois de fincados e bem socados com um socador de madeira com ponta, eram aparados em uma mesma altura e depois recebiam os 7 fios de arame farpado (arame com rosetas), que eram esticados com o auxílio de um pé de bode e depois grampeados. Na Fazenda Aracati não se usava arame liso (arame 18) para fazer cerca, pois todas as estacas e mourões eram grampeados. Os grampos de cerca eram comprados em pacotes de 1 quilo, na bodega do Seu Raimundo Galdino, na Vila Caracará. Os grampos eram batidos com um martelo sobre o arame farpado, mantendo-o preso entre as duas pontas do grampo. As estacas e os mourões, antes de serem usados nas cercas, tinham a casca retirada, para evitar que a mesma, ao secar e se desprender da madeira, afrouxasse o arame farpado. Entre dois mourões situavam-se 8 estacas, pois as mesmas distanciavam-se um metro uma da outra. Os arames farpados eram esticados em cada lance de 50 metros de cerca e grampeados, primeiramente, nos mourões e depois nas estacas. A profundidade dos buracos das estacas era de 30 centímetros. As cercas eram bem alinhadas, os mourões e as estacas tinham a mesma altura e os arames bem esticados. As cabeças dos mourões e das estacas eram aparadas na forma de cone, com o auxílio de um machado, para facilitar a água da chuva escorrer e não se acumular na cabeça da estaca, evitando assim que ela apodrecesse. Depois de terminados os 50 metros de cerca, procedia-se a feitura de mais outro lance de 50 metros. Fazia-se nova visada, colocava-se a linha, riscava-se o chão, cavava-se os buracos dos mourões e das estacas, enterrava e socava bem os mourões e as estacas e, por fim, esticava-

-se os 7 fios de arame, pregando-os com grampos, primeiramente, nos mourões e depois nas estacas. Os mourões dos cantos da cerca eram escorados por estacas inclinadas, encaixadas neles, de modo a não ceder.

As porteiras dos cercados e dos currais eram do tipo “porteira de paus corridos”, de modo que os paus corriam nos buracos das laterais da porteira de aroeira e depois os mesmos eram colocados de volta, para fechar o espaço. Invariavelmente, os paus da porteira eram de pau-branco e a estrutura lateral e superior eram de miolo de aroeira. Meu avô colocava, em cada porteira, a caveira de um touro erado, de chifres grossos e longos, que os vaqueiros acreditavam que era para espantar os maus espíritos.

As cercas de faxina eram usadas para a confecção dos chiqueiros das cabras, das ovelhas e dos porcos e para o cercado dos bezerros, que se localizava vizinho ao curral, onde os mesmos eram enchiqueirados para a ordenha. O chiqueiro das galinhas era feito de varas de marmeleiro e coberto com palha de carnaúba. A cerca de faxina geralmente era feita de longas varas de pau-branco entrelaçadas, sustentadas por mourões de aroeira, fincados em forma de X. O encontro dos dois mourões se dava a um metro de altura, de modo que os dois mourões, fincados em X, serviam de sustentação aos paus horizontais entrelaçados. A cerca de faxina usada para a confecção de galinheiro e as cercas do quintal e do banheiro a céu aberto das casas de taipa eram feitas de varas de marmeleiro entrelaçadas.

Dos dois grandes currais da Fazenda Aracati, um era feito de carnaubeiras deitadas e o outro de pau a pique. Ambos tinham um grosso mourão de miolo de aroeira fincado no centro. O mourão tinha um metro e vinte centímetros enterrados. O mourão, depois de colocado no buraco, era calçado com pedras e preenchido com terra, socada com um socador de miolo de aroeira com ponta. A parte externa do mourão media cerca de 2 metros de altura e tinha diâmetro de, aproximadamente, 40 centímetros. Segurava touro de qualquer tamanho e peso. As carnaubeiras deitadas eram

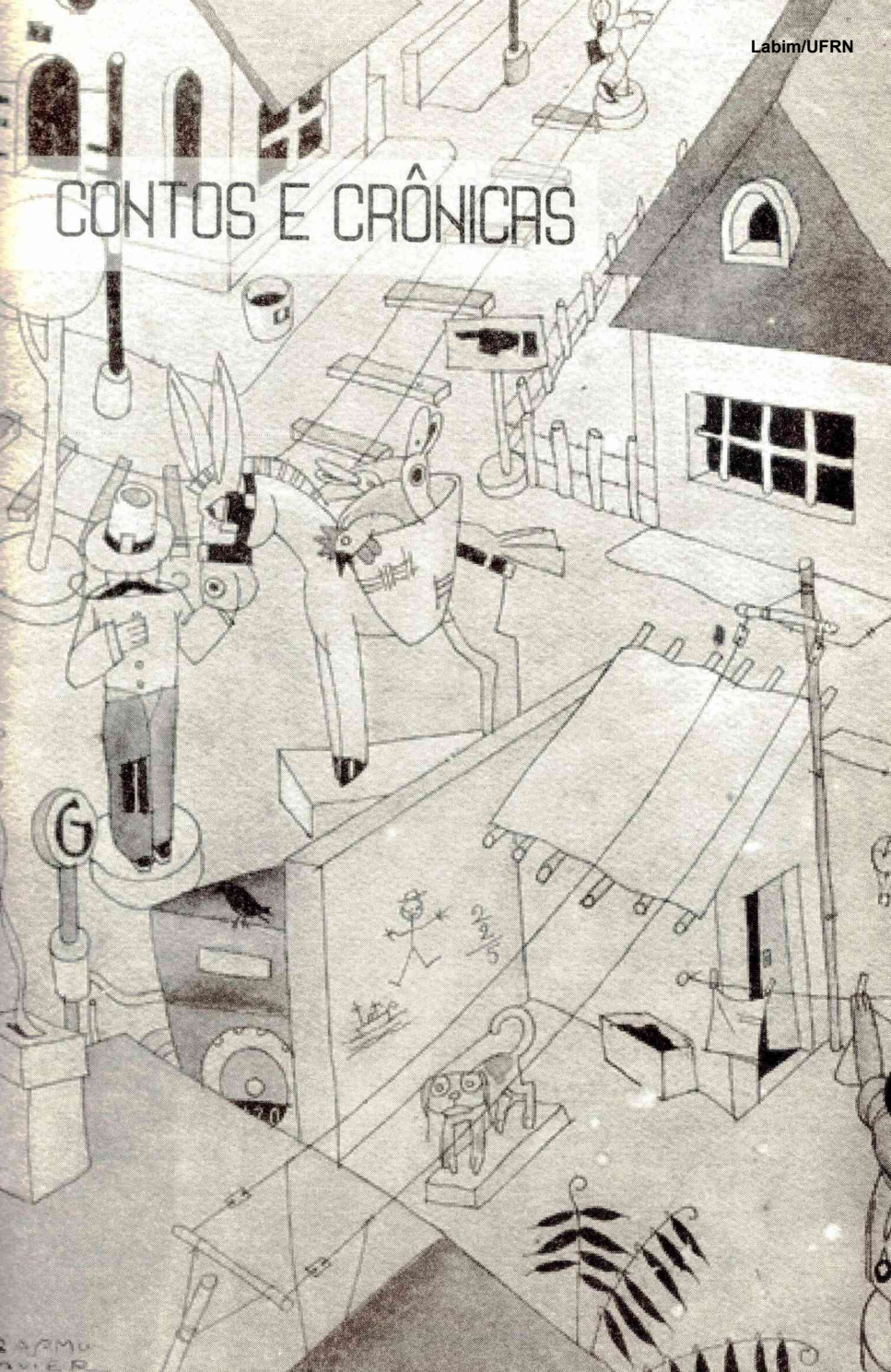
montadas entre dois mourões paralelos. As parselhas de mourões se distanciavam 10 metros uma da outra. Nas extremidades dos dois mourões paralelos (parselha de mourões) era passado um arame grosso (arame 12), para que os mesmos prendessem melhor as carnaubeiras e não se abrissem.

O curral de pau a pique tinha um metro e oitenta centímetros de altura e 40 centímetros enterrados. O curral era confeccionado de madeira grossa (sabiá de litro), tendo, a cada intervalo de 10 metros, um grosso mourão de aroeira. A quatro dedos da extremidade de cada estaca, passava um arame grosso (arame 12) circundando a mesma, de modo a amarrar toda a estrutura do curral. Este arame era grampeado em cada estaca. O leite das vacas era tirado neste curral de pau a pique. Os dois currais da Fazenda Aracati eram bem feitos, bonitos e seguros. O mestre cerqueiro caprichava na sua construção. Meu avô ficava admirado com a beleza e robustez dos currais, especialmente, da perfeição de como o arame grosso era dobrado para segurar a madeira do curral.

Meu avô tinha orgulho em mostrar, para os fazendeiros amigos que lhe visitavam, os seus caprichados currais e as cercas da fazenda, quando ele chamava o Tonho da Dona Lourdes e o Chico Peba e fazia rasgados elogios aos seus trabalhos. Meu avô chamava o Tonho de Dona Lourdes de Mestre, pois ele admirava a habilidade e o capricho deste fazedor de cercas.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES graduou-se em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal do Ceará, cursou o Mestrado na Universidade Federal de Viçosa-MG e o Doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Foi professor titular e diretor da antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), hoje Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA).

CONTOS E CRÔNICAS





**“RETIRANTES”, DE PORTINARI
MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO**

POBRE, POBRE DE MAVÉ, MAVÉ, MAVÉ

Japeri Araújo

Se existisse um lugar na terra da mais extrema miséria, certamente era onde vivia aquele povo. Casa de taipa, telhado de molambos velhos, garranchos e palhas de coqueiros secas. Até pedras cobriam a moradia de chão de barro batido. Ninguém varria aquele chão prá não levantar poeira, com medo de pegar um difrusso, mas não tinham receio de pular no poço de pedra de Severino Caçote, em pleno meio dia e corriam tiritando de frio pelas veredas ensolaradas a maioria nós, até a casa em que moravam. O poço tinha desses mistérios. Em plena caatinga estorricada pelo sol quente, conservava a água friinha, preferida pela família do proprietário para servir de beber. Tomar banho no poço era proibido prá não sujar a água, mas os meninos da Comunidade de vez em quando escapuliam da vigilância e pulavam do alto de um joazeiro se divertindo nos ludi sertanejos.

A casa deles era apenas um cômodo onde as redes imundas sempre armadas davam a ideia de um acampamento improvisado. A cozinha ficava no lado de fora, nos fundos da casa, mas era apenas um telheiro sustentado por alguns troncos de paus de pouca altura obrigando os moradores a circularem meio agachados para não baterem com a cabeça na precária cobertura. De qualquer forma era apenas uma cozinha improvisada. Um pedras trazidas de um serrote de pedras formavam uma trempe, tendo ao lado uma carga de maravalha seca para alimentar o fogo do comer que era ali cozinhado. Os poucos utensílios, encardidos e amassados nem pareciam que outrora foram panelas e caldeirões e os mais, eram feitos à maneira tapuia de barro, sujos de tanta tisna. Poucos eram usados, pois o de comer era muito limitado. Um punhado de feijão com água e sal era na diária. Os caroços duros, eram servidos em qualquer utensilio, bandas de latas, tampas de panelas. Ali mesmo

comiam, tendo o chão de barro como mesa. A água do cozimento do feijão era servida a noite como jantar. Casa de banho não existia. Todos tomavam banho dentro de uma touceira de plantas no quintal. Umhas poucas bananeiras, pimenteira malagueta, capim santo e mastruz. Somente aos meninos era dado o direito de tomar banho durante o dia. Os adultos o faziam à noite, na escuridão. As necessidades eram feitas em qualquer lugar onde houvesse uma moita para resguardar a intimidade. Se limpavam com uma pedra, folhas de marmeleiro, ou um punhado de areia quente. Sempre com a mão esquerda. Tradição marrana. A água de beber vinha de uma velha cacimba escavada no caminho que fora outrora um riacho, uns poucos metros distante do barraco. Ali também bebiam uns poucos bichos da criação e também chafurdavam os porcos que eram criados soltos, quase em estado selvagem e às vezes a água estava tão suja e malcheirosa a urina dos animais que era amarga e salobra ao ser bebida. Triste aquela vida na pobreza que chamavam de ocupação. Terras abandonadas por quem não se lembravam mais. Podiam ser devolutas do Governo, mas certamente foram séculos atrás dos tapuias brobós que eram senhores de todo aquele abandono. Ninguém sabia de que aquele povo vivia. Caçavam preás, mocós, nas enxós, disputando os bichinhos com as cascavéis e jararacas que exerciam a caça com mais maestria. Mimetizadas no chão as serpentes se aproximavam da caça com olhar de vilania que deixava os bichinhos paralisados. Um bote de surpresa, permitia que fosse injetado o veneno entorpecente no pequeno animal que despertando da surpresa paralisante saia a correr pelos caminhos de pedras. Não podiam apressar-se pois a velocidade do mover fazia mais rápido o efeito do veneno. De repente o pequeno animal parava. Paralisado, ele via a caçadora, coleando pelo seu rastro, sentindo com a língua, o calor de sua presa à espera do bote. O pequeno animal respirava lento, com a vista embaçada. Tranquila e sorrateira a botropus se aproxima e sente o sangue quente da presa e enquanto abre a boca desmesuradamente, ao ponto de desarticula-la, vai engolindo sua caça, lentamente como se estivesse degustando a morte. Depois, vai coleando lenta entre as pedras até

uma loca onde vai hibernar para digeri-lo. Difícil competir com as enxós que os meninos armavam. Simples armadilhas. Um buraco na terra com uma tampa de madeira instável que qualquer peso fazia abri-la, aprisionando a pequena caça. Um dia os meninos viram uma cascavel enrodilhada no tronco de um juazeiro. Pelo volume no seu bucho suspeitaram de uma caça recente. Com paus e pedras sacrificaram a caçadora e abrindo-a com uma pequena faca, apenas uma quicé, resgataram o mocozinho já sem vida que retiraram a pele e posto a assar num braseiro de maravalha.

- O que não mata, engorda.

E não tiveram sequer uma dor-de-cabeça.

A pobreza impedia a propriedade de qualquer bem. A casa velha derrengada de taipa onde (sobre)viviam ficava abandonada no ermo, distante umas tantas horas de caminhada da Vila. Era a mesma, sem tirar nem por da que viviam antes de chegarem a pobreza extrema. Não fora feita melhoria. Não tinham condições. Uns buracos nas paredes foram tampados com bolos de barro tirado de uma velha cacimba sem água, mas guardando a umidade, misturado com paus e pedras. A porta era um arremedo de varas, amarrados com molambos de roupas que já não encobriam as vergonhas. Os meninos e ninguém sabe quantos eram, andavam nus e só vestiam alguma coisa, quando chegavam aos 12 anos ou quando começavam a ter pelos no corpo, como seus antepassados tapuios. As meninas vestiam somente calcinhas e quando iam lavá-las ficavam acoradas para não expor os genitais. Antes que secassem ao sol, as calcinhas eram vestidas. O calor do corpo terminava por secá-las. Cabelos não viam pentes e se mostravam sempre volumosos e quebradiços, queimados e maltratados pelo sol, mas mesmo assim abrigando uma população de piolhos que no tempo de darem cria, desciam pelas sobranceiras e restavam às mãos exercitarem habitualmente o direito dos primitivos homídeos de catar piolhos, matando-os entre as unhas dos polegares ocasionando um estalo metálico que anunciava o final da operação cata-piolhos.

Os menores sempre tinham o nariz sujo de catarro, o que era um banquete para as moscas. As barrigas inchadas davam ideia de bem alimentados, mas a maioria comia vício, o barro das paredes, que uns mais cuidadosos raspavam com uma velha colher torta dentro de um prato improvisado para se deleitar. Outros, somente catavam bolotas de barro prá comer e assim enganavam a fome e a deficiência orgânica de ferro. Roupas de festa do padroeiro não tinham. Quando iam às novenas do padroeiro ficavam escondidos nas esquinas na escuridão da pouca luz elétrica, mas terminada a festa iam recolhendo os restos. Sobras de refrigerantes, ossos de galinhas assadas arrematadas nos leilões, pontas de cigarros usados para os pais e restos de todo tipo de bebidas. Os mais velhos, entornavam esses restos e voltavam prá casa embriagados amparados pelos mais novos. As sobras que não bebiam levavam também pros pais e essa noite tinham um jantar diferente. Os maiores embriagados riam muito das brincadeiras dos menores que haviam experimentado bebida alcoólica e os pais eram coniventes, pois todos estavam felizes.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da ANRL ocupando a cadeira 23. Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

OS CIGANOS CHEGARAM

Demétrio Diniz

O bando chegou na cidade e ante as portas aferrolhadas pela má fama dos acampados, as ciganas se ofereciam às janelas para ler a mão:

- *Cigana vê mão de ganção e madame* - falavam num dialeto estropiado, vestidas com mulambos coloridos, o rosto enrugado do sol, a idade indeterminada.

Palmira, entediada com a vida sem mais nem menos naquele fim de mundo, e na intenção de sondar o futuro, para sua desgraça abriu a porta. Tempos depois ela se lembrou que a cigana desviava o olhar para Emanuele, sua filha de menos de um ano que se arrastava pelo chão, e olhava a menina de um modo fixo, com um brilho estranho. Assemelhava-se ao olhar de Sabino, temido e evitado naquela cidade pelo seu olho mau. Sabia-se que num instante em que Sabino caminhou por dentro de um meloal, os melões amarelinhos de dar gosto, prontos para serem colhidos, amanhecera no dia seguinte secos, esturricados. Também que Sabino apareceu na porta de um quarto da maternidade, cumprimentou uma parturiente, conversou alguns minutos com ela, e uma hora depois o alto falante da casa paroquial comunicava a morte da mulher.

Emanuele, logo depois que a cigana foi embora, começou a desfalecer, não durando mais que dois dias. Não houve rezadeira que desse jeito, acontecia uma hora em que rezavam duas, três, ao mesmo tempo, enquanto a menina sucumbia sob galhos de mato que salpicavam água e a deixavam ensopada.

Palmira sabia que as ciganas eram cobiçosas, doidas por ouro, e nunca se perdoou por haver deixado de comprar para a menina uma volta com pingente de ouro. O adorno teria, durante aquela malfadada visita, capturado a vista da cigana, ficando Emanuele a salvo do mau olhado.

A um preço amargo, aprendeu que tal providência não servia apenas para as ciganas, mas para qualquer um, pois à primeira vista era difícil conhecer a pessoa de olho ruim. Desfez-se das roseiras que ornavam o seu pequeno jardim e, a conselho das benzedeiças, as substituiu por mudas de pinhão-roxo. Também, no cuidado de proteger o próximo filho, guardou suas economias para compra do ouro e decidiu nunca mais abrir sua porta para desconhecidos, fossem ciganos ou não. Dali para a frente não daria mais asas ao azar.

As amigas, para consolar Palmira, lembravam que foi dessa vez que seu Uribano, no papo amarelo, deixou três deles estirados na areia do riacho, e nunca mais aquele bando ia aparecer na cidade com seus cavalos mancos para botar mau olhado ou quebranto nos bebezinhos. E também recomendavam que na falta de um pingente devia manter a visita à distância, trançar os dedos e cuspir para os quatro cantos da sala. Todo cuidado – alertavam – era pouco para as criancinhas de menos de um ano e as moças com casamento marcado.

DEMETRIO DINIZ é poeta e escritor. Autor de diversos livros, dentre eles, *Idas e Vindas de São Serápião*, *O Amor Fora de Época de Felipe Flores*, *Traição e Morte na Fortaleza da Barra*, *Nuno Labareda e sua Paixão por Baba Yaga*.

TRÊS LEMBRANÇAS

Osair Vasconcelos

Sanderson e o mar

Numa manhã de domingo, *hace* tantos anos, conversava com Sanderson Negreiros na varanda da casa de praia de um amigo comum.

Ele, meu professor da cultura brasileira no curso de jornalismo, perguntava coisas da minha geração.

Em meio a uma das respostas, repentinamente distanciou o olhar e fechou os ouvidos.

Ficou num lapso.

Parei de falar e olhei na direção para onde ele dirigia a vista.

Era o mar. Perto umas poucas centenas de metros, mas o que Sanderson enxergava ia além do horizonte.

Ficamos, ele vendo, e eu buscando, até que retornou e indagou:

- Você viu?

- Não.

- Não viu?! - reagiu com espanto.

E não me disse o que viu, porque não conseguia descrever a imagem que o capturara. Justo ele, um dos mais inspirados poetas e cronistas dessas terras.

Trago na memória esse instante de Sanderson, eu que compartilhei vários momentos com ele, primeiro como aluno e, depois, como jornalista, e em algumas mesas de bar.

Até fui seu amigo, mas não comparsa, comparsa como ele definia o seu amigo Ticiano Duarte.

“...velho comparsa de auroras perdulárias”, disse sobre Ticiano no livro que editei para este outro grande velho (no dizer de João Ubaldo Ribeiro), *O chão dos perrés e pelabuchos*.

Desde que ele descobriu sobre o mar algo que não conseguiu descrever, enquanto eu só vi águas azuis, sempre olho para os oceanos como altares de alguma coisa que se passa acima deles.

E imagino que Sanderson, agora, vive nesse espaço dado ao olhar de poucos.

É o que desejo a ele, meu fugaz comparsa de algo invisível sobre o mar de uma quase imemorial manhã de domingo.

A Dermi, que lutou sempre

Choro Dermi Azevedo

o homem sem vaidades, inclusive a de ser humilde

o praticante fiel da sua fé católica

o pai honrado e amado

o esposo companheiro e amoroso

o amigo carinhoso

a pessoa gentil, amável

sem julgamento aos adversários.

Choro Dermi Azevedo, o colega estimulante

o profissional brilhante

a inteligência magnânima

o ativista intransigente

o combatente sem raiva.

Choro Dermi Azevedo pela amizade que me engrandeceu

pelos lições que me iluminaram

pelos ensinamentos que me levaram a momentos honrosos como ser humano, como profissional e como participante do combate às injustiças dos poderosos.

Choro Dermi Azevedo pela força do torturado que resistiu ao mal e manteve o coração puro, conservou o caráter imaculado e a ética desprovida de rancor, e sustentou, íntegra, até o fim, a capacidade de resistir e lutar. Foi muitas vezes batido, nunca derrotado.

Choro Dermi Azevedo, o homem que manteve a mente quieta, mas alerta; a espinha ereta e o coração tranquilo, sem nunca endurecer-se, e a quem dedico Bertolt Brecht:

“Há homens que lutam um dia e são bons. Há outros que lutam um ano e são melhores. Há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida, e estes são imprescindíveis.”

Bárbara e Cascudo

Bárbara Heliadora, quem diria, tinha uma frustração relativa a Natal.

Nos anos 40, Câmara Cascudo deu ao pai dela, Marcos Carneiro de Mendonça, uma coleção de textos de peças, algumas em italiano, integrantes do repertório teatral que, até os anos 60, os circos que perambulavam pelo interior do Nordeste apresentavam como segunda parte do espetáculo diário. Era a hora do *drama* ou da *comédia*, como acentuavam com voz empolada os mestres do picadeiro, normalmente os próprios donos do circo.

A coleção representava um tipo de “elo perdido” entre a tradição teatral europeia e os circos brasileiros. Muitos desses, como se sabe, nasceram pelas mãos de ciganos europeus, ou imigrantes italianos, como o famoso Nerino.

Quem viveu em alguma cidade do interior do Brasil até os anos 60 deve lembrar-se de dramas como *A louca do jardim*, ou de *A Paixão de Cristo*, ou comédias do tipo *Noiva sob medida* ou *O milionário*, peças icônicas do teatro circense.

Eram de peças como essas a coleção doada por Cascudo à futura mais importante crítica teatral brasileira. Foi lendo-as que Bárbara Heliadora cresceu.

Até que, em algum maldito momento, talvez em meio a alguma mudança, a coleção se perdeu, para tristeza e frustração de Bárbara que, de sobrepeso, ainda se lamentava de não ter conhecido Cascudo pessoalmente.

Bom, essa história quem contou foi a própria Bárbara Heliadora, a mim e à repórter Sheyla Azevedo, em 2000, quando participávamos de um seminário sobre jornalismo em São Paulo.

De manhã, no hotel, mal tomamos uma mesa para o café e aproximou-se aquela senhora alta e magra, com ar distinto e marcante.

- Posso sentar com vocês, perguntou. Não gosto de tomar café sozinha.

E ante nossa surpresa e animada aquiescência, sentou-se.

Perguntou os nossos nomes e nos apresentou:

- Muito prazer, somos de Natal.

Ela apresentou-se, sou Bárbara Heliadora, e uma alegria me percorreu a alma: estava diante da jornalista cujos textos n' *O Globo* tanto apreciava, mais pelo estilo, pois talvez nunca tenha assistido a sequer uma das peças de que ela fazia a crítica. E nem tinha tanto interesse assim pelo teatro, lia mais pelo estilo e riqueza dos escritos dela.

Agora ela estava ali, Bárbara Heliadora, sentada na mesma mesa, participando do mesmo seminário.

E ao saber que éramos de Natal, tomou o fato como uma *Madeleine*, molhou-a no café e nos contou essa história.

OSAIR VASCONCELOS é jornalista, escritor e editor. Autor de diversos livros, dentre eles, *Retratos Fora da Parede* e *As Pequenas Histórias*.

PÍLULAS PARA O SILÊNCIO

[PARTE CCXL]

Clauder Arcanjo

O coração pronto para o descaminho

*E, no entanto, é à sua volta
que se articula, balbuciante,
o enigma do mundo.*

*Não temos mais nada, e com tão pouco
havemos de amar e de ser amados,
e de nos conformar à vida e à morte,
e ao desespero, e à alegria,
havemos de comer e de vestir,
e de saber e de não saber,
e até o silêncio, se é possível o silêncio,
havemos de, penosamente, com as nossas palavras construí-lo.*

(Manuel António Pina, em *O coração pronto para o roubo*)

À tua volta, o bulício da manhã. Ermas vozes, entrecortadas de silêncios de longas eras, a exigirem de ti a descoberta do enigma da vida. Ou seria o enigma do mundo?

Cansado, percebes que não haverás de decifrar nada, apenas conclus que o pouco que te resta é o suficiente (ou o bastante?) para viver conformado à vida.

Mas, enquanto te conformas, o passo da morte aumenta a velocidade, e tu te interrogas se viver para comer e vestir não seria um caso de morte abjeta.

Então, rezas em silêncio, e o fastio da noite clama por tua presença; penosa ou muda, pouco importa, a este mundo tardio que te cerca.

&&&

Pronto para o descaminho, o meu coração se entrega à corrente das horas. Na primeira curva do tempo, os gritos da infância. Na segunda, a apoteose dos sentidos na adolescência em Licânia.

Próximo à terceira curva, quando as margens se erodem e a correnteza se revela célere, meu peito se oprime; e eu tento conter a força das vagas. Mas os minutos se me revelam surdos; e, lá longe, suspeito, todos os descaminhos se afunilam e dão na foz do mundo.

&&&

Um conhecido bardo de Licânia me revelou:

— Viver com pouco e amar como se fosse dono do mundo. Somente viver é muito pobre, o amor é que nos eleva à condição de divinos.

&&&

Comia como um faquir, vestia-se como um eremita e sonhava como um lavrador de primaveras.

Decidiu viver à distância das mesquinhas aclamadas por aqueles que o rodeavam.

&&&

Entre saber e não saber, aquietou-se no silêncio possível. Quando o silêncio era possível.

O mundo rugia, bramia, protestava... enquanto ele, sereno e pensosamente, recolhia as palavras lavradas no estuário da azáfama, a fim de edificar, com os seixos mais limpos e silentes, a serenidade de um instante.

&&&

Se o caminho for longo e penoso, põe o longínquo no passado, as agruras no esquecimento e te entrega ao flamar como se cada passo fosse a vitória possível.

Só há memória
da lenda
que se torna
história.

(Jorge da Cunha Lima, em *Troia Canudos*)

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e da Academia de Letras do Brasil. Autor de *O Fantasma de Licânia*, *Lápis nas Veias* e vários outros livros.

MISERERE NOBIS

Francisco Ivan

O Corona-*Vírus* se arrasta pelo mundo, países, capitais, cidades, grandes cidades e estradas... De Leste a Oeste, de Norte a Sul do Globo, o *Vírus* invade os campos, as cidades, o povo e povoados... No Brasil, de Norte a Sul do país, avança entre os abertos horizontes e caminhos como um pesadelo... O fato é que a terra está envenenada. Vacas, bois, cavalos, éguas e bestas, bodes e cabras, carneiros e ovelhas, os bichos estão desesperados... E as florestas se transformam em cinzas e se acendem grandes fogueiras... Tostada está a terra até as patas de selvagens animais!

Nos crepúsculos se levantam torres de fumaça. Os humanos são devorados por chamas de fogo... Os mais espertos animais buscam em vão o abrigo das sombras e comem as folhas e as resinas que se derretem nos troncos das árvores... As vacas correm assombradas e espantadas com os ventres inchados envoltos em uma nuvem de moscas e picadas por bicos de garças... Aves negras sobrevoam os campos acinzentados... Esperam a hora fatal para caírem tostadas e com suas penas incendiadas...

E já é questão aceita que o *Vírus* chegou às cidades e entrou nas casas e está matando muita gente. Em um só dia matou... Uma tarde num abrir e fechar de olhos, na casa de F. ou Sicrano, subitamente, o dono se foi e ninguém notou que o *Vírus* o havia levado num duelo terrível arrastando consigo sua mulher, que estava na cozinha sem prévias doenças. Esquisito. E o sentido final: não houve nem choro nem velas nem velório... Antes que a notícia se espalhasse pela vizinhança mais pessoas haviam sido contaminadas pelo *Vírus*... Em cada encruzilhada da cidade se encontra um enterro. A volta de cada caminho aparece um carro fúnebre; ou, carros com caixões mortuários... Dizem que o governo “dava”...



Conversa pra boi dormir. Nas igrejas não se canta nem se reza o *Ofício dos Defuntos...* Não sobra tempo para um sacerdote encomendar a alma do morto a Deus! Nem os sinos tocam. É tanto enterro! O luto cobre a cidade e as cidades do mundo. A televisão informa. Notícia global. Quantos já morreram?

Está terrível a contaminação do *Vírus!* Contaminou o alfabeto grego até. De alfa a delta; grafia médica que se plasma em letras para que se dê conta. Tem sido terrível a contaminação. Tu choraste sobre o coração de tua mãe? Sobre o de teu pai? Ou sobre o coração de teu irmão? De um amigo teu? Ou de um conhecido? De teu filho? Que aspecto tinha tua mãe e que aspecto teria tomado? Há-te levado à noite para o hospital? Ou para o cemitério? Muitas coisas que só uma mãe pode sentir as sabes tu! A ti te murmurou a natureza!

Tu sentiste em voz baixa tudo isto; e só posso dizer com meus tristes lábios. Um mundo de coisas (Oh fúria infinita e mortal! Como nos afeta!)... Os católicos estão morrendo sem receberem a extrema unção! Os sacerdotes católicos abreviaram e apressaram o ritual latino. Deus se lembre de sua alma neste recanto ou vala fúnebre. O *Vírus* vai baixando pelos aposentos desde a China com suas portas e janelas fechadas. À sombra das cruzes nos assombremos e nos espantamos! Caminhos secos do Sertão... Eu buscando sombras para deixar corpos em sombra. Sombras para os mortos... O *Vírus* amarela os caminhos! Miserere nobis. A cada hora mais mortes se anunciam!

Desesperados de medos homens despacham garrafas de vinho na barriga. Já beberam a água dos rios e dos poços e agora buscam uma explicação. Mas o *Vírus* segue assolando os campos e acabando com nossa gente. Segue matando as famílias, sim, as que negam o conselho dos médicos... Os que fazem promessas aos santos e não acreditam em milagres... Os que acham os salmos da bíblia fracos e a esoteria insuficiente e os curandeiros fracos e subalternos... Com rapidez passa um carro fúnebre para ocupar

uma última vala no cemitério... A última vala que estava vazia! Esta cruz é tão pesada! E lá vai colocá-la sobre ti! Quem carrega é a mais jovem das irmãs. Porque ela sabe o caminho! Uma multidão de amigos a seguia... Abriam-se seus braços e em um monte de terra deixaram-na sobre este peso negro. E esta coroa leva para ti o pranto de meus olhos. Tu, morte, a tua morte para mim foi inventada!

Tua tia morreu no domingo de Pentecostes. Só depois, um tal presidente inventou outra estória. Rede de falsas notícias! Proclamava-se o Lock down no mundo todo... Esta coroa de flores quando eu a coloquei sobre ti a terra tremeu. Tu, terra! Escuridão! Mas tudo está aberto. E teu sangue corre pelas veias e penetra em teu coração. As portas de teu corpo agora estão abertas. Porém, o *Vírus* segue assombrando. Risível, adverte de máscara: o risco maior da morte. Fala pelas vias mais inesperadas. Já ninguém ouzaria deter a marcha do *Vírus*; ou, sim?! Aqui, mais tarde se mobilizaram todos os homens de fé para dar caça ao remédio... E embora caíam raios e tronos e palácios e paredes temos o direito à vida.

Natal, 17 de Outubro de 2021

FRANCISCO IVAN é poeta, escritor e pesquisador. Professor aposentado da UFRN. Autor de diversos livros, dentre eles *Persona: Uma Face Perversa*.



O DOCE CALVÁRIO DO PODER

Edilson Pereira Nobre Júnior

Dentre as várias turbulências vivenciadas pela história política brasileira, talvez a que mais enveredou pelo desrespeito dos direitos fundamentais foi a conhecida como Estado Novo, modelo tupiniquim de ditadura nazifascista, cuja implantação coube a Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937.

Motivado pelo insaciável e afrodisíaco desejo de permanência no poder do então mandatário presidencial, bem assim sob a providencial influência da moral a favor de que o Estado abarcasse integralmente a regência da sociedade, o documento constitucional conhecido como a “polaca” amesquinhou as atribuições do parlamento, enfeixando excepcionais poderes legislativos em torno do governo com a intensidade de fazer corar de tristeza o gênio que transplantou para cá a medida provisória.

O cenário propiciou a extinção, na prática, do sonho federalista acalentado por Amaro Cavalcanti e Rui Barbosa, com a supressão da autonomia dos Estados-membros mediante decreto-lei, substituindo-se os legítimos titulares do Poder Executivo local por interventores nomeados ao bel prazer do então locatário do Palácio do Catete.

Pedindo mil e quinhentas desculpas pelo estilo maçante da introdução, é da nomeação dos interventores que brota a nossa história, protagonizada pelo folclórico Doutor Coriolano Amâncio Bastos.

Ungido ao posto de governador pelo voto nas disputadas eleições de 1935, o Doutor Coriolano, mais conhecido em sua cidade natal como Corozinho de Pedro Amâncio, fez-se presente no Rio de Janeiro, às vésperas do golpe de 1937, e, após sucumbir à sedução totalitária então dominante, retornou triunfante à sua capitania com o amável epíteto de “interventor querido”, restando banido o “governador eleito”.

Trilhando a cartilha de que “poder que não pode a gente no baú sacode”, Coriolano Amâncio, embora não se mostrando truculento com o seu cordato rebanho, possuía uma forte paixão pelo delicioso e singular ritual imprimido pelos vitoriosos na luta política.

Por isso, criou, durante a sua longa passagem no cargo, vários hábitos. Um deles – e que foi alvo de inúmeras galhofas no período da redemocratização – foi o de sempre se locomover em carro aberto em marcha lenta, precedido, no seu ingresso nas principais ruas da capital, por dois jovens arautos, anunciando: “Aí vem o Senhor Interventor”.

O ponto alto da encenação consistia na apoteótica entrada de Coriolano na rua onde situado o Paço dos Despachos, sede do governo, na qual era efusivamente saudado pelos servidores públicos e populares com mesura caracterizada pela retirada dos chapéus em sinal de respeito ao elevado dignitário, tanto que até hoje a Praça dos Três Poderes é conhecida como a Praça do “Tira Chapéu”.

Instituíra novo formato aos atos oficiais, em cujo enunciado deveria começar com a inscrição: “O EXCELENTÍSSIMO SENHOR INTERVENTOR, PLENIPOTENCIÁRIO PELA GRAÇA DE DEUS E DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA”.

E, como se tudo isso não bastasse, cunhou lema indispensável ao salutar exercício do poder, qual seja: “governo sem mordomia não é governo”.

Mas Coriolano não escondia seu lado caritativo, nunca poupando esforços para ajudar o próximo. Prova disso é que acolhia, na residência oficial, João Maria da Silva, mais conhecido pelo apelido de “Velha Guarda”. Filho dum vaqueiro que, por longos anos, servira a seu pai, Velha Guarda, sempre desleixado nos estudos, não demonstrava nenhuma afeição pelo trabalho. Da sua candura natural se tornava irascível quando alguém lhe indagava acerca de quanto custava uma semana de seu labor.

A despeito dessas qualidades, pouco recomendáveis, Coriolano nutria especial afeto a Velha Guarda. Provia-lhe – é óbvio que com as forças do combalido erário estadual – das necessidades básicas e, eventualmente, das conexas ao ócio divertido.

Porém, como nenhum poder é eterno, o Estado Novo não pôde se desviar de seu declínio após a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial.

Vários focos de resistência ao regime de Vargas proliferaram no país, como foi o Manifesto dos Mineiros e a bombástica entrevista de José Américo de Almeida no Correio da Manhã.

A estimada província de Coriolano, como este denominava seu feudo, não esteve a salvo da baderna insurrecional. A oposição instalou, logo nas proximidades do Palácio do Governo, um parlance, do qual, inflamados, discursaram vários oradores. Dentre estes a novidade coube à inesperada e surpreendente ascensão à tribuna de “Velha Guarda”. Este proferiu, com o manuseio do seu rústico vernáculo, desabridas críticas aos Chefes do Executivo federal e provincial, chamando-os, alto e bom som, de arbitrários e carrascos dos direitos dos cidadãos.

O rebuliço provocado pelo Cícero local ecoou no gabinete de Coriolano que, após aturdimento inicial, ficou bastante irritado. Então, o Senhor Interventor, com ânimo vingativo, decidiu passar a estória a limpo.

Regressando a desoras à sua residência, Coriolano ficou à espreita da chegada de Velha Guarda, o que só ocorreu quando raia-va a madrugada. Travou-se, na oportunidade, o seguinte diálogo:

- VELHA GUARDA, COMO VOCÊ FOI INGRATO COMIGO. DEPOIS DE TANTO TEMPO LHE PROVENDO DE TODAS AS NECESSIDADES PARA SUA SUBSISTÊNCIA, COMO É QUE VOCÊ FAZ UMA TRAIÇÃO DESSAS, ALIANDO-SE À RALÉ DA OPOSIÇÃO, PARA FALAR MAL DO MEU GOVERNO? COMO VOCÊ EXPLICA ISSO?

De forma calma e refletida, sem demonstrar qualquer incômodo, o infiel agregado imediatamente respondeu:

- COROZINHO, MEU VELHO, FIQUE VOCÊ SABENDO DE UMA COISA: GOVERNO É PRÁ SOFRER!

Diante de tão pronta e espontânea resposta, Coriolano, procurando conter o seu riso, relevou a falta de seu dependente, abraçando-lhe com euforia.

Daí é de se notar que, antes de mera prebenda, o exercício do poder, por visar ao bem comum, constitui tarefa espinhosa, assertiva que muitos governantes ainda relutam em compreender.

P.S.: O fato principal que constitui o objeto da narrativa é verídico. Contudo, as circunstâncias de tempo, lugar, bem como quanto às suas personagens, resultaram da imaginação do autor, à tentativa de propiciar, a partir da realidade que a civilização nos impõe, uma viagem a uma bela fantasia.

EDILSON PEREIRA NOBRE JÚNIOR é Desembargador Federal, Presidente do Tribunal Regional Federal da 5 Região, e Professor titular da Universidade Federal de Pernambuco. Autor de vários livros jurídicos, entre os quais *O Controle Jurisdicional da Função Normativa das Agências Reguladoras*, lançado em 2021

POUCO CONHECIMENTO, MUITA CERTEZA

Armando Negreiros

Uma das boas coisas da vida é participar, nem que seja como ouvinte, de uma roda de amigos, ou até mesmo conhecidos, discutindo os mais variados assuntos. Fui criado ouvindo adultos conversando sobre tudo, com discordâncias desde as mais amenas e civilizadas, até chegar bem próximo das chamadas vias de fato. Até sessão de hipnotismo, protagonizadas por Jair Nogueira e Diniz Câmara, tinha. Era no imenso terraço da casa de Rafael Negreiros, meu pai, em Mossoró, onde se reuniam cerca de vinte a trinta amigos todas as noites. O nível intelectual dos participantes era o mais democrático e liberal que se possa imaginar. Inacreditável é que não rolava bebida alcoólica. Dona Elizabeth, minha mãe, caprichava nos sucos, principalmente de manga, doces e salgadinhos. Homens, mulheres e até as crianças aborrecidas tinham o direito de expor os seus pontos de vista.

Desde essa época – sou de 1951 – até os dias de hoje, já com setenta anos de idade, tenho participado das mais diversas rodas de bate-papo: desde o terraço de seu Rafael, passando por cursinho pré-vestibular no Rio de Janeiro, faculdade de medicina, professor da UFRN, membro das Academias de Medicina e de Letras do Rio Grande do Norte, faculdade de Direito até assíduo frequentador de bares e botequins, como a Peixaria do Velho Chora, hoje Chorãozinho, Iate Clube, a Associação Médica - antiga Sociedade de Medicina e Cirurgia com suas sinucas, Real Botequim, Radio Amador, América, 294, Potiguares, Peixada da Comadre, Espetinho do Pedro, Barraca 23 do Gilvan, La Luna - do Aquino, Azulão, entre outros. Durante todo esse tempo, em todos esses ambientes, uma coisa sempre me impressionou e é verdade absoluta: **quanto menos conhecimento um indivíduo tem sobre determinado assunto, mais convicto e mais certeza ele tem, não admite contestações e é o dono absoluto da verdade.** É o título do presente artigo.

Os exemplos, de tão evidentes, são desnecessários: analfabetos nos assuntos que exigem mais conhecimento e estudos constantes e profundos fazem afirmações em tom professoral. Nesta pandemia os falsos donos da verdade se revelaram de forma escandalosa. Alguns garantem a ação efetiva de determinadas drogas, outros, igualmente analfabetos, garantem a sua ineficácia. Não vou ficar repetindo exemplos para não cansar o leitor, mas o maior absurdo dos absurdos é duvidar das vacinas. Aqueles que são peremptoriamente contra as vacinas não existiriam sem elas, pois já teriam sucumbido com alguma das várias infecções já controladas: varíola, poliomielite, tétano, sarampo, varicela, difteria, etc., etc. Seria bom que essas múmias não acreditassem também em antibióticos... Calma, Armando...

Mas, o que realmente toda conversa, formal ou informal, deve conter é algum aprendizado, nem que seja uma lição de humildade para baixar o fogo.

Durante a leitura da matéria de capa da **Veja ED 2758 de 06.10.2021: O AVANÇO DA ESTUPIDEZ**, assinada por Ernesto Neves e Caio Saad, por várias coincidências com o que venho repetindo, meu ego pegou fogo.

A matéria, acima citada, deveria ser leitura obrigatória para todos, principalmente os pais de família: será útil não só para os seus descendentes como para eles próprios. O texto demonstra de forma científica que o uso exagerado das redes sociais e a polarização política acabam trazendo enormes prejuízos no desenvolvimento e formação da inteligência humana. Está havendo uma queda comprovada nos QIs – Quocientes de Inteligência – das novas gerações. A falta de leitura é um dos principais fatores.

Vejamos o que dizem alguns dos grandes pensadores citados:

Charles Darwin (1809 – 1882) – “A ignorância gera mais frequentemente confiança do que o conhecimento: são os que sabem pouco, e não aqueles que sabem muito, que afirmam de uma

forma tão categórica que este ou aquele problema nunca será resolvido pela ciência.”

Albert Einstein (1879-1955) – “Seres humanos foram dotados apenas de inteligência suficiente para ver com clareza quão inadequada é a inteligência quando confrontada com o que existe.”

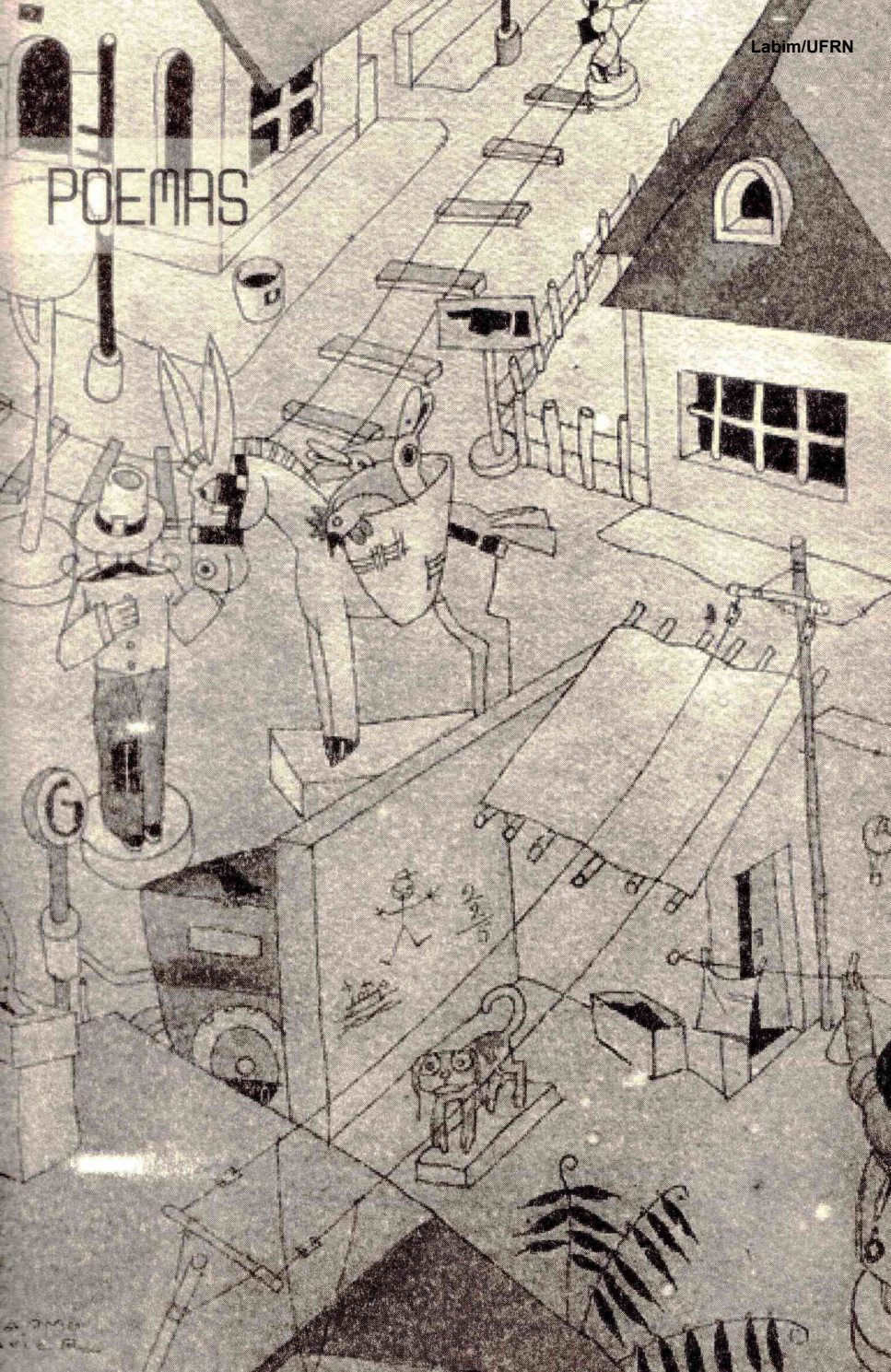
Sigmund Freud (1856 – 1939) – “A inteligência é o único meio que possuímos para dominar os nossos instintos.”

Sócrates (479 A.C. – 399 A.C.) – “Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância.”

Immanuel Kant (1724-1804) – “Avalia-se a inteligência de um indivíduo pela quantidade de incertezas que ele é capaz de suportar.

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de vários livros, dentre eles “A Folga da Dobra”.

POEMAS



A. J. M. P.
1972

14 LINHAS

Jarbas Martins

A princípio é preciso aprender
Que um pássaro não é mais que uma voz alada
A despertar do azul e da sacada
A ancestral passarela ou que há por vir.

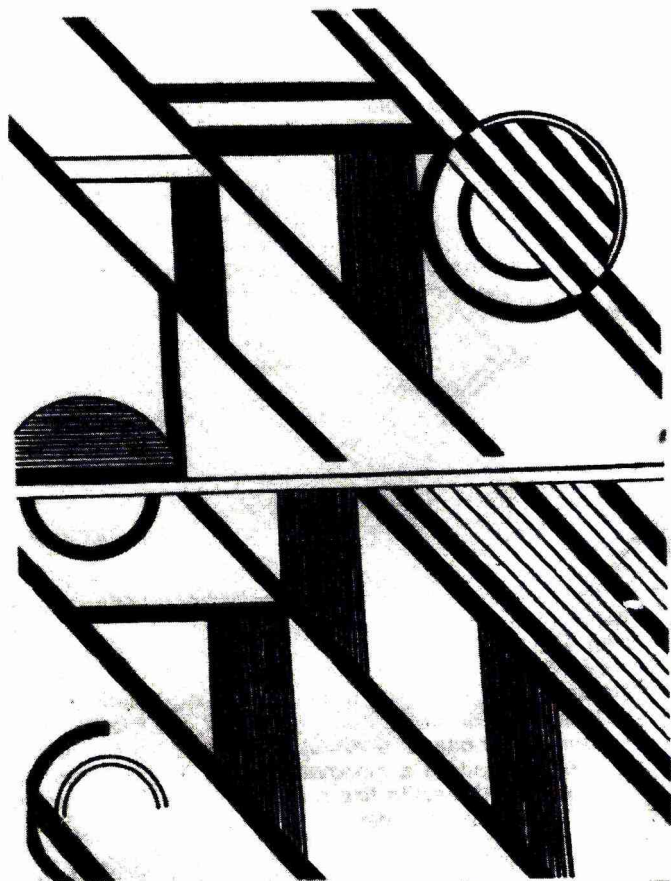
Depois releve o que se pode crer
A bem poucos revele o seu segredo.
Além da tua mão, do bem e do medo
Somente existe o amor a proteger.

E pulsar em aconchego o coração,
o duplo sonhar, canção ferida.
Proezas de fazer ninhos no ar.

E com o bico beijar todo estimar
Ou voar como tardas andorinhas
Que leves migram em 14 linhas

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de *Contracanto* e outros livros.

POEMA VISUAL DE FALVES SILVA



05/20
14/03/2020 FALVES SILVA

FALVES SILVA é poeta , escritor e artista plástico. Autor de vários livros, dentre eles *Erótica* e *Intersignos*.

LIRISMO TORTO

François Silvestre

Quem nasceu no pé da serra, e depois subiu a serra, e depois morou na serra, tem por destino certo viver com a cabeça nas nuvens.

Quem nasceu na beira do rio, e depois entrou no rio, e depois nadou no rio, tem por destino certo viver contra a correnteza.

Quem nasceu na praia do mar, e depois entrou no mar, e depois nadou no mar, tem por destino certo enfrentar a força das ondas.

Quem nasceu na beira do mato, e depois entrou no mato, e depois se perdeu no mato, tem por destino certo ser presa do caçador.

Quem nasceu na entrada da rua, e depois entrou na rua, e depois morou na rua, tem por destino certo enganchar-se na multidão.

Quem nasceu na franja da bandeira, e depois marchou com a bandeira, e depois se enrolou na bandeira, tem por destino certo fugir de todos os hinos.

Quem nasceu ouvindo hinos, e depois cantou os hinos, e depois ensinou os hinos, tem por destino certo fugir de todas as bandeiras.

Quem nasceu na porta da biblioteca, e depois se fez de biblioteca, e depois sumiu na biblioteca, tem por destino certo esconder-se por trás dos livros.

Quem nasceu no patamar da igreja, e depois entrou na igreja, e depois rezou na igreja, tem por destino certo duvidar das orações.

Quem nasceu na rua do fórum, e depois entrou no fórum, e depois conheceu o fórum, tem por destino certo zombar da pompa forense.

Quem nasceu ao som da política, e depois entrou na política, e depois conheceu a política, tem por destino certo a escolha entre a mentira ou a fuga.

Quem nasceu na escada da escola, e depois entrou na escola, e depois aprendeu na escola, tem por destino certo rever quase tudo que aprendeu.

Quem nasceu no primeiro verso do soneto, e depois atravessou os quartetos, e conseguiu passar dos tercetos, tem por destino certo desvencilhar-se das rimas.

Quem nasceu no escuro do mofumbo, e depois saiu do mofumbo, e viu a luz pelas mãos da parteira, tem por destino certo rir-se da vida e desdenhar da morte.

Quem nasceu na porta do bar, e depois entrou no bar, e depois se embriagou no bar, tem por destino certo recitar a verdade do vinho.

FRANÇOIS SILVESTRE é poeta, escritor, autor de *A Pátria não é Ninguém*, *Remanso de Piracema* e outros livros.

RETRATO

Paulo César Pinheiro

Quando a dor bate a porta, eu fecho
Eu não levo saudade, eu deixo

Um amor que não serve, eu findo
e se um outro for bom, eu brindo

Flor de amor quando morre, eu planto
E na espera eu não choro, eu canto

Toda forma de reza, eu prezo
Através do meu verso, eu rezo

Quem precisa de ajuda, eu tenho
E de onde estiver, eu venho

De falar sobre a vida, eu gosto
O que eu tenho no peito, eu mostro

Em qualquer chão do mundo, eu passo
E se não tem caminho, eu faço

Meu destino quem prende, eu solto
Eu não parto nem fico, eu volto.

PAULO CÉSAR PINHEIRO é poeta e compositor, autor dos livros *Canto Brasileiro* e *Clave de Sal - Poemas do Mar*. Em 2003 recebeu o Prêmio Shell pelo conjunto da obra.

O SERTÃO NUM MUSEU

Elder Heronildes

O sertão é monumento,
Formado pela caatinga
Que em todos os sentidos
Realça sua grandeza,
Pelo bioma se completa
Juntando-se vida animal e vegetal
Alimentando o ecossistema
Com a pureza climática ensejando
A biodiversidade complementando
O existencial em sua integralidade.
Tudo isso, num só tempo, num só espaço,
É mostrado com grandeza
Num instrumento de beleza
Pelo museu do sertão
Criação de um ser humano
Com grande devoção, fascinado
Pela terra, dela fazendo a vida,
Com tudo que ali existe,
O seu nome é Benedito e
Vasconcelos também,
Alma pura e grandiosa que fez da
Caatinga um recanto vivo,
Com todas as suas riquezas
Num paradisíaco espaço lembrando
Que a terra existe e deve ser evocada,
Dentro da natureza,
Não se deixando perder,

nem a terra nem o homem,
vivendo pela junção do passado
Enaltecendo o presente
Dando vida a quem se foi
Num instrumentalizo que se
Corporifica dando-lhe alma e sentido
Esse é o Museu do Sertão
Obra quixotesca de um homem
que se chama Benedito que
com Vasconcelos faz o nome,
realizando um sonho, verdadeira utopia
transportando para um recanto,
toda a grandeza terrena, dando vida aos animais
juntando-lhe o homem e os vegetais com todos
os elementos da criação fazendo da caatinga,
um paradisíaco terreno.
Poderia ser apenas um Museu, mas é a força
Representativa do passado no presente,
Com todos os seus elementos criativos,
frutos das inspirações, dos sonhos e das utopias
de um homem, Benedito, que transforma
todos esses elementos em realidade.
Louvo, pela simbiose material e espiritual existente,
o Museu do Sertão e Benedito Vasconcelos,
a criatura e o criador, na junção de duas grandezas.

HELDER HERONILDES é poeta, escritor e advogado. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

TRÊS POEMAS E TRÊS TROVAS DE ROBERTO LIMA

O PÃO DA POESIA

Bendito o pão da poesia
Pelo poder transformador de sonora claridade,
Pelo labor dos que o produziram
E pelo encantamento dos corações felizes
Que dele se alimentaram!

Tenho, nas mãos, este pão que é herança
Dos que ousaram sonhar o sonho possível
De um novo céu e de uma nova terra!
É o pão nascido do inefável sopro criador na mente e no coração.

Sejam louvados os que, bem antes de nós,
sentiram a sua dor, a sua alegria e o seu encantamento,
Os que, em versos, eternizaram a efêmera beleza
E divinizaram o amor humano
Ao desvendar mistérios de sua transcendência!

Levo comigo este fardo luminoso da poesia
Que é pão sagrado que alimenta a minha alma,
Que é música que me ilumina os ouvidos,
Que é silêncio que me desperta a paz do espírito
E me faz florescer a canção do novo dia.

PORQUE SOMOS TODOS DA MESMA NATUREZA HUMANA

À memória do inesquecível poeta Thiago de Melo

Porque somos todos da mesma natureza humana,
Torne-se a humanidade o que ela deve ser,
Onde a vida é bem mais do que a existência,
E onde somos a amorosa sintonia de um único ser.
Que se abracem, como numa dança, justiça e paz e compaixão
E sejam elas as três novas graças
Na divina festa da recriação.
Que liberdade, igualdade, solidariedade, diversidade e participação
Sejam imperativos categóricos na consciência dos povos
E visivelmente palpáveis na vida de cada nação.
Homens e mulheres que sejam respeitados e valorizados
Pelo que pensam e sabem, sentem e amam, dizem e realizam
e pelas atitudes de integridade que os fazem ser o que são.
Que não haja pessoas segregadas por diferenças existenciais,
E, em qualquer lugar da terra, sejam fraternalmente acolhidas
Com as suas diferenças e condições naturais.
Que a vida seja, em si, o bem mais precioso
e dignificado em todas as pessoas, quer sejam ricas ou pobres,
saudáveis ou enfermas, nascituras, jovens, maduras ou anciãs.
O trabalho livre e produtivo seja digno e acessível a todos,
Inclusive aos idosos e portadores de habilidades especiais,
E que todos sejam pessoas autossustentáveis, prósperas e felizes.
Que cuidemos da terra como mãe comum, que nos nutre e acolhe,
E que os bens por ela produzidos sejam frutos da paz,
Compartilhados em solidária alegria.
E tudo isso porque somos da mesma natureza humana,
Do mesmo Planeta Terra, onde não mais haverá expatriados,
Nem excluídos em busca de um lugar ao sol da liberdade...

E só então, a luz do amor brilhará para todos,
Tudo se proclamará em nome do amor,
E será o alvorecer da nova Humanidade.

LUGARES DA LEMBRANÇA

O tempo nos traz, de herança,
Os recortes do lembrar,
E é de tal forma a lembrança
Que se converte em lugar;
E os lugares da lembrança
Possuem tal semelhança
Com o tempo em que foi lugar
Que nos dão sempre a esperança
De, um dia, poder voltar...

Mas as lembranças repousam
Nas virtudes do lugar,
E, pra lá, nunca voltamos
Se as virtudes já não há:
Se os remansos da alegria
Não podem mais alegrar;
Se os caminhos da esperança
Não têm mais o que esperar;
Se os campos da liberdade
Não podem mais libertar
E se as flores da bondade
Não floresçam no lugar...

Por isso não retornamos,
Ao mesmo antigo lugar,
Pois o lugar que buscamos
Existe, mas só o achamos
Nos tempos do verbo amar,
E, quando, enfim, lá chegamos,
Foi-se o tempo de chegar...

TRÊS TROVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

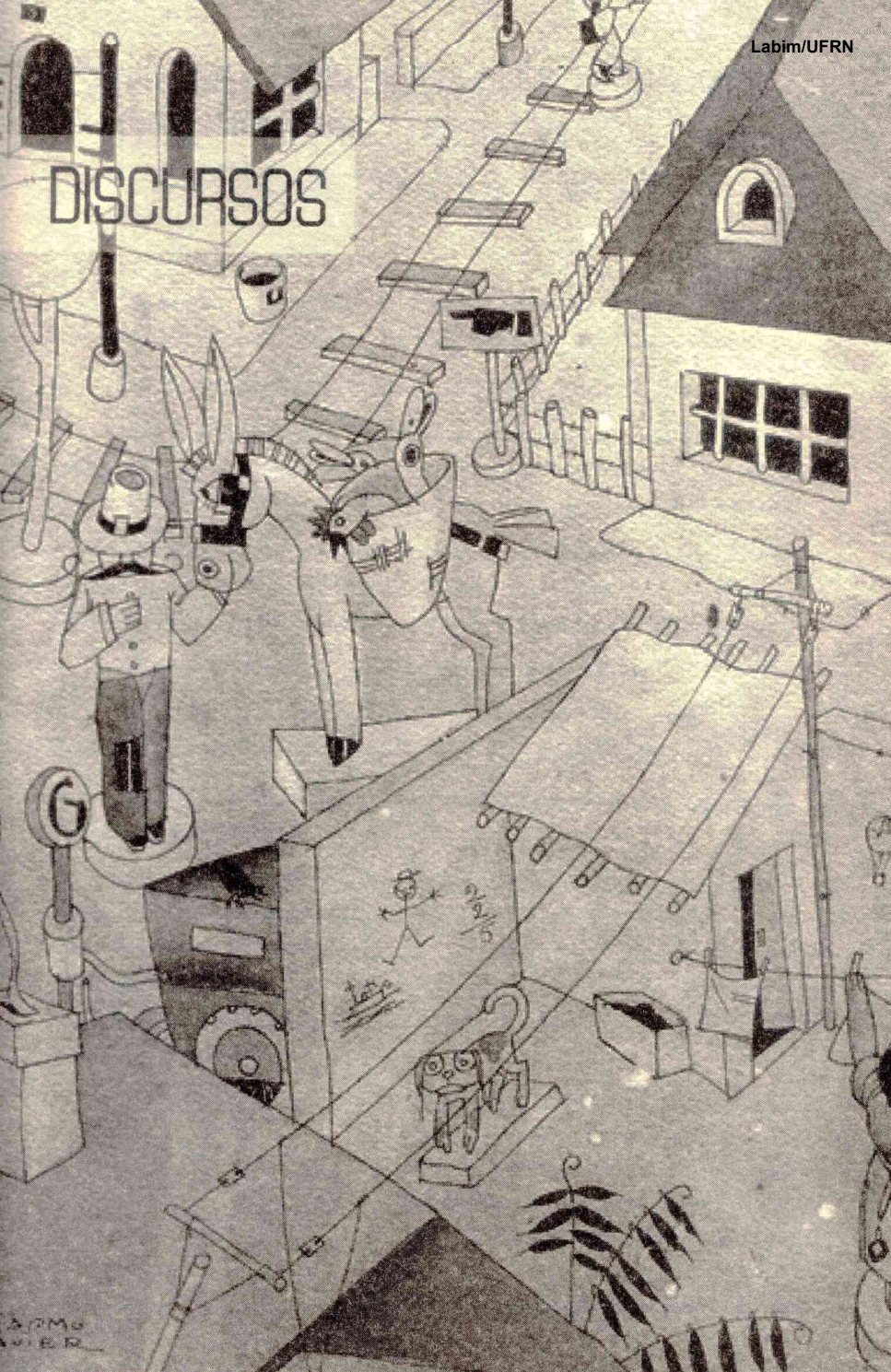
Vou semeando esperanças
Em tempos tão enfadonhos
E colho velhas lembranças,
Sementes de novos sonhos!...

Os que prestam, nesta era,
Solidária solidão
Fazem como a primavera
Mandam flores pro verão!

Mais do que força é o amor,
Pois o amor mesmo é poder,
Pois, seja em que tempo for,
Faz a bondade vencer!

ROBERTO LIMA DE SOUZA é poeta, escritor e compositor natalense, membro da ANRL, professor da UFRN, mestre em Lógica e Epistemologia (UNICAMP) e Doutor em Filosofia (UNICAMP/Université Catholique de Louvain), ex-Presidente da UBE/RN. É autor de vários livros, entre os quais *As Dimensões do Tempo* e *O Quinto Anjo*.

DISCURSOS



SAUDAÇÃO A FRANCISCO GAUDÊNCIO TORQUATO DO REGO (GAUDÊNCIO TORQUATO), NO SEU ATO DE POSSE NA CADEIRA Nº 8, DA ANRL

Senhor Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, meu sempre estimado Professor Diógenes da Cunha Lima;

Senhoras e Senhores Membros desta Academia amada;

Meu querido amigo e estimado Confrade eleito, Gaudêncio Torquato, a quem agradeço profundamente pelo honroso convite para a tarefa elevada e nobre de saudá-lo na sua chegada à Casa de Cascudo;

Senhoras e Senhores Membros do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte, através dos quais saúdo todas as instituições culturais do nosso Estado e agradeço pela adesão ao evento que ora transcorre;

Demais autoridades políticas, religiosas, militares;

Senhoras e Senhores familiares e amigos do nosso querido homenageado, que toma posse de sua Cadeira na presente solenidade;

Senhoras e Senhores presentes (virtualmente) a esta solenidade de homenagem e alegria.

Gaudêncio Torquato escreveu há mais de dez anos, não por coincidência, mas certamente pela elevada perspicácia que o caracteriza, um capítulo intitulado “*Imagens do fim de um tempo e a chegada do futuro*”, texto presente na obra “*Cultura, Poder, Comunicação, Crise e Imagem*” (2ª edição, à pág. 262), as palavras às quais passo a proferir:

“Surge uma nova modalidade: o teletrabalho, que usa as ferramentas tecnológicas integradas, o telefone, a secretária eletrônica, os computadores, iPads, iPhones, os livros eletrônicos, as redes

sociais (facebook, twitter, orkut, linkedin, celular, pagers, teleconferência etc.), base tecnológica que agiliza os processos de produção e gera a conectividade entre os anônimos. Os processos criativos, por sua vez, adquirem maior poder de autonomia pela ampla possibilidade no espaço da cidade mundo. **As tarefas produtivas podem ser feitas, a partir de casa, extinguindo as formas tradicionais de hierarquia e mando.**” (negritei).

Pois é assim mesmo, caríssima audiência! O futuro chegou e nele estamos inseridos, vivenciando o que o acadêmico, que ora recebemos com altivez, chama de “nova linguagem ambiental”, quando também transforma a famosa frase de Ortega y Gasset, “*O homem é o homem e a sua circunstância*”, na não menos sábia máxima: “***O homem é ele dentro do seu tempo***”.

Gaudêncio, você (permita-me essa forma amistosa de tratamento) já via longe, muito longe, avistava os horizontes mais inóspitos desde a sua rica infância em Luís Gomes, extremo oeste do nosso Rio Grande do Norte, na divisa com a Paraíba e com o Ceará, estreando na vida (para o nosso gáudio) no dia 8 de abril de 1945. Você já compreendia ali, nas caminhadas pela terra seca nordestina, o que viria na “Sociedade do Cansaço”, como hoje é denominado o tempo presente pelo pensador coreano Byung-Chul Han.

Não ousarei parafrasear Euclides da Cunha, caro novel acadêmico, mas sei o quanto **você é forte**, o quanto essa força é envolta por uma firme e ao mesmo tempo suave película de alegria e entusiasmo.

Não à toa, o seu nome é Gaudêncio, “o que se regozija”. “o que se alegra”, provindo do latim *Gaudentius*, de *gaudens*, *gaudentis*, do verbo *gaudere* (e me corrija, se eu estiver cometendo algum



equivoco linguístico, pois já vi as suas declamações “de cor” em latim, em pelo menos um dos dois programas de entrevistas que João Soares fez com você, alegrando noites não tão distantes).

E lembro: saber “de cor” é saber “de coração”! Todo o saber de Gaudêncio, nosso novo e ilustre Confrade, é construído no coração!

Conclamo os presentes, desde já, para que percebam a grande importância deste evento virtual, em que recebemos um autor e pensador virtuoso! Faço isso homenageando a Academia, o que faço através da citação nominal de uma especial e querida Confrreira, a **Professora Sônia Maria Fernandes Faustino**, tão sábia e tão essencial em preciosos momentos vividos pela amada instituição – e, por evidente, na trajetória vitoriosa da candidatura maiúscula de Francisco Gaudêncio Torquato do Rego – seu tio valoroso. **Quero e firmo que essa especial mulher é uma das maiores personalidades femininas de todos os tempos no nosso Rio Grande do Norte, que precisa conhecê-la mais, muito mais!**

Retorno à minha fala diante da inexorabilidade do uso deste meio eletrônico (não citarei mais Byung-Chul Han por pura delicadeza e, desculpem o trocadilho, para **não cansar**), mas estabeleço um contraponto: é que, assim como praticamente previra o nosso homenageado, em suas palavras impressas, o advento deste tempo acelerado, não tenho qualquer laivo de dúvida de que Gaudêncio é um profundo amante da sua terra e das suas origens e, por seu coração eminentemente telúrico, adoraria estar aqui presente fisicamente.

De qualquer sorte, todos compreendemos a impossibilidade passageira, com o augúrio de um encontro e um abraço fraternal e presencial de verdade, mais adiante.

No que concerne à sua paixão pela terra e pelas memórias originais, o que dizer de alguém que anota a seguinte impressão sobre a figura paterna, se não for para confirmar uma relação e um movimento de profundo querer bem e telurismo?

“Foi em Luís Gomes que o patriarca construiu uma história recheada de amor à terra.”

E essa outra da saborosa obra “Gaudêncio, Meu Pai – Memórias de um Tempo”?

“Em relação ao meu ofício, Gaudêncio apreciava ler para os amigos, que circulavam nos domingos pela loja, as reportagens que eu fazia no *Jornal do Commercio*, em Recife, e assinadas com o próprio nome dele. Homenagem que se tornou meu carimbo profissional. Era um autodidata. Aprendia com a leitura.”

Quais e quantas seriam as perdas da nossa Academia se a mesma não tivesse recebido em seus quadros um intelectual dessa elevada sensibilidade, esse que escreveu na mesma obra memorialística as seguintes palavras de prosa verdadeiramente poética?

“Era ele um homem de grande fé. Olhava para o poente, nos finais da tarde, e via o sol se debruçando no horizonte cercado por uma auréola escura. Ou sentia os ventos alísios soprando no nascente, na boquinha da noite. Era prenúncio de chuva. Nas noites enluaradas, ligava os olhos ao céu estrelado – miríades de estrelas enfeitavam o escuro infinito das noites luisgomenses – e, ao conseguir ver a aura em redor da lua, botava profecia na boca: ‘amanhã vai chover’. E chuva era uma bênção para a comunidade. Para a garotada, motivo de festa. Banho nas bicas feitas pelas te-

lhas das casas, algazarra, cheiro de terra molhada, plantações, gado gordo, cacimbões e cisternas cheias, fertilidade, riqueza.”

Riqueza é nós termos Gaudêncio aqui e conosco. A princípio, comoveu-me e surpreendeu-me o convite feito para homenagear esse meu confrade e já grande amigo pessoal (mesmo na distância meramente geográfica, mas não sentimental), o escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político, Gaudêncio Torquato, com quem venho nutrindo um excelente diálogo virtual desde meados do ano passado, quase todos os dias; afinal, Gaudêncio é um colossal comunicador, brindando-nos com notícias oriundas de todas as partes do mundo, além das suas brilhantes colunas de análise destacadamente política (quem nunca leu as suas deliciosas *Porandubas*, que no Tupi quer dizer história, notícia?) .

Comigo, para minha alegria diária, Gaudêncio conversa sobre tudo, vez que tem toda a liberdade e o prazer do interlocutor e porque Gaudêncio também é, assim como sou, um apaixonado pelas artes. Ama a música erudita, ama a grande arte das palavras, sabe o valor dos clássicos e da beleza na escrita. E o melhor: exercita tudo isso na sua forma estetizante e plena de estilo ao escrever as suas linhas.

Venho destacar, antes de me encaminhar para o final dessa breve, porém autêntica e emocionada saudação, a seguinte e comovente lembrança descrita por Gaudêncio sobre a forte figura do seu pai, em cotejo com a realidade hoje vivida pelo filho no Sudeste do país:

“Tempos de ver, sob o sol tórrido do Nordeste, Gaudêncio Torquato do Rego, 1,70 m de altura, testa larga, paletó de linho creme dobrado sobre o braço, relógio de algibeira, chapéu de aba larga, camisa branca, suspensórios,

gravata preta, chaves penduradas no cinto, abrindo a loja pela manhã, saindo da loja pelas 11 horas para o almoço, voltando às 14 horas e fechar o circuito lá pelas 17 horas.

Gaudêncio gostava de ver o sol cair no poente, deitado em sua espreguiçadeira na calçada de sua casa, onde no alto do frontispício, se viam desenhadas as letras GT. Hoje, GT é o nome de minha consultoria, em São Paulo”.

Numa das ótimas conversas que tivemos por telefone ou redes sociais (*Whatsapp*), Gaudêncio me mostrou as imagens do entorno da sua varanda no prédio em que mora, na maior cidade brasileira. Era um belo final de tarde e início de noite, possivelmente como o que descreveu ao falar em livro acerca da figura paterna, certamente como nós almejamos que continue sendo este, após as alegrias que ora experimentamos.

Gaudêncio já escreveu que o seu DNA também traz componentes que o fazem brincalhão e até jocosos, afirmando o seu compromisso com a descontração. Por isso, permiti-me e me permito continuar nessa toada descontraída, de querer bem e de fala amistosa, amigável.

Penso até que, de certa forma, a nossa relação de amizade começou muito antes no tempo, tendo em vista que Gaudêncio foi colega de redação, na Folha de São Paulo, do meu saudoso Tio Adones de Oliveira (jornalista que também saiu do Rio Grande do Norte muito cedo, para viver a sua vitoriosa vida profissional na maior cidade do país). Ao receber de mim uma mensagem de Tia Helô, mencionando o fato e a boa surpresa por ser eu o escolhido para saudar o grande Gaudêncio, o empossando brindou à minha família com a seguinte resposta extremamente gentil:

“– *Lindo ler isso da Helô! Adones: educação, respeitabilidade, amizade, solidariedade! Um gentleman!*”

Meu prezadíssimo Gaudêncio, por você ser também o *gentleman* que é, manifesto a perene gratidão pela amizade e por ter me destinado tão prazerosa honraria de recebê-lo na Casa de Cascudo. Nunca esquecerei tão elevada e prazerosa missão.

No início deste ano perdemos o seu antecessor na Cadeira nº8 da Academia, o também brilhante Nelson Patriota. Foi um momento triste, porém honroso, fazer naquele momento o discurso de despedida. Hoje, no mesmo ano, recuperadas quase todas as forças, renovada a alegria, tenho a feliz possibilidade de recebê-lo, Gaudêncio, para preencher essa vaga tão valorosa. Sinto-me uma espécie de padrinho da Cadeira que agora você, de forma muito merecida, passa a ocupar.

Gaudêncio é querido e admirado em todo o Brasil. Isso é uma verdade indiscutível. Há elogios impressos por todos os lados, inclusive de ex-presidentes da República. No entanto, quero destacar, para não levar esse discurso às dezenas de páginas, somente dois, que considerarei muito especiais, de dois dos seus amigos e admiradores renomados nacionalmente (presentes na Coleção Memórias, Série Personalidades, Vol. 3, sobre Gaudêncio Torquato, em português, espanhol e inglês:

Juca de Oliveira

Ator e escritor (membro da Academia Paulista de Letras)

Sou um leitor compulsivo de Gaudêncio Torquato, uma referência ética nesse País. Para saber o que efetivamente está errado ou certo, basta ler seus textos. Gosto imensamente dele. Nos tornamos amigos justamente pela

posição ética que admiro muito. O admiro também pelo escritor maravilhoso que é. Li alguns de seus livros, sobretudo Gaudêncio, meu pai, na minha opinião uma grande obra prima da literatura brasileira. Parabéns, Gaudêncio, a homenagem que você recebe é merecida.”

Também, de elevada importância, a seguinte descrição do homenageado:

Carlos Ayres Britto

Ex-Presidente do Supremo Tribunal Federal

Sou leitor assíduo e de longa data de Gaudêncio Torquato. Ele é cientista político, professor, acadêmico, um homem dotado de muita sensibilidade. Como se diz hoje em dia, dotado de muita sensibilidade. De sorte que se tornou um observador privilegiado das cenas jurídica e política no Brasil e no mundo. E não é por acaso que desfruta do maior acatamento científico. A avaliação que se faz sobre ele é de uma pessoa eminentemente republicana, sempre desfraldando bandeiras que significam valores positivos e qualificam o indivíduo e a vida.”

Caro Confrade que vem ao nosso encontro, como você disse em uma das suas excelentes e sempre imprescindíveis obras, “(...) *as janelas do futuro estão escancaradas*”. E eu digo, em moto-contínuo: **também estão escancaradas (e já estavam para você) as portas desta nossa muito amada Academia Norte-rio-grandense de Letras!**

Seja muito bem-vindo, querido amigo e muito ilustre CON-FRADE, sob as bênçãos de Deus e sob os aplausos dos homens e mulheres deste sodalício que caminha célere para os noventa anos de existência e de plena e muito produtiva atividade!

Muito obrigado aos presentes (e aos que viram e ouviram a presente solenidade histórica – e até pioneira – por via telepresencial!) As vossas atenções foram valorosas e estimadas!

Natal/RN, prédio-sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 02 de dezembro de 2021.

Lívio Alves Araújo de Oliveira

[Lívio Oliveira]

Cadeira nº 15 ANRL

DISCURSO DE POSSE DO ACADEMICO GAUDÊNCIO TORQUATO NA CADEIRA Nº 8 DA ANRL

Exmo.Sr. Presidente da ANRL, escritor, poeta e advogado Diógenes da Cunha Lima, um dirigente respeitado no campo da letras, da cultura e da advocacia. E um amigo de fé.

Exmo. Sr. Acadêmico Ivan Lira de Carvalho, mestre e doutor em Direito, juiz federal, Conselheiro de Cultura, sob cuja rede tecnológica estamos conectados nesse evento.

Cara Acadêmica Leide Câmara, a “faz tudo” de nossa Academia e autora do “Dicionário da Música do Rio Grande do Norte”, lançado em 2001, em nome de quem saúdo todos os acadêmicos, amigas e amigos que estão nos assistindo.

Estimado e querido amigo Lívio Oliveira, procurador federal, poeta premiado em concursos de poesia, que me ajudou a estar, aqui, hoje com todos vocês.

Senhoras e Senhores

Quando o marinheiro e seu navio são jogados de um lado para o outro por muitos dias, em meio à tempestade e em um mar desconhecido, ele naturalmente utiliza a primeira pausa da tormenta, o primeiro raio de sol, para descobrir qual é a sua latitude e o quanto as intempéries o afastaram de seu verdadeiro curso.

Tentarei adotar a prudência do marinheiro antes de ser levado para longe nas ondas desta posse virtual na ANRL.

Essa lição de Daniel Webster, reconhecido como o primeiro grande orador norte-americano por ter proferido magistral discurso, em 1820, por ocasião do bicentenário do desembarque dos peregrinos nos EUA, é a pista a seguir.

Temo ser tragado pelas ondas revoltas da rede tecnológica, que, a qualquer momento, poderá causar pane e nos deixar à deriva.

Minha primeira lição de casa é tomar a benção ao mestre dos mestres, ao maior dos potiguares na visão, na produção e na interpretação de arte e cultura popular, um ícone cheio de histórias, relatos, descobertas e causos, nosso patrono e fundador Luis da Câmara Cascudo.

Recusando a presidência desta Academia, que se inspirou na Academia francesa, a primeira do mundo, fundada em 1635, a nossa Academia Norte-Riograndense de Letras foi fundada em 14 de novembro de 1936, contando inicialmente com 25 cadeiras, número ampliado para 30 em 1948, e para 40 em 1957.

No ato de fundação, estiveram presentes, entre outros, Aduato Câmara, Edgar Barbosa, Januário Cicco, Otto de Brito Guerra, Antônio Soares de Araújo, Nestor Lima, Floriano Cavalcanti e Luis Gonzaga de Monte.

Com a recusa do mestre Cascudo, que rejeitara convite unânime dos membros da ABL, para a ela se integrar, o bacharel em Direito Henrique Castriciano foi eleito primeiro presidente desta Casa, escolhendo como patrona de sua cadeira, a revolucionária escritora Dionísia Gonçalves Ponte ou, como é mais conhecida, Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Um pequeno destaque a ser lembrado: a irmã de Castriciano, a poeta Auta de Souza, falecida prematuramente aos 24 anos, foi homenageada como patrona da cadeira número 20.

Nosso babalorixá mais elevado foi um ser humano cheio de graça. Do livro sobre Câmara Cascudo, do meu amigo Diógenes da Cunha Lima, que ouviu algumas histórias do próprio, o pinço uma historinha do mestre, que já tive oportunidade de descrever em minha coluna Porandubas:

Uma artista famosa reclamou a ausência de Cascudo em sua exposição:

Você não veio ver os meus quadros. Prometeu e não veio. Esperei até tarde da noite.

- Não fui pela impossibilidade material de ver os seus quadros.^{Labim/UFRN}
Ficaria olhando exclusivamente para você.

Sua benção, fundador da Academia, a benção, babalorixá do planeta da cultura popular brasileira.

Peço a benção, agora, à patrona da cadeira em que tomo posse, a professora Isabel Gondim.

Na opinião de Câmara Cascudo (1976), ela era a única mulher que tinha coragem de concorrer na produção intelectual ao lado dos homens, ciosos do privilégio antigo. Disse ele: *“a professora, historiadora e literata trabalhava sempre isolada, sisuda, sem repercussão, escrevendo até morrer.*

Isabel Gondim juntamente com a sua conterrânea Nísia Floresta foi uma das pioneiras da intelectualidade no Rio Grande do Norte.

Tomo emprestado do acadêmico e jornalista Woden Madruga um pouco de sua narrativa: *“Veríssimo de Melo registra o nascimento em Papari (Nísia Floresta), de Isabel Gondim, educadora, escritora, dramaturga e poeta. Foi no ano de 1839. Vindo para Natal, Isabel Gondim morava na Ribeira onde fundou uma escola, iniciando suas atividades no magistério. Faleceu em 1933 aos 94 anos”.* Em 1866, Isabel Gondim prestava concurso para a cadeira de ensino primário.”

Foi um longo período dedicado ao magistério. Já sexagenária, não abandonava as atividades literárias, preocupação que levava consigo até os últimos momentos da sua vida.

Seu primeiro livro, “Reflexões às minhas alunas”, foi publicado em 1874, no Rio de Janeiro. Além de livros de ensaios sobre História e Educação, publicou três de Poesia.

Woden diz mais:

Só uma grande festa era promovida pela alta roda, que era a reunião que a professora Isabel Gondim conseguia realizar em louvor à data de seu aniversário natalício, acontecimento marcante da

elegância e da cordialidade reinante nos círculos sociais natalenses. Isabel Gondim era ilustre e velha mestra de muitas gerações estudantis, poetisa de fácil e brilhante imaginação e teatróloga famosa, autora do apreciado drama “Os Anjos do Amor”.

Um belo trabalho sobre Isabel Gondim foi escrito por Maria Arisnete Câmara de Moraes junto à disciplina História da Educação na UFRN. “

Permita-me, colega acadêmica Leide Câmara, puxar informações do seu livro, um clássico, *Memória Acadêmica: Academia Norte-Riograndense de Letras*, sobre o fundador da cadeira número oito, Matias Carlos de Araújo Maciel Filho, nascido em Canguaretama em 20 de setembro de 1876 e falecido em Natal em 21 de abril de 1965.

Bacharel Ciências Jurídicas e Sociais, foi genealogista, pesquisador, orador e juiz de direito. Bacharel em ciências jurídicas e sociais. Promotor em Apodi, mudou-se para Natal em 1932 sob o pseudônimo Zé do Eito. Lia muito e escrevia pouco; seus discursos eram sempre de improviso e foi um grande orador. Conta Leide que chamou atenção quando, no sepultamento de Pedro Velho, proferiu um belo discurso. Ao tomar posse na ANRL, improvisou o discurso, que deixou impressionados os presentes. Permaneceu na Academia de 1936 a 1965.

Seu sucessor foi Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque, falecido aos 66 anos. Escritor, pesquisador, jornalista e deputado estadual de 1947 a 1951.

Ficou na Academia por 11 anos, deixando entre vasta obra *Notas de Viagem ao Amazonas, Família Wanderley: história e genealogia; Macau na poesia de Edinor Avelino; As palavras, a amizade e o tempo; Eliseu Viana, o educador; Mossoró na poesia de Cosme Lemos; Gente da gente; Um Passeio Sentimental à Minha Terra e outras inéditas como a Coisa que a Vida me Contou.*

A seguir, a cadeira 8 recebeu o segundo sucessor e seu terceiro ocupante, jornalista, cronista, político, empresário, poeta,

ficcionista, ensaísta, conferencista, contista e historiador, tendo sido, ainda, secretário geral da ANRL e presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado: Nilson Patriota, que nasceu na Rua da Capim, em Touros (RN), dia 16 de dezembro de 1930, e faleceu em Natal, no dia 29 de março de 2008, aos 77 anos. Filho de Nelson Ferreira Patriota e Maria Segunda Patriota.

Entre obras publicadas estão *Itajubá esquecido*, *Vão de pássaro*, *Um Gosto Amargo de Fim* (romance), *Noturno de Touros*, *Uma Canção ao Entardecer* (contos e novelas).

O terceiro sucessor e quarto ocupante da cadeira 8 foi o ensaísta, poeta e tradutor Nelson Ferreira Patriota Neto, primo de Nilson, graduado em Ciências Sociais e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), editor do jornal cultural O Galo, da Fundação José Augusto, de 1996, tendo dirigido os cadernos de cultura nos jornais A República, Tribuna do Norte, Diário de Natal e na revista RN Econômico.

Entre suas obras publicadas, estão *O livro de Laura, 2001* *Vozes do Nordeste* (em parceria com Pedro Vicente Costa Sobrinho); *Dicionário crítico Câmara Cascudo*; *Como Melhorar a escravidão, de Henry Koster* (tradução); *A estrela conta: memórias de Glorinha Oliveira* (organização); *A estrela conta: memórias de Glorinha Oliveira* (2. ed.); *Clarões da tela* (participação em obra coletiva).

Em 2007 *Corpo de pedra: dispersos e breve fortuna crítica, de Bosco Lopes* (organização); *Uns potiguares: escritos sobre as letras norte-rio-grandenses*; *Livro das odes* (poesia); *Flores que encantam o Brasil/Charming flowers of Brazil* (poesia, em parceria com Diógenes da Cunha Lima e Leila T. Cunha Lima Almeida).

Amigas e amigos

Seguindo a sugestão de René Descartes para que uma pessoa perdida na floresta evite andar de um lado para outro e caminhe sempre no mesmo sentido, não retrocedendo, siga em frente pela linha traçada pelos protagonistas da história da cadeira 8.

Os colegas de Academia, pelo convívio que com eles mantem, principalmente junto ao grupo que comparece às redes sociais, demonstram ser cultores da boa palavra, principalmente da palavra impressa. Percebo que, para eles, o livro jamais perderá seu charme, sendo improvável a hipótese de que, nesses tempos de encontro da inteligência artificial com a tecnologia, veremos o definhamento da obra impressa.

A propósito, conta-se que Pedro II, o Imperador, apreciava os livros com a satisfação dos cinco sentidos:

“visual, pela impressão exterior ou o aspecto; tátil, ao manusear a maciez ou a aspereza das páginas; auditivo, pelo brando crepitar ao folheá-lo; pelo cheiro pronunciado de seu papel impresso ou fino couro da encadernação e gustativo, seja pelo sabor intelectual do livro, seja pelo meio físico, ao unedecermos ligeiramente as pontas das folhas para virá-las”.

Nós, dos anos 60, 70 e até de anos mais recentes, que lidamos com o universo da expressão, apreciamos fruir o encanto de uma boa edição. Certamente, os que habitam esta Casa de Saber, trabalhando nos mais diferentes nichos da palavra, entendem o sentido desta observação.

Recordo a pequena lição de Schopenhauer em seu escrito sobre *A Arte de Escrever*, onde pontua sobre a técnica do pensar, a escrita, a leitura, a avaliação de obras, o mundo da erudição.

Diz: “há três tipos de autores- em primeiro lugar, aqueles que escrevem sem pensar. Escrevem a partir da memória, de reminiscências, ou diretamente a partir de livros alheios. É a classe mais numerosa. Em segundo, há os que pensam enquanto escrevem. Pensam justamente para escrever. São bastante numerosos. Em terceiro, há os que pensaram antes de se pôr a escrever. Escrevem apenas porque pensaram. São raros”.

Completa a lição com o argumento de que aqueles que escrevem tirando a matéria diretamente de suas cabeças são os verdadeiramente dignos de serem lidos.

Esses perfis prezam, e muito, o esforço e a arte de combinar de maneira ímpar, consoantes e vogais, as primeiras, como ensina Schopenhauer, constituindo o esqueleto das palavras e estas, sua carne. O esqueleto é (no indivíduo) inalterável, e a carne, muito mutável em termos de cor, qualidade e quantidade. Justapostas, expressam pensamentos significativos de modo que todos compreendam, livrando-os da quantidade dos textos ruins, *“essa abundante erva daninha da literatura que tira a nutrição do trigo e a sufoca”*, nos termos provocadores do filósofo alemão, que arremata:

“uma literatura vulgar e uma arte mal educada substituem em nossos dias os velhos conceitos de beleza e delicadeza”.

Sob essa mesma teia crítica, Ortega Y Gasset pontuava, nos anos 20, sobre o *homem massa*, e apontava para a figura de Nietzsche gritando do alto de um penhasco em Engadine, nos Alpes suíços: *“Vejo subir a preamar do niilismo”*.

Mas as respostas não tardaram. A boa expressão emergiu em todos os espaços da literatura e das artes. Valores literários foram devidamente registrados. Exemplo desses valores integram o conjunto de conferências que Ítalo Calvino realizou na Universidade de Harvard, em 1985/1986, quando definiu com brilho as qualidades literárias que mereciam ser cultivadas e preservadas neste milênio. Esses textos compuseram o *Livro Seis Propostas para o Próximo Milênio*.

Receoso de adentrar a sagrada seara dos hermeneutas literários, porém, usando a bengala da ousadia, atrevo-me ao exercício de identificar no conjunto da obra de muitos autores, inclusive escritores do nosso convívio, valores apontados por Calvino.

Rumemos direto a esse painel:

O primeiro é a **Leveza**, valor que Calvino enxergava na poesia de Giacomo Leopardi, o poeta do lirismo, da suavidade, das imagens de extrema leveza, como o voo e o canto dos pássaros; a

voz de uma mulher que canta na janela; a transparência do ar e, sobretudo, a lua. Sim, a lua, a bola iluminada nos céus, que ganhou numerosas aparições em sua obra. Como esta:

*- É doce e clara a noite e não há vento
e calma sobre os tetos e entre os hortos
repousa a lua, ao longe revelando
serenas as montanhas*

A sonoridade auditiva que aprendemos a ouvir de grandes poetas, a exemplo de Virgílio, no 8º livro da Eneida, que nos oferece esta obra prima de verso, pela maneira como compõe o choque sonoro de consoantes fortes e repetição de sons para imprimir força à descrição:

*- Quadrupedante putrem sonitu quatit úngula campum
- Das patas com o bater em pó desfeito
- Soa o chão com o tropel de quadrípedes*

A fonética do verso nos remete ao tropel dos cavalos correndo sobre um chão pontilhado de pedrinhas.

Prossigamos na trilha do magistral escritor de *O Visconde Partido ao Meio*, *Os Amores Difíceis* e *O Cavaleiro Inexistente*.

Rapidez.

Calvino explica a rapidez de estilo e de pensamento como desenvoltura, mobilidade, a capacidade de juntar as partes no todo. Também distingo essas qualidades na expressão de poetas e contistas brasileiros.

Basta ler obra dos nossos escritores, romancistas, cronistas e poetas, como Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Murilo Rubião, Cora Coralina, J.J.Veiga, Clarice Lispector, Os sabiás modernistas da crônica (Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, José Carlos Oliveira), o incomparável Carlos Drummond de Andrade, o retraído Dalton Trevisan,

Rubem Fonseca, Nélida Pinon, João Ubaldo, Ledo Ivo, Osman Lins (estes três últimos, aliás, estiveram conosco em Natal por ocasião de um grande evento sobre Cultura Nordestina promovido pelo reitor Domingos Gomes de Lima no final dos anos 70).

Exatidão é a terceira vertente literária de Ítalo Calvino, o cinzel que o escultor usa para lapidar sua obra, inserir visão particular, apor um diferencial, narrar o detalhe, ser preciso na narrativa, evitando fórmulas abstratas, anônimas, as dobraduras da linguagem – esses efeitos retóricos que diluem significados, ocupando muito espaço para dizer pouco. O exemplo de exatidão apontado pelo escritor que nasceu em Cuba, mas passou a vida na Itália, é o gênio de Borges: *“cada texto seu contém um modelo de universo ou de um atributo do universo – o infinito, o tempo, o inumerável”*.

E, por último, transparece a **multiplicidade**, que Calvino enxergava como valor insubstituível para a literatura enfrentar o desafio de descrever a complexidade inextricável do mundo, a visão múltipla de sujeitos, vozes, olhares, sentimentos, desejos, expectativas, sonhos, frustrações.

Senhores e Senhoras

Somos de uma geração que acompanhou grandes acontecimentos aqui e alhures. Vivemos tempos de luzes e de trevas, brilho e escuridão.

- o acirramento da Guerra Fria entre a ex-URSS e os EUA; a renúncia de Jânio Quadros; a guerra nuclear por um fio, após mísseis russos retirados de Cuba; a posse de Jango; Martin Luther King e o famoso discurso Eu Tenho Um Sonho; o assassinato de dois irmãos Kennedy; a marcha da Família com Deus pela Liberdade; o golpe militar; os atos institucionais; o show Opinião, com Nara Leão, Zé Keti e João do Vale; os mortos e torturados pela ditadura, os generais e os anos de chumbo; a VPR e a luta armada de Marighella; a contracultura; o assassinato de Luther King; a ocupação da Sorbonne; o movimento estudantil e a passeata dos 100 mil no Rio; Bob Dylan, Caetano,

Gil, Belchior, os Beatles; a chegada do homem à Lua; o festival de Woodstock que reuniu 400 mil pessoas, em 1969, na cidade de Bethel, Estado de Nova Iorque; e, nesses dias de Covid 19 e suas variantes, naves espaciais abrindo o turismo no espaço.

Não posso deixar de lado a beleza dos de outrora. Não eram tempos apenas do homem massa ou do niilismo. Quanta poesia no movimento musical dos mineiros, que culminou, em 72, na criação do Clube da Esquina, onde pontificavam Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Ronaldo Bastos, Toninho Horta, Wagner Tirso e ele, Fernando Brant, que fez sua travessia:

- “Quando você foi embora fez-se

Noite em meu viver

Forte eu sou, mas não tem jeito

Hoje eu tenho que chorar

Minha casa não é minha e nem é

Meu este lugar

Estou só e não resisto, muito

Tenho pra falar”.

Oh, tempora, oh, mores, caras e caros amigos,

A amizade era a cola de nossas vidas. Como descrevia Brant no canto de Milton:

Amigo é coisa para se guardar

No lado esquerdo do peito

Mesmo que o tempo e a

Distância digam “não!”

Lembro o amigo que já nos deixou, Zé Rodrix, com um toque de saudades:

E tenha somente a certeza

Dos amigos do peito e nada mais.

E o maluco beleza encarnado por Raul Seixas?

Enquanto você se esforça pra ser

Um sujeito normal e fazer tudo igual

Eu, do meu lado. aprendendo a ser louco

Um maluco total, na loucura real

Controlando a minha maluquez

Misturada com minha lucidez

Caro Livio: Que tempos memoráveis aqueles da boemia em São Paulo, na companhia do gentleman Adones de Oliveira, seu tio.

Que mais posso dizer?

Um pouco sobre meus temores:

Temo pelo populismo que se espraia nos horizontes do planeta.

Temo pela devastação de nossas riquezas naturais.

Temo pela radicalização que nos remete aos tempos de barbárie.

Temo pela violência que se expande, sob o paradigma do caos e que mereceu do professor Samuel Huntington o desenho de um amanhã apavorante: - *“Quebra da lei e da ordem, Estados fracassados e anarquia crescente, onda global de criminalidade, máfias transnacionais e cartéis de drogas, declínio na confiança e na solidariedade social, violência por todos os lados.*

Como destaca Steven Pinker em seu livro *O Novo Iluminismo*, *“desde os anos 60, a confiança nas instituições da modernidade despenhou, e a segunda década do século XXI viu a ascensão de movimentos populistas que repudiam com estardalhaço os ideais do Iluminismo.*

Eles são tribalistas em vez de cosmopolitas, autoritários em vez de democráticos, desprezam especialistas em vez de respeitar o conhecimento e têm saudades de um passado idílico em vez de esperança em um futuro melhor.

Obrigado, amigas e amigos, que me honraram com seu voto.

Obrigado a todos que participam da nossa Academia, com especial destaque para o nosso presidente Diógenes da Cunha Lima, nossa secretária Leide Câmara, minha querida sobrinha Sônia Faustino e este batalhador guerreiro e líder, que me ajudou a estar aqui, Lívio Oliveira.

Obrigado, Lívio, pela bela expressão com a qual me brinda.

Quanta leveza em sua poesia

Alucinação Molhada

Os cabelos,

rédeas que prendo a uma só mão,

guiam-me para um espaço

abstrato, etéreo.

Ali, numa dimensão

que desconheço,

inebriado,

conforto-me da madrugada

fria, fria, fria,

acreditando que tua sedução

e teu pouco calor

serão, mais tarde, minha toda

(porém improvável)

salvação.

Concluo reconhecendo que tenho de acompanhar, como analista, os fatos da política, fazendo observações e críticas que julgo relevantes. Mas nem sempre bem aceitas.

Tenho a convicção de que erro, e muito, no meu esforço de interpretar a política.

Conservo, porém, a modéstia de reconhecer falhas e tentar fazer correções.

Importante é se expressar ou, como diria Hannah Arendt, “pensar sem corrimão”; dizia ela: *“não importa quão sombrios sejam os tempos, sempre existe a possibilidade de novos começos quando as pessoas agem juntas. O começo é a manifestação da liberdade humana”*.

Presto, por último, minhas homenagens aos integrantes desta Casa com um verso de Semeadores, de Machado de Assis:

“Vós, os que hoje colheis, por esses campos largos,

O doce fruto e a flor,

Acaso esqueceréis os ásperos e amargos

Tempos do sementeiro?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;

Contudo, esses heróis

Souberam resistir na afanosa porfia

Aos temporais e aos sóis.”

Muito Obrigado!

NATAL, 2 DE DEZEMBRO DE 2021

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO GERALDO MELO NA CADEIRA Nº 32 DA ANRL

Presidente Diógenes da Cunha Lima,

Senhoras acadêmicas, Senhores Acadêmicos

Minhas senhoras, Meus senhores

Os que chegam a esta Casa, sonhada por Câmara Cascudo e erguida, parede a parede, por Manoel Rodrigues de Melo, não chegam como os substitutos de figuras todas elas marcadas pela singularidade de suas personalidades e marcantes pela obra que legaram ao patrimônio cultural do Rio Grande do Norte. São insubstituíveis.

Quem aqui chega, e tem o privilégio de cruzar a soleira de sua portada que tem 85 anos de história, o faz pelo voto da sua maioria absoluta, mas também pelo gesto da ternura humana. Esta casa tem a honra de ter como fundador Câmara Cascudo, um dos maiores escritores do Brasil, com uma obra que se projeta na eternidade do seu saber sempre novo e renovador de ideias, conceitos e interpretações.

Assumo a Cadeira 32 que tem como Patrono o historiador Francisco Fausto, um dos pioneiros no estudo da história entre nós, honrado pela coincidência de herdar uma tradição que a mim é muito grata - a de conhecer a história da nossa terra e da nossa gente.

Antes da minha chegada, aqui esteve o professor e reitor da Universidade de Mossoró, e um dos seus fundadores, com outro pioneirismo que não pode ser esquecido: João Batista Cascudo Rodrigues: estudou, reuniu e publicou toda a legislação histórica e sociológica da luta da Mulher que encontrou em Nísia Floresta não apenas uma chama e uma espada, mas a primeira voz no Brasil e uma das primeiras no mundo, ela que viveu em Paris e viajou

muito espalhando suas ideias na nobre convicção do papel da mulher na história humana.

E venho, com o doce privilégio de ser um igual, para ficar ao lado de todos vocês, na Cadeira 32 que foi ocupada por João Batista Machado, Machadinho, como todos nós o tratávamos, tão carinhosamente.

Aqui está um velho repórter político de uma geração de jornalistas que não poderia ser sucedida melhor do que foi com Machadinho. Ele tinha, conservava e honrava nas matérias e nos vários livros que escreveu, a marca que também foi a do meu tempo, e sempre será do verdadeiro jornalismo: o amor à liberdade, o respeito à verdade e, inarredavelmente, em defesa do bem-estar individual e coletivo.

Somos imortais na medida em que deixamos registradas, por escrito, nossas ideias e sua rica pluralidade de visões e percepções do mundo. Nossa eternidade está bem guardada na fraternidade desse belo destino comum que é a magia de sermos iguais.

Sou o mesmo repórter naqueles distantes anos cinquenta. Diante da minha aldeia ou do mundo, sonhei sempre em ser apenas um contador de história. Por isso escrevi um livro não para fazer o rol do economista que teve a filial do seu escritório instalada em Londres; ou das ações como governador, numa campanha memorável. Ou, tão pouco só para lembrar como foi o Senador da República - o menino que um dia se viu à mesa de um banquete nos salões do Palácio de Versalhes, nos arredores de Paris, a representar o Senado do seu País.

Não.

Escrevi uma história simples, sem heróis e sem vassalos, vida nos velhos sertões da infância. E esta história é a minha bagagem, tudo quanto tenho de mais valioso para depositar nas mãos dos meus ilustres pares e diante desta Academia.

A minha gratidão aos que fazem esta Casa e me recebem nesta hora. Chego para seguir o seu lema, pautando meus passos a caminho da luz do saber.

Obrigado a todos.

SESSÃO SOLENE EM MEMÓRIA DO ACADÊMICO JOSÉ AUGUSTO DELGADO.

Diógenes da Cunha Lima

Convido a ficar entre nós, representando todas as autoridades que estão aqui, o Doutor Edilson Nobre, Presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região.

Quase que como prerrogativa, é-me dada, por inúmeras razões e por minha própria vontade e também pelo querer de alguns acadêmicos, a incumbência da fala inicial,

Como sempre, escolhemos uma pessoa, um acadêmico para a homenagem à memória daquele que foi nosso irmão, nosso amigo, nosso colega e que desapareceu.

A Justiça Federal fez um vídeo e nós vamos passar aqui uma parte dele. É um vídeo maravilhoso, que conta a história de Delgado, e contém, muitas vezes, a fala das pessoas mais ligadas a ele. Zezé à frente de todos. Que posso dizer de Delgado, que vocês sabem e conhecem? Uma grande figura humana, o irmão bom que eu tive na vida. Primeiro, que nossos pais, João Batista Delgado e Diogenes da Cunha Lima, mesmo nome que o meu – eu adotei o nome dele –, eram amigos e trabalharam juntos na loja do meu tio Otaviano. Ele, em Santo Antônio; eu, em Nova Cruz, mas, de vez em quando, vinha para Santo Antônio, que meu pai também tinha loja lá, tínhamos uma linguagem comum. Nós vendíamos chapéus, sombrinhas, tecidos e, às vezes, rádios, máquinas de costura. Fizemos amizade a partir daí. Daladier também participava desse trabalho. Viemos para Natal e fomos morar na mesma pensão, a pensão de Dona Lica. Aí começaram as divergências: nas horas de alegria, nós bebíamos cachaça, e Delgado reprovava, porque não aceitava aquilo. Na brincadeira, ele já era chamado de Doutor Delgado ou Professor Delgado.

Ele não aceitava que estudante tomasse cachaça. Era o jeito dele. Ele começa a ensinar a matemática a Zezé e começa o namoro na pensão de Dona Lica. Não foi assim, Zezé? Cinco anos juntos, na Faculdade de Direito, sentando ao meu lado, estudando junto, trabalhando. Muitas vezes, as ligações. Primeiro, um fato curioso: Doutor Onofre Lopes, o reitor, dá um prêmio de 20 contos, que eu não sei o que é hoje, ao primeiro aluno. E Delgado recebeu, merecidamente, o prêmio. Só que o colega reclamou porque não contaram os centésimos, milésimos, que ele seria o primeiro. E Delgado, mesmo sem ter dinheiro, tudo na vida era regrado, ele devolveu o cheque e o rapaz recebeu. Depois, eu lancei a candidatura dele a Orador de Turma. Novamente, surgiu outro candidato, e Delgado renunciou. Mas ficamos juntos a vida inteira, participando, estudando juntos, vivendo. Às vezes, ele reclamava porque eu deixava a aula de qualquer professor para ir assistir às aulas de Câmara Cascudo. E ele não aceitava isso porque era todo enquadrado: “Como é que você deixa a aula do professor fulano...”. “Eu vou, porque eu gosto. Cascudo não repete aula”. “Mas eu já vi, você já viu também”. “Não repete, a aula dele é toda diferente e vou para lá”. Delgado batia em mim e batia forte, dizendo que eu ia sair analfabeto da Faculdade de Direito, o que é quase verdade.

O fato é que nos formamos e resolvemos abrir juntos um escritório. Colocamos o escritório em cima do Armazém Triunfo, em esquina do Alecrim. Por que a escolha do movimentado Alecrim? Ora, sendo bairro popular, muita gente talvez tivesse causa para nós. O fato é que tínhamos que pagar aluguel de 8 contos, que eu não sei qual era a moeda, mas que o dono do prédio mandava o cobrador que batia na porta da gente, dizendo: “No fim do mês estou aqui para receber os 8 contos”. E a gente temia, porque tinha medo de não pagar a conta. Não era mole pagar 8 contos de aluguel por mês. Delgado, o pai dele, pai desse povo que está aqui, Djalma, Joãozinho, deu a ele um birô, fantástico, bonito, e um instrumento importante que era um ventilador. E o meu pai

mandou fazer, em Nova Cruz, um birô, mas que não tinha ventilador nenhum. E ele ligava o ventilador, e eu ficava refestelado com o ventilador dele. Eu ganhei uma primeira causa mais importante, foi de Zé Resende, comprei um aparelho de ar-condicionado Admiral. Paguei a primeira prestação e ficaram restando nove prestações. Eu disse: “Delgado, eu já paguei a primeira prestação, agora vamos rachar daqui para frente”. Ele disse: “Me diga uma coisa: lá em Nova Cruz, quem tem ar-condicionado? Ninguém. Pois eu não vou, não. A frescura é sua, você que pague”. Eu disse: “Delgado, pelo amor de Deus”. “Não. Assunto seu. Você não me perguntou”. Passa o tempo e ele, já candidato a ministro, Zezé me telefona. Eu já ganhando dinheiro como advogado. Permita-me contar esta história, porque é preciso contar as coisas de Delgado. Então, ela disse: “Está muito triste porque não foi, não tinha prestígio político, era só indicado e nada de sair como ministro”. Mas queria ser. Eu peguei o avião para Recife, procurei saber qual o restaurante mais importante, que era o Dias, perto do Sport, e avisei que o ministro – não era ministro coisa nenhuma – o ministro Delgado estava querendo ir lá, e comprasse o melhor vinho que tivesse na cidade, era o *Châteauneuf du Pape* e queria também uma aguardente portuguesa, chamada Antiquíssima. Bebemos e lá para as tantas, ele disse: “Quer saber de uma coisa? Eu não quero mais esse negócio de ministro, não. Vou me aposentar. Eu tenho um belo apartamento no Recife, então vou montar o maior escritório de advocacia do Nordeste”. Eu disse: “Beleza, Delgado”. Então, ele já tinha bebido, misturando. Lá para as tantas, ele disse: “Vamos montar. Eu vou fazer na Bahia, você vai para Natal, pode vir para Recife, eu fui juiz em Maceió”. Bom, eu digo: “Ok”. Aí, nos abraçamos, e quando eu abracei, disse: “Tem uma coisa: você está me devendo 50% do ar-condicionado. Pague, se não, tá aqui! Eu não quero mais negócio com você”. Aí, então, continuou esta amizade próxima, a vida inteira. Até quando ele morreu, tínhamos causas comuns, trabalhamos juntos. Fizemos concurso para juiz estadual, juntos. Fomos nomeados. Só que eu disse: “Delgado, não vamos aceitar, que nós estamos ganhando mais dinheiro como advogado

do que como juiz, além de ficar no interior”. Eu não aceitei; ele imediatamente foi. O que interessa é que a vocação de Delgado era de ser juiz e foi ser juiz de várias comarcas do Rio Grande do Norte. Começando por São Paulo do Potengi, Areia Branca, Mossoró, por aí afora. Foi sempre juiz. Depois, o Tribunal de Justiça deu-lhe o título de Desembargador Honorário. Ele fez concurso para a Justiça Federal, aprovado em primeiro, como sempre ele era primeiro lugar, e exerceu a função aqui com aquela categoria que nós conhecemos. Todo esforço, toda uma dedicação e todo um estudo. Delgado tinha um conhecimento enciclopédico do Direito. Para ele, nada era estranho. Tudo ele queria saber, aprender e ensinar, como os professores da Universidade do curso de Direito. Enquanto eu fazia as questões para os alunos, digamos 20 questões para que eles respondessem, Delgado fazia 150, 200 questões. “Delgado, que exagero é esse? ”. “Porque é a maneira que eles têm de estudar, para me responder e vão aprender isso aí na prova”. E fazia. Uma loucura dele. Mas era o jeito dele de ensinar e quem foi seu aluno sabe o jeito como ele adotava essa condição de professor e como ele valorizava a profissão. Ele foi um professor de vida e um professor muito querido. O Direito para Delgado era uma missão. Era a busca da cidadania, do reconhecer a cidadania.

Ele veio para esta Casa, primeiro, quase recusando, porque havia um detalhe, pouca gente sabe, mas eu sabia bem: ele e eu fazíamos poemas de Santo Antônio e Nova Cruz, sonetos, e os sonetos meio assim. Ele era poeta, e eu dizia: “Você é poeta”. Quando chegou o tempo de ele se submeter aos colegas acadêmicos: “Eu não sou literato”. “É sim. A literatura jurídica é literatura, e boa, você faz. E depois, você faz os seus poemas”. Eram *fracosos*, mas eram poemas. Eu brincava sempre lembrando, ele sempre me disse que nasceu em São José de Campestre. Conversa mole. Ele nasceu na cidade de Nova Cruz, no município de Nova Cruz, num distrito chamado São José de Campestre. Eu tenho que puxar a brasa para minha sardinha, uma visão bonita de José Augusto Delgado que foi a vida inteira.

Passsei o tempo todo dizendo que Delgado tinha que fazer a memória dele, uma autobiografia. Depois de cansar de pedir, ele me embromando, sem dizer, eu fiz o livro. E o título é a coisa mais simples, que é o nome que ele adotava e que muita gente o chamava no interior: *José*. Sem outros acréscimos, mas foi apresentado, e um editor de Brasília fez o livro, editou e lançou. Foi lançado no Superior Tribunal de Justiça, com uma quantidade inimaginável, tanto assim que faltou livro na hora do lançamento. A editora (Thesaurus), não sei qual foi o número, mas foi enorme, que faltou livro, porque ele era tão querido pelos funcionários e por pessoas que estavam lá, que esgotou e até hoje é livro esgotado. Ainda existem alguns exemplares na editora, que Zezé pode mandar buscar, que eles estão guardando. Mas é uma relíquia que ficou, modéstia à parte, muita coisa na lembrança desta vida comum que tivemos.

José Augusto Delgado é absurdamente um homem dotado, que ficou na história pelo seu valor, por seu talento, por sua dedicação, por seu serviço. Tínhamos outra coisa também comum: Pirangi. A minha casa bem próxima, eu saía para jogar baralho, com Clenio, meu cunhado, e Delgado ia todos os dias para lá e dizia que era o juiz-presidente do jogo, como ele descreveu sobre o jogo de azar, eu dizia que ele era autoridade. E ele sem saber jogar coisa nenhuma, mas ficava assistindo ao jogo e, naturalmente, comentando. Era uma ligação muito próxima. Nunca chegou a Natal para não irmos almoçar, geralmente na Peixada da Comadre, com as mulheres nossas, as figuras Lalinha, Genibaldo, Zezé, Dina e Clenio. Às vezes, com outras pessoas que se aproximavam. Mas a regra era essa. Era um lugar cativo e era hora do encontro, da celebração.

Delgado não tinha limites. Quando eu ia à Brasília, eu dizia: “Delgado, eu estou chegando, não precisa ir me buscar, no avião tal, a tantas horas”. É claro que ele ia me buscar e eu me benzia, porque ele era o pior motorista do mundo, e saía batendo nas sinalizações, nos chamados “chapéu do guarda”. Eu arriscava a vida ao andar com ele me levando. Um episódio só: uma vez, doze e meia, já para amanhecer o dia, nós estávamos num restaurante, toman-

do vinho, quando toca o telefone, era o ministro Marco Aurélio cobrando dele um parecer. Eu disse: “Delgado, isso não era de atender. Tem hora para ministro telefonar”. Até hoje ele é citado nos Tribunais Superiores. Porque ele era o homem do Direito, pelo Direito, pela busca de justiça, tudo ele fazia.

Aqui ele formou uma colônia de amigos, de admiradores, bem-querer, na Justiça Federal, quase todos. Vocês vão ver aqui um depoimento, que é um trabalho bonito da Justiça Federal, sobre o tema “José Augusto Delgado é vida, é permanência, é imortal, na medida em que ele tanto representa”. Quero dizer que nossa ligação é extraordinária. Quando Zezé estava grávida do primeiro filho, ele me levou até a maternidade. Ansioso, sem saber se seria menino ou menina, ele saiu para rezar. Logo, chegou a enfermeira com o menino e eu tive o privilégio de ver Magnus, antes do pai. Disse-lhe “Agora, aguenta a mão aí, que o pai está rezando e chega já”. Tive que aguentar a mão até Delgado chegar para ver aquele menino fantástico que tanto honra a Justiça do Rio Grande do Norte.

Meus amigos, eu poderia passar a vida inteira a conversar sobre Delgado. Já falei muito, já disse alguma coisa da minha emoção, do meu sentimento, do meu coração, do meu desejo de tê-lo perto de mim e peço a Deus que permita que ele assista a esta sessão solene da Academia, de despedida e de saudades. Muito obrigado a todos.

Está entre nós uma pessoa que bem representa o talento, a capacidade de José Augusto Delgado. Trata-se do jurista e escritor e, hoje, para nosso orgulho, presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região. Por isso mesmo, temos a honra de passar a palavra ao Dr. Edilson Nobre para falar um pouco para nós sobre a figura humana de José Augusto Delgado.

Edilson Nobre:

Quero agradecer a descrição do Dr. Diogenes.

Dirijo-me a Dona Zezé, aos acadêmicos, aos demais aqui presentes, minhas senhoras, meus senhores:

Eu estava planejando dizer quatro características do ministro Delgado: a primeira delas, o próprio ministro Delgado revelou na última parte do vídeo: a da busca pela justiça. Ele procurava ser lícito o máximo possível. E uma qualidade, eu diria, eu que trabalhei com ele, era o amor pelo trabalho. Sempre foi. Era o primeiro a chegar e o último a sair. Sempre foi assim. De uma educação extremada. Outra característica era a busca dele pelo conhecimento. Hoje, é muito fácil o magistrado federal procurar o jurídico, fazer estudos, fazer pesquisas, ir à internet. O ministro Delgado procurava tanto a doutrina, naquela época que era escasso no mercado, como a jurisprudência, analisando coisas. Se eu quiser obter qualquer decisão do Supremo Tribunal Federal, de 1913, tem na internet. Hoje, a gente dá um clique no celular e faz a pesquisa. E uma quarta característica era sempre a procura de inovar. Naquela época, escrever que o Estado poderia ser responsabilizado pela demora de apelado, naquela época, em 1981, era algo até que gerava uma certa heresia. Quando chegou a Constituição, procuramos recepcionar com toda dedicação, inclusive com os princípios, o princípio da moralidade. Procuramos formar um horizonte para compreender o que estava lá, a busca pela justiça, a dedicação ao trabalho, a procura de conhecimentos, a tendência à inovação.

Diógenes:

Tenho a honra de transferir a palavra à minha amiga Zezé que, ao longo da vida, foi a companheira admirável e única de José Augusto Delgado, mas que exerceu também ao lado dele a sua função, não só a sua voz linda, que é realmente maravilhosa, mas também o trabalho e a arrumação para que ele pudesse exercer o que ele sabia e queria. Além disso, eu tive o privilégio de tê-la como Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, e que desempenhou maravilhosamente o papel. Uma das atividades de Zezé, como aquela fantástica que ela exerceu e exerce em Brasília, levando para necessitados o apoio que eles merecem. Zezé é querida, admirada e é um pedaço de Delgado entre nós. Passo a palavra a Zezé Delgado.

Zeté:

Você pode ficar pensando: “O que é que ela vai falar”. Eu me sinto aqui entre amigos. Há quatro meses sem a presença de Delgado ao meu lado, reforça em mim a mais linda realidade da finitude da vida e todos nós humanos, por algum motivo, que ainda não há explicação, perdemos tempo, muito tempo, com muitas coisas inúteis, com muitas coisas banais, sem essência e não aproveitamos cada momento que a gente tem vivo. Três anos atrás quando Delgado foi submetido a uma cirurgia do coração, o médico dele me chamou e disse: “Eu não posso fazer nada porque o coraçãozinho dele é muito fraco”. “Tudo bem, Doutor, então faça o que o senhor puder”. E após a cirurgia, ele olhou para mim e disse: “Dona Maria José, está tudo sob controle”. Daquele momento em diante, quando Delgado acordou da anestesia, eu disse a ele: “Olhe, nunca mais em nossa vida vamos perder tempo. Vamos cuidar um do outro e fazer feliz o outro. Nunca mais. Não me faça voltar atrás das palavras que estou dizendo”. E ainda sob o efeito da anestesia, sem entender, dizia: “Por quê? Por quê?”. Quando ele despertou de vez, eu expliquei por quê: “Porque a finitude da vida é certa, ela é imprevisível, ela é surpreendente, como aconteceu agora”. E nós desenvolvemos então uma vida em comum, de cordialidade, de simplicidade, de cumplicidades. Nunca mais, por uma questão de honra à vida, e não à morte, nós continuamos, os dois nos entendendo, como se a vida fosse uma brincadeira, e me assusta muito hoje ver, ter a visão de pessoas que não agem assim, principalmente nós que estamos numa idade que tem validade. É incrível ver alguém perder tempo com questionamentos vãos quando sabemos que mais adiante vai terminar. Nós nos conhecemos muito jovens, eu e Delgado, e o que mais me encantou dele foi aquele jovem cheio de planos, de ideais, de pensamentos elevados, de crescimento. Eu tinha 16 anos, ele tinha 21 anos, mas ele já tinha uma maturidade que me encantava. E quando nós nos unimos de verdade, eu tive a percepção que eu estava diante de um ser humano diferenciado. Ele tinha uma sede de saber todos os dias. Para ele, o conhecimento era tudo. E eu ti-

nha casa, tinha filhos, eu tinha tarefa doméstica para cumprir, mas nunca contei com ele porque sabia que estava diante de alguém que tinha um ideal maior e que tinha que ter estrutura para desenvolver aquilo. E assim nós caminhamos durante 58 anos. Eu agora estava lá em Pirangi, local onde eu realmente encontro um pouco de tranquilidade para compreender que vou estar toda minha vida agora sem ele. E de tanta disciplina que ele tinha, eu ouvia ele me dizer: “Minha filha, você está em Pirangi. Daqui para Pirangi tem trânsito, pode acontecer algum imprevisto. Tenho que chegar à Academia cedo porque a homenagem é para mim”. Esses pequenos diálogos, eu mantenho. Não como uma loucura, ou que seja, mas não vou me perpetuar num relacionamento que nós tivemos de boas lutas e muita renúncia. Hoje, aqui nesta tarde, eu tenho meu cunhado Djalma, Fátima, minha cunhada, Fafá, minha cunhada/irmã, Joãozinho, os demais não puderam vir. Meus filhos Magnos, Liane e Ângelo, ainda estão destroçados, porque são jovens, não estão entendendo que a finitude da vida pode nos fazer, de libertar, de nos envolver com algo mais importante que é a vida. Não é para se falar em morte. É para se falar em vida. E a minha palavra é gratidão. Gratidão a este jovem aqui (referindo-se a Dr. Diogenes), que foi um irmão, a vida inteira ao nosso lado. Desde o comecinho da nossa vida, ele estava presente na nossa casa, acompanhando tudo. Genivaldo, que Delgado tinha verdadeira admiração, verdadeira paixão. Lalinha. As minhas queridas insuperáveis estão aqui, um grupo que nós temos em Pirangi, que nos ajudamos, mutuamente, a viver, que nos ajudamos a entender que o processo do envelhecimento, ele é, às vezes, cruel, dizer que é infalível no sentido de você aproveitar o que você tem do resquinho da vida. É o que eu tenho feito, é o que tenho tentado. Além dos três filhos, Magnos, Liane e Ângelo, ele assistiu ao nascimento de outros netos e uma bisneta que chegou agora: Alice. Como ele sorria, como ele se emocionava de ver os vídeos que a minha neta mandava de Alice e perguntava: “Minha filha, será que vou ver Alice crescer?”. Eu dizia: “Não importa. O que importa é que você está vendo Alice agora. Curta Alice agora.

E é isso, meus queridos, permitam-me chamá-los assim, diante de tão ilustres figuras do saber. Meus queridos amigos, essa é a realidade. Vamos aproveitar o que nos resta. E quem é jovem, aproveite desde então, porque, por mais surpreendente e inexplicável que seja, a finitude chega para todos.

E eu quero fazer uma homenagem aos pais do Delgado: Dona Neuza e Seu Batista, duas figuras humanas e simples, que depositaram naquele filho toda a esperança do crescimento dentro da família. Dona Neuza, que era senhora dedicada a cada um daqueles filhos, como ela sabia fazer, e Seu Batista, um homem brincalhão, um homem extremamente alegre, mas de uma disciplina exemplar para todos os filhos. Eu não podia deixar de falar nas figuras principais deste momento que são os pais dele. E para vocês, eu deixo por último minha única palavra: um homem simples, humilde, tranquilo, digno, pessoa mais digna que conheci em toda a minha vida: Delgado. Porque na intimidade, você conhece a pessoa como ela é. Isso é um grande orgulho para mim e para meus filhos. Onde eu chego, onde eu passo, onde eu estou, no aeroporto, numa confeitaria em Brasília, numa sorveteria em Brasília, em qualquer canto, as pessoas se aproximam: “A senhora é esposa do Doutor Delgado?”. “Sim”. “Permita-me abraçá-la”. Então, isso é vida. Morre quando se é esquecido, mas quando se é lembrado, a vida continua. Eu desejo muita saúde para vocês, desejo paz, muita sabedoria de aproveitar, em casa com a família, com os poucos amigos, os momentos que a vida está nos oferecendo. Não é difícil. O difícil é ignorar, e que acima de tudo nós não percamos a esperança, a fé. Como diz Deus, no que a gente se encontra. Eu espero, sim, porque será muita alegria para meu coração. Beijos para vocês.

Diógenes:

Convido o cerimonial. Nós temos muitas mensagens, mas vou pedir à secretária-geral Leide Câmara que leia apenas uma mensagem que representa todas as outras, que é de um acadêmico muito querido e muito próximo de Delgado. Por favor, leia, e depois o edital já abrindo a vaga. Eu declaro aberta a vaga.

Secretária Geral

“Ao Senhor Presidente, Diógenes da Cunha Lima, agradeço o convite para assembleia geral, sessão em memória ao imortal José Augusto Delgado. Devido a compromissos anteriormente assumidos, não poderei participar. Aproveito a oportunidade para cumprimentá-lo e renovo a Vossa Excelência protestos de estima e consideração. Atenciosamente, Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.”

Academia Norte-Riograndense de Letras. Edital nº 15, de 17 de dezembro de 2021. Declaração de vaga da Cadeira 36. Em obediência ao disposto no Artigo 19, alínea a, do Regimento Interno, e por solicitação do Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, comunico que foi proclamada a vaga da Cadeira 36 desta Instituição, que tem como patrono Benício Filho; como fundador da Cadeira, João Medeiros Filho; como sucessor 1, Olavo Medeiros Filho; sucessor 2, José Augusto Delgado, seu último ocupante. Em razão da vaga existente, ficam abertas as inscrições, pelo prazo de 60 (sessenta) dias da sua publicação, para os candidatos fazerem os seus requerimentos de inscrição, na conformidade do que dispõe o Artigo 20, do evocado dispositivo regimental, apresentando os seguintes documentos: *curriculum vitae* atualizado e exemplares de suas obras publicadas em forma de livro individual, que deverão ser remetidos à Comissão de Ética, para fins de direito. Natal, 17 de dezembro de 2021. Acadêmica Leide Câmara, secretária-geral.

Diógenes:

Meus amigos, agradecendo a presença e dizendo da responsabilidade que temos, a partir de agora, quanto à escolha do sucessor de José Augusto Delgado. É preciso ter algumas das qualidades que ornamentam o passado e a vida de José Augusto Delgado. Declaro, pois, encerrada esta sessão. Dissolvemos a mesa para, em cinco minutos, reabrirmos para a posse na Cadeira desta Academia, de Geraldo Melo. Encerrada a sessão.

O ARTISTA DA CAPA

Artista múltiplo e inventivo, Erasmo Xavier (1904-1930) é considerado um pioneiro da arte moderna, em Natal, nos anos 1920. Sua biógrafa e sobrinha, Rejane Cardoso, em nota introdutória ao livro “Erasmo Xavier - O Elogio do Delírio” (1989), traça-lhe breve perfil, do qual extraímos o seguinte trecho:

“Mais carioca que natalense, desde cedo se revelou um rapaz talentoso. Foi caricaturista, auxiliar de cenógrafo, fotógrafo amador-quase-profissional, redator de artigos e notívago: um estranho boêmio que não fumava e só bebia leite.”

Adianta Rejane que ele também fazia desenhos - reclames - para casas comerciais e criava figuras para prêmios carnavalescos e carros alegóricos, no Rio de Janeiro, mas projetou-se, sobretudo, como ilustrador de revistas de circulação nacional - “O Malho”, O Cruzeiro”, etc.

Em Natal, por volta do final da década de 20, Erasmo Xavier criou desenhos para capas da revista “Cigarra”, além de numerosas outras ilustrações.

Segundo Câmara Cascudo, “pela inspiração modernista, pelo arrojo das cores, pela disposição das massas, pelo inusitado do conjunto, o trabalho era magistral. Ninguém o superou” (Natal, 1948).

QUADRO DE ACADÊMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota, Gaudêncio Torquato
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo, Dácio Galvão
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Archanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho, Marcelo Alves Dias de Souza.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo, Luiz Eduardo B. Suassuna.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado, Geraldo Melo. (vaga)
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado. Edilson P. Nobre Jr. (cleiro)

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís António	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
março de 2022

www.offsetgrafica.com.br

ANRL: RUMO À LUZ

Um grupo de intelectuais, tendo à frente Luís da Câmara Cascudo, fundou, em 1936, a Academia Norte-rio-grandense de Letras, com sede em Natal. Composta inicialmente de 25 sócios, a nova instituição cultural realizou sua primeira sessão a 14 de novembro numa das salas do Instituto de Música do RN. Naquela ocasião elegeu-se a diretoria, cabendo a presidência ao poeta e escritor Henrique Castriciano.

Reforma estatutária, de 1948, aumentou o número de acadêmicos para trinta, e mais tarde, em 1957, para quarenta.

A que se propõe a ANRL?

Segundo o art. 1º do seu estatuto, ela, "tem por finalidade a cultura da língua, da literatura, ciências e artes, notadamente da história, sociologia, folclore, crítica, poesia, ficção e comunicações sociais de modo geral".

A sede própria da ANRL, situada à Rua Mipibu, nº 443, Natal, conta com biblioteca, auditórios, etc. Dentre a sua programação cultural destaca-se a "Academia para Jovens".



Parceiro nesta edição:

Offset
Editora

ISSN 0567-5995



9 770567 599002